

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Gilmar de Araújo Marques

Protestantismo de Exílio:
Kalley e os Exilados da Ilha da Madeira em Illinois

São Paulo
2006

GILMAR DE ARAUJO MARQUES

**PROTESTANTISMO DE EXÍLIO:
KALLEY E OS EXILADOS DA ILHA DA MADEIRA EM ILLINOIS**

Dissertação apresentada à Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Máspoli de Araújo Gomes

São Paulo
2006

M357p

Marques, Gilmar de Araújo.

Protestantismo de Exílio: Kalley e os Refugiados da Ilha da
Madeira em Illinois / Gilmar de Araújo Marques – 2006.
140 f. : 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) –
Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.

Bibliografia: f.. 135-138

1. Protestantismo 2. Exílio 3. Refugiados 4. Ilha da Madeira
5. Illinois 6. Aculturação 7. Religião 8. Kalley, Robert Reid

I. Título

CDD 299
LC BV2785

GILMAR DE ARAUJO MARQUES

**PROTESTANTISMO DE EXÍLIO:
KALLEY E OS EXILADOS DA ILHA DA MADEIRA EM ILLINOIS**

Dissertação apresentada à Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Aprovado em 30 de agosto de 2006.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Máspoli de Araújo Gomes
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. João Baptista Borges Pereira
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Douglas Nassif Cardoso
Universidade Metodista de São Paulo

A Deus, o Senhor de todas as coisas, visíveis e invisíveis, pelo seu amparo e proteção na conquista deste grande objetivo em minha vida. A Ele, toda honra e toda a glória!

À Minha esposa, companheira de todas as horas, pelo seu apoio e incentivo; às minhas filhas, herdeiras da promessa, pela confiança na realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Aos amigos José da Conceição e sua esposa, D. Helena, pela gentileza e hospitalidade em receber-me e abrigar-me em sua casa, durante todo o período em que estive em São Paulo, para o curso de mestrado.

À amiga Cleusa, bibliotecária da Faculdade de Teologia, pela sua maneira sempre gentil e dedicada no atendimento com os materiais de pesquisa, indispensáveis à conclusão deste trabalho.

Ao Prof. Antônio Máspoli de Araújo Gomes, meu orientador, pelo seu acompanhamento, pelo desafio e pela liberdade que tive na construção do meu pensamento.

Ao Prof. João Baptista Borges Pereira, meu professor, pelas sugestões e informações técnicas essenciais no desenvolvimento deste trabalho.

Ao Prof. Douglas Nassif Cardoso, especialista em Kalley, pelas sugestões quanto a literatura e as observações oportunas na fase de qualificação.

Ao Prof. Hermisten Maia Pereira da Costa, professor de Pensamento Reformado, pela sua prontidão em atender-me quanto a esclarecimentos de assuntos relacionados à teologia reformada.

À Prof. Márcia Mello Costa De Liberal, professora que ampliou o meu olhar para o fenômeno religioso, numa perspectiva de mudança social.

Ao Prof. Ronaldo de Paula Cavalcante, professor de História Antiga e Medieval, pela importância demonstrada nos estudos dos movimentos do misticismo e evolução do pensamento medieval.

Ao Prof. Osvaldo Henrique Hack, professor de História da Reforma, pelo estudo dos grandes vultos da Reforma, os seus exemplos e inspiração para os dias de hoje.

Ao Prof. Paulo José Benício, professor de Patrística, pelo estudo sobre a importância dos Pais da Igreja na formação do texto das Escrituras Sagradas.

Aos demais professores e funcionários da Pós-Graduação em Ciências da Religião do Mackenzie, pelo incentivo à realização deste trabalho.

Ao Rev. Saulo Marcos Simões, Capelão da Universidade Mackenzie, pelo apoio, incentivo e pela amizade com que sempre me tratou, suprimindo as minhas necessidades, tanto as espirituais como o suporte para a conclusão desta obra.

“Cá sofremos aflição,
Cá, desgostos perto estão,
Mas lá no céu há paz.”

Robert Reid Kalley, em 09 de agosto de 1846 a bordo do navio William de Glasgow vendo as chamas devorando a materialização do seu sonho de amor cristão ao povo madeirense, cantou sentidamente o hino que compusera três anos antes. (Eduardo Moreira in “Vidas Convergentes”)

RESUMO

Robert Reid Kalley, médico e missionário escocês, pode ser considerado um dos principais personagens do protestantismo de exílio, na história do protestantismo mundial. No entanto, ele é pouco conhecido e pouco valorizado na História da Igreja e na História das Missões. Considerando que Kalley também é um representante do protestantismo de missões, uma vez que ele foi o pioneiro na inserção do protestantismo no Brasil. O presente projeto busca resgatar a biografia de Kalley, enfatizando o seu pensamento e a sua obra realizada na Ilha da Madeira e em Illinois, nos Estados Unidos, antes da sua vinda para o Brasil. A literatura existente sobre a biografia e a obra de Kalley e os documentos pessoais dos remanescentes dos refugiados da Madeira em Illinois, mostram algumas características do protestantismo de exílio praticado por aquelas comunidades, cuja origem deu-se no trabalho missionário da Ilha da Madeira. Para caracterizar o protestantismo praticado pelos refugiados da Madeira como protestantismo de exílio procuramos mostrar a origem do movimento protestante através da reforma protestante do século XVI e os desdobramentos advindos das lutas políticas e sociais relacionadas com o confronto com a hegemonia religiosa no continente europeu em torno do poder político do catolicismo romano. A partir de situações similares, reportamos aos movimentos ocorridos em períodos de perseguição religiosa, na História da Igreja. Procuramos demonstrar a semelhança entre esses movimentos e a perseguição sofrida por Kalley e os exilados da Madeira e os desdobramentos nas ilhas do Caribe e em Illinois . A análise do trabalho missionário de Kalley revela como ele sempre procurou estar contextualizado com as questões eclesiais, políticas e sociais que iam surgindo no decorrer da sua vida. Analisando a evolução da comunidade portuguesa em Illinois, pudemos observar que a origem religiosa e a língua foram os eixos de estruturação da vida social dos refugiados nos primeiros anos de vida na América e no decorrer dos anos, a comunidade passou pelo processo de aculturação, sendo praticamente absorvida pela cultura do país que os acolheu. A partir dessas observações, procuramos aglutinar esses diversos elementos em seis categorias ou eixos que podem delinear o tipo de protestantismo que eles praticaram e identifica-los como protestantismo de exílio. Essas categorias são: Perseguição; Dispersão; Difusão; Adesão; Oposição; Dissensão ou Assimilação.

Palavras-chave: Protestantismo de Exílio. Kalley. Exílio. Refugiados. Ilha da Madeira. Illinois. Aculturação. Religião

ABSTRACT

Robert Reid Kalley , Scottish missionary and doctor, certainly is considering one of the principal personages exile's protestantism in the history of the world protestantism. However he's a few know and few appreciated in the church history and mission protestantism, considering that he was pioneer of the protestantism in Brasil. This project aspire to ransom the Kalley's biography, with emphasis in his thinking and his work made in Madeira Island and Illinois State, in the United States of America, before arrived to Brazil. The literature about the biography and Kalley's work and personal records from Madeira's remaining refugees in Illinois, show some feature of the exile's protestantism practiced for those communities, whose origin happened in missionary's work of the Madeira Island. For to characterize practice protestantism for Madeira's refugee like exile's protestantism aspired showed the origen of protestant moviment through Protestant Reform sixteenth century and developping social and politcs fight according with confront with religious supremacy in the european continent around politic power of the roman catolicism. Delivery from similar situations, turn back the moviment happened in religious persecution period of Church History. Aspiring to show analogy between these moviments and the persecution suffering Kalley and the Madeira Exiles and developping in the Caribbean Islands and Illinois. The analylis of the Kalley's missionary work reveal how he always standed context with ecclesiastic politics and social question arised during his life. The analysis of evolution portuguese community in Illinois, to observe that religious origin and tongue was the central estructure of the social life refugees in early arrived in America and during long time of years, the Madeira community crossed process of aculturation being absolving for culture of the country that received them. In this view, gathering this several elements in six category or axis can to trace the type of protestantism that they practiced and identify us alike exiles protestantism. These category are: Persecution, Dispersal, Diffusion, Adhesion, Opposition, Dissension or Assimilation.

Keywords: Exile's Protestantism. Kalley. Exile. Refugees. Madeira Island. Illinois. Aculturation. Religious.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	AS RAÍZES HISTÓRICAS DO PROTESTANTISMO	21
2.1	O Contexto Histórico da Europa na Idade Média	21
2.2	A Reforma Protestante do XVI Século	23
2.3	Principais Ramos do Protestantismo	24
2.4	O Puritanismo e a Evolução Histórica da Reforma	27
2.5	A Formação do Protestantismo Americano	29
2.6	Teologia da Velha e da Nova Escola	32
3	AS CARACTERÍSTICAS DO PROTESTANTISMO DE EXÍLIO	35
3.1	Calvino e os Refugiados Franceses em Estrasburgo	36
3.2	John Wesley e o Movimento Metodista	37
3.3	John Knox e os Refugiados Ingleses em Genebra	39
3.4	A Noite de São Bartolomeu e os Refugiados Huguenotes na Inglaterra	40
3.5	John Robinson e os Refugiados Puritanos Ingleses em Plymouth	42
3.6	Zinzendorf e os Refugiados Moravianos na Saxônia	42
4	A BIOGRADIA DE ROBERT REID KALLEY	44
4.1	Seu Nascimento e Infância	44

4.2	Seus Estudos e Formação Acadêmica	45
4.3	Suas Atividades Profissionais	46
4.4	A Natureza do Seu Ministério	48
4.4.1	<i>Um Ministério Autônomo e Independente</i>	48
4.4.2	<i>A Prática da Mentoria</i>	51
4.4.3	<i>A Prática do Culto Doméstico</i>	53
4.5	A sua Estratégia Missionária	55
4.5.1	<i>A Rede de Relacionamentos com Pessoas Influentes</i>	57
4.5.2	<i>A Prática da Medicina como Ponte na Disseminação da Fé Protestante</i>	60
4.5.3	<i>A Alfabetização com uso de Bíblias</i>	63
4.5.4	<i>A Utilização de Colportores</i>	66
4.6	A sua Postura Ética Diante das Questões Sociais	69
4.6.1	<i>A Luta pelos Direitos Civis</i>	60
4.6.2	<i>A Questão da Escravatura</i>	71
4.6.3	<i>A Filantropia diante de Surtos de Epidemia</i>	73
4.7	A sua Postura Teológica e Doutrinária	75
4.7.1	<i>Em Relação ao Batismo</i>	77
4.7.2	<i>Em Relação à Ceia</i>	80
4.8	A Sua Produção Literária	82
4.8.1	<i>A Produção de Hinos</i>	82
4.8.2	<i>As Cartas Enviadas</i>	84
4.8.3	<i>A Edição e Tradução de Livros</i>	84
4.9	As Perseguições Sofridas	85
5	OS REFUGIADOS DA ILHA DA MADEIRA EM ILLINOIS	96

5.1	Os Elementos Essenciais da Cultura Portuguesa	96
5.2	A Teoria da Aculturação	100
5.3	Definição de Termos Relacionados a Refugiados	102
5.4	O Conceito de Intolerância Religiosa	105
5.5	O Surgimento de uma Igreja Protestante na Ilha da Madeira	107
5.6	A Perseguição na Ilha	110
5.7	A Saída da Ilha e a Chegada dos Exilados da Madeira em Illinois	111
5.7.1	<i>A Saída dos Exilados da Ilha da Madeira</i>	111
5.7.2	<i>A Permanência dos Exilados em Trinidad</i>	112
5.7.3	<i>A Chegada dos Exilados aos Estados Unidos</i>	114
5.7.4	<i>A Chegada dos Exilados a Illinois</i>	116
5.8	O Estabelecimento de Comunidades Portuguesas em Illinois	118
5.8.1	<i>As Dificuldades na Chegada e a Adaptação dos Primeiros Grupos</i>	118
5.8.2	<i>O Início do Ministério Pastoral de Antônio de Mattos</i>	120
5.8.3	<i>O Trabalho Pastoral de Kalley em Illinois</i>	122
5.8.4	<i>A Controvérsia Teológica entre Antônio de Mattos e Kalley</i>	124
5.8.5	<i>As Igrejas de Springfield no Século XIX</i>	127
6	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	185
7	CONCLUSÃO	198
8	REFERÊNCIAS	201
9	APÊNDICE	206

1 INTRODUÇÃO

A maioria dos biógrafos do médico-missionário Robert Reid Kalley têm procurado mostrar que, apesar da importância do seu trabalho missionário realizado inicialmente na Ilha da Madeira, os desdobramentos desse trabalho em Trinidad e demais ilhas britânicas no Caribe, Illinois, Portugal e o seu trabalho missionário desenvolvido no Brasil, ele não tem sido devidamente reconhecido pelos historiadores da História da Igreja e da História das Missões. O sociólogo francês Émile G. Leonard¹, embora mencione alguns de seus notáveis feitos coloca-o junto daqueles “propagandistas anglo-saxões aristocratas ou burgueses ricos que, por motivos culturais ou de saúde tornavam-se grandes viajantes e utilizavam fortuna e turismo na difusão da fé protestante” Testa², um dos biógrafos de Kalley diz que ele é “um estranhamente esquecido na literatura das missões e do movimento ecumênico”. (1963, p. 7) Ele ainda se queixa de Keneth Scott Latourette, autor dos sete volumes de *History of the Expansion of Christianity* (1945): o autor nem sequer menciona o nome de Kalley quando escreve sobre o seu trabalho missionário na Ilha da Madeira. (1963, p. 11)

César³, ao falar sobre o trabalho missionário no Brasil, anuncia como título o seguinte: “Missionário *free-lancer* vem para o Brasil”, indicando a leitura que muitos historiadores fazem da pessoa de Kalley.

Forsyth⁴, outro biógrafo, acrescenta que Kalley “permaneceu desconhecido e foi enterrado num canto qualquer de um cemitério em Edimburgo, que é raramente visitado, e

¹ LÉONARD, Émile-G. *O protestantismo brasileiro; estudo da eclisiologia e história social*. São Paulo: ASTE, 1952. p. 49.

² TESTA, Michael P. *O Apóstolo da Madeira*. Lisboa: Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal, 1963.

³ CESAR, Elben M. Lenz. *História da Evangelização do Brasil: Dos Jesuítas aos Neopentecostais*. Viçosa: Ultimato, 2000. p.82.

tudo que ele conseguiu realizar no campo missionário permanece não reconhecido até os dias de hoje”. (2006, p.11)

Ele apresenta como razão pela qual Kalley ficou relegado ao esquecimento, o fato de que ele não foi para um local que fosse considerado genuinamente como campo missionário, uma terra marcada pelo paganismo como África, Índia, China, Birmânia ou os mares do sul. “Estes eram países pagãos, habitados por idólatras, seguidores de falsos cultos, que andavam na escuridão e, por isso mesmo, precisam urgentemente da luz do evangelho”. (2006, p.12) Madeira e Brasil e as demais colônias portuguesas, eram consideradas “cristãs”, domínios da “Santa Madre Igreja”, e como tal, não precisavam da “conversão protestante”.

Uma segunda razão porque Kalley permaneceu no anonimato é que ele não representava uma igreja ou sociedade missionária. Ele era independente; não trabalhou sob o patrocínio de uma igreja especificamente, nem era dependente de qualquer sociedade missionária para o seu sustento. “Kalley era um homem de recursos; na linguagem de seus dias, um missionário aristocrata. Ele, portanto, não teve a publicidade que uma sociedade missionária poderia lhe ter dado; também deve ser dito que ele mesmo nunca buscou ou desejou o reconhecimento público. Na verdade, ele evitava isso”. (2006, p.12)

Outra razão pela falta de reconhecimento do seu trabalho, tem a ver com a personalidade do próprio Kalley. “Ele mesmo se ocultava, colocando-se em segundo plano; era um homem de profunda humildade. Como Moisés, Dr. Kalley era ‘muito manso’; um leão, quando os interesses do Senhor e seu reino estavam em jogo; porém, ‘humilde e manso de coração’, quando interesses de natureza simplesmente pessoal eram ameaçados. Era bem conhecido e muito admirado apenas por um limitado círculo de amigos; fora deste círculo, era desconhecido e toda a sua dignidade não era reconhecida.” (2006, p.12)

⁴ FORSYTH, William B. *Jornada no Império: Vida e Obra do Dr. Kalley no Brasil*. São José dos Campos: FIEL, 2006. p.11.

As características da conversão e do chamado de Kalley bem como as peculiaridades do seu trabalho realizado na Ilha da Madeira formaram as matrizes do tipo de ação missionária que caracteriza o tipo de protestantismo desenvolvido por ele nas comunidades dos exilados em Trinidad e no Illinois e na Igreja Evangélica Fluminense que ele implantou no Brasil.

Para compreender melhor a cosmovisão de Kalley em relação à sua fé e prática missionária, buscamos na origem do protestantismo desde a Reforma Protestante no século XVI, os fundamentos básicos da fé reformada e a evolução pela qual passou ao longo dos anos através das influências políticas e teológicas sofridas principalmente na Inglaterra e na Escócia até o século XIX, dentro do contexto onde ele viveu até a sua saída para a Madeira.

Buscando uma compreensão sobre a origem do protestantismo, necessário se faz conhecer os antecedentes históricos e o contexto em que vivia a Europa no final do período medieval.

Visando buscar as características do protestantismo de exílio praticado por Kalley e pelos seus seguidores, buscamos identificar as suas matrizes através da análise de movimentos de refugiados por perseguição política e religiosa sofrida por grupos de protestantes na Europa e nos Estados Unidos, observando as semelhanças com os refugiados da Madeira em Trinidad e nas comunidades do Illinois.

O primeiro grupo a ser observado refere-se ao período que Calvino permaneceu em Estrasburgo, nos anos de 1538 a 1541, quando ele trabalhou como pastor junto aos refugiados franceses. Em seguida examinamos o trabalho pastoral de John Knox no período de 1555 a 1558 em Genebra, com os refugiados ingleses perseguidos durante o reinado de Maria I, também chamada de Maria Tudor. Também relatamos o movimento dos huguenotes, os refugiados franceses na Inglaterra, por causa da perseguição sofrida no massacre de São Bartolomeu. Outro grupo relatado refere-se aos Peregrinos na Colônia de Plymouth, os

refugiados ingleses nos Estados Unidos. O outro grupo analisado refere-se ao movimento liderado por Zinzendorf junto aos refugiados da Boêmia na Saxônia, os irmãos moravianos. Um referencial teórico importante a ser trabalhado é o modelo missionário da igreja primitiva em Atos dos Apóstolos.

Procuramos traçar um paralelo entre esses movimentos de refugiados e os refugiados da Madeira buscando estabelecer uma relação de semelhanças entre as suas principais características.

Para isso, necessário se faz conhecer a biografia de Kalley. Procuramos apresentar de forma sucinta a sua biografia, com ênfase na sua obra missionária e nas características do seu trabalho, relacionando-o ao protestantismo de exílio.

Foram analisados temas como a natureza do seu ministério, onde procuramos mostrar que ele tinha um ministério autônomo e independente, adotava a prática de mentoria, uma espécie de consultor ou orientador das várias comunidades que foram formadas pelo seu trabalho missionário, o que fazia principalmente através das cartas e a prática do culto doméstico, que constitui a marca do seu ministério; a sua estratégia missionária, onde procuramos mostrar que ele mantinha uma rede de relacionamentos com pessoas influentes, a prática da medicina como ponte na disseminação da fé protestante, a alfabetização com uso de bíblias e a utilização de colportores, na distribuição de literatura; a sua postura ética diante das questões sociais, mostrando a sua luta pelos direitos civis, a sua posição contrária à escravatura, o seu espírito filantrópico diante de surtos de epidemia; a sua postura teológica e doutrinária, principalmente em relação ao Batismo e a Santa Ceia; a sua produção literária, como a produção de hinos, as cartas enviadas e a edição e tradução de livros; as viagens que empreendeu em várias regiões do mundo e as perseguições que sofreu, principalmente na Ilha da Madeira e no Brasil.

Para uma compreensão antropológica do objeto da nossa pesquisa, analisamos os refugiados da Ilha da Madeira, a partir dos elementos essenciais da cultura portuguesa, buscando, na herança cultural do povo português, as influências recebidas de outros povos e as transformações estruturais sofridas pela sua própria evolução histórica, dentro da diversidade cultural que lhe é própria. Buscando elementos que apontem para uma identidade cultural, percebe-se que o povo português tem caráter essencialmente expansivo, determinado em parte por uma situação geográfica, na força atrativa que o Atlântico exerce da alma da nação, pelas conquistas alcançadas ao longo da sua história. Dotada de uma personalidade psicossocial complexa por conta das diferentes tendências das populações que formaram o país, Portugal nasce da luta contra os mouros, numa guerra com característica política e religiosa, uma vez que, enquanto se reconquista o solo da pátria expulsa-se o inimigo da fé católica, que se torna um traço característico da identidade nacional. Buscando identificar algumas constantes culturais do povo português, procuramos apresentar algumas características como a sua religiosidade, a sua capacidade de adaptação, a sua afetividade, a sua solidariedade e o seu caráter violento e cruel, quando tem ferido o seu orgulho.

Buscando uma compreensão do processo de adaptação pelo qual os refugiados passaram em Illinois, buscamos no referencial teórico, o conceito da teoria da aculturação que procura explicar o processo do encontro entre duas ou mais culturas, através do contato direto e contínuo. Contatos dessa natureza implicam geralmente a transmissão de certos elementos da cultura material e não material de uma sociedade a outra. Todavia, a transmissão vai precedida por uma seleção que traz as implicações de aceitação de alguns e a rejeição de outros elementos culturais e da modificação de elementos aceitos, podendo ocorrer a desintegração de uma ou várias culturas, sob a influência dos contatos que se estabelecem entre os seus portadores.

Para uma compreensão da nomenclatura utilizada nos assuntos relacionados a “refugiados”, buscamos da definição de termos nas políticas governamentais de apoio aos refugiados nas Nações Unidas, como deslocamentos internos, emigração, imigração migrante, migração e refugiados.

Buscando um entendimento das reações agressivas do povo católico da Ilha da Madeira para com os protestantes na Ilha da Madeira, encontramos no conceito de intolerância religiosa, as raízes históricas de como a intolerância tem se desenvolvido durante a história do protestantismo, considerando principalmente o contexto em que viviam os madeirenses. A intolerância é apresentada como tendo um fundamento irracional, mas também racional. Em nome da segurança, o homem aceita racionalmente a intolerância do Estado contra outros povos e culturas – tomados em geral como um todo homogêneo que ameaça a ordem interna. As desavenças em torno da fé também atendem aos objetivos do poder político e das classes dirigentes, mas isto só se torna possível porque os indivíduos internalizam a aversão e ódio ao *outro*, ao que pensa ou manifesta sua fé de maneira diferente da dele. A intolerância está enraizada e introjetada no ser humano e se manifesta tanto nas grandes questões que envolvem disputas políticas, mas também em relação a costumes e na forma como se encara o *diferente*.

Espera-se que este trabalho possa contribuir com a pesquisa no campo da Ciências da Religião, da Antropologia e da Sociologia da Religião. Peter Berger⁵ afirma que a religião desempenha uma parte estratégica no empreendimento humano da construção do mundo, uma vez que ela representa o ponto máximo de auto-exteriorização do homem pela infusão, dos seus próprios sentidos sobre a realidade. A religião supõe que a ordem humana é projetada na totalidade do ser.

⁵ BERGER, Peter L. O Dossel Sagrado. São Paulo: Paulus, 1985. p.41

Considerando a natureza da nossa pesquisa, utilizamo-nos do método fenomenológico, que estabelece que o fenômeno é o próprio objeto de estudo ou de pesquisa, sendo definida como “*aquilo que se manifesta ou que se revela por si mesmo*”.

Sendo assim, olhando para o nosso objeto de estudo, podemos extrair características comuns, que apresentam certas semelhanças com a vivência de fé de outros grupos de protestantes refugiados ao longo da história da igreja.

A partir dessa observação, procuramos aglutinar esses diversos elementos em seis categorias ou eixos que podem delinear o tipo de protestantismo que eles praticaram e identifica-los como protestantismo de exílio. Essas categorias são: Perseguição; Dispersão; Difusão; Adesão; Oposição; Dissensão ou Assimilação. Sendo que, estes elementos estão condicionados de tal forma que, a categoria precedente produz ou provoca a categoria conseqüente, formando um círculo vicioso, com exceção da categoria *assimilação*, pois quando isso acontece, o protestantismo de exílio é descaracterizado.

Acredita-se que esta pesquisa poderá fornecer subsídios para uma melhor compreensão a respeito da comunidade portuguesa nos Estados Unidos, como comunidade protestante, observando-se a sua integração cultural e social e as principais características do protestantismo de exílio.

Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para uma conscientização sobre a necessidade de conhecer a validade dos estudos de ciências humanas como instrumento de auxílio na compreensão do fenômeno religioso dentro das Ciências da Religião.

A importância teórica é a produção de conhecimento que se dará através da investigação do objeto pesquisado e a importância prática será a divulgação do resultado da referida pesquisa à Coordenação do Curso e à Universidade como um todo, principalmente àqueles que trabalham com Ciências da Religião.

A importância pedagógica do presente projeto é a produção do conhecimento científico realizado pelo aluno do curso de Mestrado em Ciências da Religião, sendo que esta atividade servirá para avaliação da Dissertação para fins de Defesa.

2 AS RAÍZES HISTÓRICAS DO PROTESTANTISMO

Buscando uma compreensão sobre a origem do protestantismo, necessário se faz conhecer os antecedentes históricos e o contexto em que vivia a Europa no final do período medieval.

2.1 O Contexto Histórico da Europa na Idade Média

. A Idade Média, que durou em torno de mil anos, não pode ser definida em um único período, visto que houve vários períodos dentro da mesma. O importante é mostrar, de forma sucinta, o que caracterizou o espírito medieval no sentido de compreensão do mundo.

COSTA⁶ afirma que “o que caracterizou a Idade Média no plano religioso é o chamado ‘teocentrismo’, que consistia em considerar Deus como centro de todas as coisas, de todas as preocupações filosóficas, sendo a metafísica a ‘rainha das ciências’. Os filósofos-teólogos estavam dominados pela idéia do ‘sagrado’, absortos em sua contemplação mística, que era o que restava ao homem religioso, carente de uma comunhão mais íntima e direta com Deus” (COSTA, 2004, p.31).

Observa-se também, que na Idade Média havia uma sociedade estática, sem grande mobilidade social, onde as transformações eram lentas nos diversos setores da vida cultural,

⁶ COSTA, Hermisten Maia Pereira. *Raízes da Teologia Contemporânea*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

social, econômica e política. Cada pessoa estava de certa forma presa a um papel na ordem social, sem que houvesse perspectivas de mudança. A hierarquia social estava tão rigidamente estabelecida que se confundia com a própria ordem divina. “A ingerência do Estado era enorme na vida privada, havendo leis contra todos os males imagináveis. Ao mesmo tempo, havia uma unidade cultural das elites, reconstruída pela Igreja através do latim, língua falada por toda a classe culta e pela leitura dos poucos livros controlados pelo clero, que permitia haver um modo de viver semelhante entre as classes iguais nos lugares mais diversificados da Europa” (COSTA, 2004, p.32).

Neste contexto, havia um elemento ideologicamente agregador entre os indivíduos: a Igreja. A igreja tentava transmitir aos indivíduos a idéia do seu amor incondicional. Este “amor”, de forma declarativa, mas não real, ela dizia oferecer a todos os seus filhos, através da possibilidade de se adquirir a sua salvação mediante as penitências, ou mesmo, da compra de indulgências, que tinha o poder de perdoar, salvar ou abrandar as penalidades do Purgatório. O confessionário, além de fonte de renda, se tornou um elemento importante de controle, dominação e fortalecimento do poder do papa e do clero. Através da confissão, os fiéis sentiam-se muitas vezes identificados com a Igreja e com isso, melhor socializados. Ao mesmo tempo, usufruíam em algumas circunstâncias do “alívio” da declaração do seu perdão. Nesse caso, o conforto do fiel estava em pertencer à Igreja, sentir-se amparado e perdoado por ela, fazendo parte do seu corpo.

Nos fins da Idade Média o que se tornou evidente foi um sentimento de “ansiedade moral” e “ansiedades da culpa e da condenação”, que fazia com que os fiéis não poupassem esforços no sentido de obterem a salvação sonhada e jamais obtida: os recursos eram vários; contudo, todos, ainda que somados, eram insuficientes.

2.2 A Reforma Protestante do Século XVI

A Reforma Protestante do século 16 foi um movimento eminentemente religioso e teológico, pelo menos em sua origem estando ligada à insatisfação espiritual de muitas pessoas que através dos tempos não encontravam na igreja romana, espaço para a manifestação de sua fé nem alimento para as suas necessidades espirituais. As insatisfações não visam criar uma nova igreja, mas, sim, tornar a existente mais bíblica. Portanto, a Reforma deve ser vista não como um movimento externo, mas, sim, como um movimento interno por parte de católicos “piedosos” que, ao longo dos séculos, tinham manifestado a sua insatisfação quer através do misticismo, quer através de uma proposta mais ousada, que desejavam reformar a sua Igreja, revitalizando-a, transformando-a na Igreja dos fiéis.

A concepção da Reforma como um movimento originariamente religioso não implica na compreensão de que ela esteve restrita a apenas esta esfera da realidade, mas, um movimento de grande alcance cultural, institucional, social e político na história da Europa e, posteriormente, em todo o Ocidente. A amplitude da influência da Reforma em diversos setores da vida estava implícita em sua própria constituição: Era impossível alguém abraçar a Reforma apenas no campo da religião e continuar em tudo o mais a ser um homem de uma ética medieval, com a sua perspectiva da realidade e prática intocáveis.

COSTA afirma ainda que “o nome *protestantismo* aplicado à Reforma surgiria alguns anos depois, tendo sua origem na segunda Dieta de Spira (1529) quando, cristãos imbuídos do mesmo espírito de Lutero, declaram o seu protesto, reafirmando o seu apego à Bíblia e à necessidade de pregá-la contínua e conclusivamente. Desse modo, mais do que um simples protesto, a palavra foi usada no sentido de testemunho positivo a respeito da supremacia da Escritura. A idéia de protestar é praticamente a mesma de confessar. O protesto era, ao mesmo tempo, uma objeção, um apelo e uma afirmação” (COSTA, 2004, p.73).

Surgida na Europa no século XVI, A Reforma Protestante espalhou-se pelo mundo. Contudo, esse processo não foi uniforme. As modificações que o protestantismo sofreu em sua trajetória foram substanciais e levaram-no a uma descaracterização profunda. Ênfases e doutrinas passaram por tamanha transformação a ponto de ser difícil uma compreensão do que era o protestantismo no século XIX.

Gouvêa relata que “na segunda metade do século XVIII, com o movimento metodista de João Wesley, na Inglaterra, estava praticamente encerrado o longo ciclo da Reforma Protestante. Daí por diante, o protestantismo esteve mais ou menos sujeito a ondas e desdobramentos que nada mais foram do que ênfases periódicas nesta ou naquela corrente teológica ou litúrgica.”

Embora não se deixe de lado o movimento luterano, que geograficamente ocupou os territórios alemães e os países escandinavos e que oportunamente teve desdobramentos que se incorporaram às formas protestantes que se transportaram para a América do Norte no período da grande emigração europeia, são a Inglaterra, a Irlanda e a Escócia que vão constituir o grande laboratório em que se fundiu o protestantismo que influenciou na formação teológica de Kalley, retratada na sua obra missionária.

2.3 Principais Ramos do Protestantismo

Apesar da unidade geral de seus princípios e objetivos em decorrência da diversidade que se verificou na Reforma, o protestantismo, através da sua história, tem apresentando uma grande variedade. Amaral divide os vários ramos protestantes em dois grandes grupos. No primeiro, reúne os três primeiros tipos: o *luterano*, o *reformado* e o *anglicano*, os quais se distinguem pela concepção, herdada da reforma clássica de que o

protestantismo deve ser continuador da igreja tradicional, realizando as reformas que se fizerem necessárias; e no segundo, agrupa os variados ramos que se distinguem pela intenção de descontinuar a tradição eclesiástica e operar uma restauração da igreja primitiva. Assim, os principais ramos do protestantismo são:

A- Luterano – A influência que Lutero exerceu na Alemanha e em alguns países determinou um ramo de protestantismo conhecido como “luterano”, sobre o qual também exerceu influência Melancton, amigo de Lutero que sistematizou idéias deste reformador. O luteranismo é conservador, no sentido de achar que se deve achar que se deve rejeitar da igreja tradicional somente o que, especialmente no terreno das práticas eclesiásticas, tenha expressa proibição das Escrituras, razão porque o seu culto mantém na liturgia, nos indumentos do celebrante, nos ornatos, certos elementos não adotados em vários outros ramos de protestantismo.

B- Reformado – Também chamado de “calvinismo” é o ramo de protestantismo que sofreu a influência de Calvino e de homens como Farel, Bucer e Knox – e assim é denominado, apesar de certa confusão que decorre desse nome, pois afinal todos os ramos do protestantismo são “reformados”, porque vêm da reforma. Na Escócia, e em vários outros países, eles são chamados “presbiterianos”, porque o seu governo é exercido por “presbíteros”, e na Itália formam a tradicional igreja valdense. Os reformados não só rejeitam no culto o que lhes parece proibido nas Escrituras, como em geral somente aceitam o que lhes parece ter a garantia dos textos bíblicos. Apresentam maior simplicidade em seu culto e determinados rigores em sua orientação geral.

C- Anglicano – A Reforma na Inglaterra produziu um ramo de protestantismo, que é, em geral, quanto a tradições da igreja, bastante conservador. Embora tendo influência teológica da igreja reformada, o anglicanismo conservou, mais que outros ramos do

protestantismo, feições tradicionais da igreja, na hierarquia, no ritual e nas praxes eclesiásticas; e tolera em seu seio grandes divergências teológicas e rituais, obrigando alas extremas, como a do catolicismo anglicano, com certa aproximação da igreja católica romana e das orientais. Com o anglicanismo relacionam-se as igrejas episcopais de outros continentes, que fazem parte da chamada comunhão anglicana.

D- Independentes – Herdeiros de certos grupos da reforma, porém apresentando características que os tornam muito diversos de alguns ramos protestantes tradicionais e clássicos, tem tido proeminência na história do protestantismo alguns ramos independentes, que se distinguem pela adoção da forma de governo que confere a máxima autoridade às assembleias locais, e também pela rejeição do batismo infantil e, em muitos casos, pela prática do batismo por imersão. São os independentes, da Inglaterra, os congregacionais, o grande ramo dos batistas e outros grupos.

E- Mistos – Igrejas protestantes representam mistura ou cruzamento de orientações tradicionais diversas, principalmente no que toca ao governo eclesiástico. O próprio metodismo – que originou de movimento operado no seio da igreja anglicana, da qual herdou muitos elementos – adota, em seu governo, orientação sincrética.

As Igrejas formadas a partir do trabalho missionário de Kalley apresentam características próprias das regiões em foram implantadas, e das denominações a que ficaram ligadas. Em Illinois, ligadas à Igreja Presbiteriana, são igrejas do ramo reformado. No Brasil, considerando a forma de governo congregacional, a Igrejas evangélicas, implantadas no Rio de Janeiro e em Recife, são do ramo independente.

2.4 O Puritanismo e a Evolução Histórica da Reforma

O protestantismo que surgiu da Reforma do século XVI foi longe na variedade de tendências e instituições que gerou, e desde cedo se revelou incapaz de conservar-se unido. Mendonça⁷ afirma que, é mais adequado falar-se em “protestantismos” (luterano, calvinista, metodista, etc) que em “protestantismo”. Esses protestantismos europeus passaram por um sem-número de transformações institucionais, teológicas e culturais que fizeram deles um fenômeno religioso virtualmente distinto de suas origens históricas mais próximas.

Falando sobre o “spectrum” do puritanismo⁸, ele relata a evolução por que passou o protestantismo reformado na Europa e a sua influência na formação do protestantismo na América e que certamente exerceu influência no ministério de Kalley.

“Embora o puritanismo tenha suas raízes no calvinismo ortodoxo, com ele não se identifica e nem mesmo com as sucessivas modificações que historicamente a teologia reformada foi sofrendo. O puritanismo foi mais um modo de ser da vida religiosa que se foi ajustando, nem sempre passivamente, às várias correntes de pensamento que vão desembocar na América e se prolonga pela história do protestantismo naquele país e pelas suas áreas de influência do pensamento religioso puritano. O importante é a influência do puritanismo na vida civil e social, e parece ter sido uma feliz tradução do calvinismo no sentido de sua viabilidade eclesiástica e política” (1995, p.42).

“A luta dos puritanos contra a Igreja estabelecida teve importantes desdobramentos políticos e eclesiásticos. Sob o ponto de vista político, a Revolução que depôs Carlos I (1649) e inaugurou o período republicano e posteriormente ditatorial de Cromwell, foi uma revolução puritana. Sob o ponto de vista eclesiástico, o puritanismo foi o responsável pelo

⁷ MENDONÇA, Antônio Gouvêa; FILHO, Prócoro Velasques. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1990. p.11.

⁸ MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O Celeste Porvir: A Inserção do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Aste, 1995.

surgimento das igrejas livres, embora muitos puritanos, apesar de perseguidos, continuarem sempre na igreja oficial” (1995, p.43).

“Pode-se resumir, em termos eclesiásticos, duas tendências no puritanismo: a de formar igrejas locais autônomas, que se bastavam a si mesmas e em si eram completas, e a de se organizarem essas congregações locais em federações sob um regime republicano representativo através de consistórios locais, presbitérios, sínodos regionais e assembléias gerais nacionais. A primeira tendência foi encarnada pelas igrejas congregacionais e batistas, e a segunda pelas igrejas presbiterianas em geral” (1995, p.43).

“Na base dessas organizações eclesiásticas estava a Teologia do Pacto: cada congregação é composta por ‘santos visíveis’, que têm um pacto individual com Deus e com mais ninguém. A congregação é quem determina quem são os santos, estabelece a disciplina e exclui seus membros quando julgar necessário. É significativo o ponto de partida em que o voluntarismo e o individualismo são ressaltados. Só entra para a igreja quem quer, e a relação do fiel com Deus é questão que somente a ele toca” (1995, p.43).

As raízes teológicas do puritanismo podem ser achadas na teologia reformada da Europa continental, numa tradição inglesa de dissidência que remonta até John Wycliffe e os lolardos, mas especialmente até às labutas teológicas dos reformadores ingleses da primeira geração. Desde William Tyndale (1536), os puritanos dedicaram-se intensamente às Escrituras e a uma teologia que enfatizava o conceito de aliança; de John Knox aprenderam uma dedicação a uma reforma eficiente na igreja e no estado; e de John Hooper (1555) herdaram uma convicção resoluta de que as Escrituras deviam regulamentar igualmente a estrutura eclesiástica e o comportamento individual.

Os puritanos conseguiram certa medida de aceitação pública nos primeiros anos do reinado da Rainha Elizabeth. Depois, sofreram uma série de revezes que continuaram durante os reinados dos seus sucessores, Tiago I e Carlos I. Nos dias de Tiago I, alguns puritanos

ficaram desanimados com seus esforços reformadores e separou-se inteiramente da Igreja Anglicana. Esses Separados incluíram os “Peregrinos” que, depois de morarem na Holanda por algum tempo, estabeleceram a Colônia de Plymouth em 1620, na área ao sudeste do Estado de Massachusetts, de fundamental importância na formação do protestantismo americano.

2.5 A Formação do Protestantismo Americano

O protestantismo americano⁹ é um protestantismo de povoamento, isto é, ele foi se formando à medida que protestantes europeus passavam para as possessões inglesas à procura de novas condições de vida. Na medida em que os territórios anglo-saxões foram sendo alargados, tanto por conquista como por aquisição, espanhóis e franceses católicos foram gradativamente afastados, pouco deles restando.

Os protestantes americanos podem ser divididos em duas grandes linhas mestras procedentes da Reforma: luteranos e calvinistas. Os primeiros se organizaram entre si, procurando viver sua piedade e não se preocupando em ser “sal da terra”. Os de linha calvinista, os primeiros a chegar à nova terra, dadas as circunstâncias próprias do sentido calvinista e puritano da vida e dos fatores que condicionaram historicamente o seu êxodo da Inglaterra para as colônias, sentiam-se responsáveis pela ordem das coisas na sociedade. De modo que se pode dizer que a construção da nacionalidade americana, no seu espírito, está intimamente ligada ao calvinismo considerado em todas as suas variantes. Eficácia e bom êxito na ação como sinais de beneplácito divino são as velhas normas do espírito calvinista e,

⁹ MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O Celeste Porvir: A Inserção do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Aste, 1995.

seguramente, foram elas que involucraram o ideal dos construtores de um novo esquema de vida social no solo americano.

Os protestantes que iriam marcar o espírito do protestantismo americano seriam os puritanos e os sucessivos desdobramentos do puritanismo. Perseguidos por questões político-religiosas, os puritanos da Inglaterra emigraram em grande número para as terras da América. Em 1620, os *Pilgrim Fathers* atravessam o oceano no *Mayflower* e fundam a colônia de Massachusetts. A emigração puritana foi muito intensa entre 1628 e 1640.

Esses puritanos, membros da Igreja da Inglaterra, assumem agora a forma congregacional de governo eclesiástico, continuando calvinistas em teologia. Partidários que sempre foram do governo igualitário-democrático podiam, na nova sociedade que estavam criando, organizar-se política e eclesiasticamente segundo os seus ideais. No entanto, por questões diversas, mais adiante algumas igrejas organizaram-se federativamente, assumindo a forma presbiteriana de governo, com hierarquia de representação conciliar. Desde as origens, no entanto, já se evidenciava uma notável indiferenciação teológica, litúrgica e disciplinar que irá caracterizar todo o protestantismo americano.

O protestantismo americano desenvolveu o fenômeno religioso que se chama denominacionalismo, desenvolvimento esse que obedeceu a certos princípios que caracterizaram um modelo novo de sociedade civil-religiosa. A denominação americana é uma *associação voluntária*, o que significa a realização do ideal puritano. Na Inglaterra, pertencer à Igreja oficial e freqüentá-la era uma obrigação a que ninguém podia furtar-se a não ser sob severas penas. A denominação era uma igreja desestatizada, composta por pessoas que a ela aderiam espontaneamente e de acordo com suas preferências e convicções pessoais. A associação voluntária tinha um *propósito ou intenção*, o que justificava a existência da denominação diante de outras, com seus pontos a serem propagados, seus métodos e seus traços definitivos. A denominação americana tinha um propósito *unitivo e ecumênico*, isto é,

nenhuma denominação se julgava exclusiva dona da verdade. A denominação era *instrumental* na tarefa comum de cristianizar a sociedade, não somente a república, mas o mundo.

Toda a estrutura do protestantismo americano aparece como o outro lado da moeda em relação ao protestantismo inglês, em que a igreja oficial se erige como um bloco monolítico, que funciona dentro do princípio de coerção e a partir de uma hierarquia autoritária.

Por volta de 1640 já havia cerca de 15 mil puritanos na Nova Inglaterra. Apesar de haver numeroso contingente de presbiterianos na colônia, a forma de organização eclesiástica preferida foi a congregacional. Isto talvez possa ser explicado pelo desejo de liberdade total de quem saía de uma igreja clerical e hierárquica como a Igreja da Inglaterra.

Não foi só o sistema de organização das igrejas que refletiu os anseios dos puritanos. Cansados também da pesada liturgia anglicana, continuadora da igreja medieval, os puritanos simplificaram, de maneira profunda, o culto nas novas igrejas, estando ausente praticamente toda a tradição litúrgica. A pregação passou a ocupar o lugar central nas celebrações religiosas. A disciplina rígida dessas igrejas indicava uma religião puritana solidamente bíblica, de espiritualidade profunda, zelosa e severa, dominando todos os setores da vida, tanto social como individual.

As igrejas congregacionais logo se organizaram de maneira sólida. Outros grupos como batistas e quakers, foram perseguidos. Onde prevalecia maior liberdade religiosa foram surgindo novas associações, batistas em maior número. No fim do século XVII, começou a prevalecer o espírito de tolerância. Paulatinamente, o pluralismo protestante foi se acentuando por causa das sucessivas imigrações européias. Esse era o quadro do protestantismo norte-americano, na chegada dos exilados da Madeira no final da primeira metade do século XIX em Illinois.

2.6 Teologia da Velha e da Nova Escola

Uma questão que trouxe influências para o protestantismo americano no século XIX foi o debate teológico surgido entre a Velha e a Nova Escola, com conseqüências para as igrejas portuguesas no Illinois.

Teologia da Velha Escola¹⁰ – Os presbiterianos da Velha Escola mantiveram a ortodoxia calvinista desde a década de 1860. Os teólogos de Princeton, Archibald Alexander e Charles Hodge acreditavam que sua teologia refletia fielmente as crenças reformadas, e que ela devia ocupar uma posição central no presbiterianismo norte-americano. Argumentavam que o calvinismo deles estava historicamente alinhado com a Confissão de Fé de Westminster, com João Calvino, com Agostinho e com a própria Bíblia. O próprio termo “teologia da Velha Escola” indica que seus adeptos queriam manter as doutrinas reformadas tradicionais. Queriam um calvinismo “consistente” e desenvolveram conceitos distintos do confessionalismo, do reavivamentismo e da constituição eclesiástica. Por causa da sua posição quanto a essas questões, a facção da Velha Escola expulsou a Nova Escola da igreja em 1837, por suas divergências com ela.

Por acreditarem que a ortodoxia doutrinária era de importância primária na fé cristã, os homens da Velha Escola desejavam uma subscrição ou submissão rigorosa à Confissão de Fé de Westminster.

Muitos homens da Velha Escola, inclusive Alexander e Hodge, tinham sido grandemente influenciados por reavivamentos quando eram mais jovens, e reconheciam uma necessidade contínua do reavivamento na igreja. Mas criticavam severamente os

¹⁰ ELWELL, Walter A. Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã. Vol III. São Paulo: Vida Nova, 1990. p.496.

reavivamentistas que expressavam opiniões de Taylor na sua pregação. Condenavam os excessos emocionais e exigiam que os reavivamentos verdadeiros fossem conduzidos dentro da igreja, orientados pela posição confessional desta acerca da soberania de Deus e da incapacidade humana.

O partido da Velha Escola apoiava, também, o governo eclesiástico presbiteriano por ser mais consistente com um conceito reformado da igreja. Argumentando que a ordem eclesiástica era uma questão de fé, opuseram-se a um plano de unificação com os congregacionais, e declaravam que o governo eclesiástico presbiteriano fornecia a disciplina necessária para evitar erros na doutrina e na prática, governo este que faltava ao congregacionalismo.

‘Em 1856, 128 membros da Igreja Presbiteriana de Jacksonville foram recebidos pelo Presbitério de Sangamon, ligado à Teologia da Velha Escola da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América, mas o conflito entre a Velha e a Nova Escola acerca da validade do batismo católico romano dividiu posteriormente, a congregação de Jacksonville’.¹¹

Em 1869, as Escolas Nova e Velha tornaram a se unir, principalmente porque durante o cisma, a teologia da Nova Escola tornou-se mais ortodoxa.

Teologia da Nova Escola¹² – O presbiterianismo da Nova Escola representava a corrente principal do cristianismo evangélico nas décadas centrais do século XIX. Sua teologia calvinista modificada, seu entusiasmo pelo reavivamentismo, pela reforma moral e pela cooperação interdenominacional eram suas características mais notáveis.

A teologia da Nova Escola tinha suas raízes remotas no calvinismo de Jonathan Edwards, mas sua antecessora imediata foi a teologia de New Haven, de Nathaniel Taylor, que propunha uma teologia de governo moral. Sintetiza elementos morais da filosofia

¹¹ The Journal of Presbyterian History. Volume 75 – Number 1. Spring 1997. p.213

¹² Ibid. p.519

escocesa do senso comum com reinterpretações do calvinismo tradicional, até construir um alicerce semi-pelagiano para o reavivamentismo.

Ao negar a imputação do pecado de Adão, e ao alegar que o homem irregenerado pode corresponder a apelos morais, especialmente a morte de Cristo, Taylor argumentava que os homens não precisam esperar passivamente até que o Espírito Santo os redimisse. Seus pontos de vista refletiam uma longa tradição norte-americana da fé na liberdade humana.

Um cisma dividiu as duas escolas de presbiterianos em 1837, quando uma maioria da Velha Escola expulsou os membros da Nova Escola expulsou os membros da Nova Escola por tolerarem erros teológicos. As diferenças em relação a um plano de união com os congregacionais e à escravidão desempenharam um papel secundário. Os que foram expulsos publicaram a Declaração de Auburn, que negava dezesseis acusações levantadas pela Velha Escola.

3 AS CARACTERÍSTICAS DO PROTESTANTISMO DE EXÍLIO

A expressão “Protestantismo de Exílio” é utilizada pelo Rev. Manuel P. Cardoso, Ministro da Igreja Presbiteriana de Portugal, em seu livro “Por Vilas e Cidades: Notas para a História do Protestantismo em Portugal” – Edição do Seminário Evangélico de Teologia – Lisboa, 1998, para se referir aos portugueses convertidos no exterior, que exerceram ministérios entre comunidades portuguesas nas áreas de trabalho pastoral e tradução das Escrituras Sagradas, como foi o caso de João Ferreira de Almeida¹³ (1628-1691), nascido em Portugal e convertido ao Evangelho aos 14 anos de idade na Ilha de Java. Ele entrou no ministério pastoral da Igreja Reformada Holandesa em 16 de outubro de 1658 e depois faz a primeira tradução das Escrituras para a língua portuguesa.

Outro português convertido ao protestantismo já no século XVIII foi Francisco Xavier de Oliveira¹⁴ (1702-1783), fidalgo, conhecido como o “Cavaleiro de Oliveira”, escritor e diplomata que publicou em Londres vários trabalhos em francês, do exílio, escrevendo opúsculos e textos que eram lidos em Portugal sobre a fé protestante.

Manuel Cardoso procura diferenciar “Protestantismo de Exílio” como o protestantismo destes portugueses que viviam no exterior e se convertiam ao protestantismo e trabalhavam para levar a mensagem protestante a Portugal através de textos escritos ou do trabalho pastoral entre portugueses que viviam no exterior e “Protestantismo de Missão” para se referir ao protestantismo que vai deixar raízes no solo português.

¹³ CARDOSO, P. Cardoso. Por Vilas e Cidades. Lisboa: Seminário Evangélico de Teologia, 1998. p.25.

¹⁴ CARDOSO, P. Cardoso. Por Vilas e Cidades. Lisboa: Seminário Evangélico de Teologia, 1998. p.26.

Acontece que o iniciador do protestantismo de missão em Portugal foi o missionário presbiteriano escocês Robert Reid Kalley, uma vez que, o seu trabalho missionário possibilitou a organização em 8 de maio de 1845¹⁵, da primeira Igreja protestante estabelecida em solo português, para o povo português, a Igreja Presbiteriana Portuguesa do Funchal, na Ilha da Madeira. Ele é o mesmo que dá início ao protestantismo de exílio através de grupos de protestantes, que deixaram a Ilha da Madeira por motivo de perseguição religiosa.

Visando buscar as características do protestantismo de exílio praticado por Kalley e pelos seus seguidores, buscamos identificar as suas matrizes através da análise de movimentos de refugiados por perseguição política e religiosa sofrida por grupos de protestantes na Europa e nos Estados Unidos, observando as semelhanças com os refugiados da Madeira em Trinidad e nas comunidades do Illinois.

3.1 Calvino e os Refugiados Franceses em Estrasburgo

O primeiro grupo a ser observado refere-se ao período que Calvino permaneceu em Estrasburgo, nos anos de 1538 a 1541, quando ele trabalhou como pastor junto aos refugiados franceses. Havia naquela cidade, um forte contingente de franceses, exilados por motivos religiosos, carentes de direção pastoral, e Martin Bucer, o líder do movimento reformador, fez com que Calvino se encarregasse deles. É importante salientar que Calvino, que já era um exilado francês em Genebra, por motivos religiosos, agora, torna-se um exilado de Genebra em Estrasburgo, também por motivos religiosos, com a diferença de que, no primeiro caso, ele se exilara por ter abraçado a fé protestante e agora ele era um exilado, por questões políticas, doutrinárias e eclesiásticas, dentro do protestantismo. Considerado um tipo de

¹⁵ Ibid., p.32

protestantismo de exílio, a marca característica desse grupo está na produção literária para os franceses. Calvino produziu uma liturgia francesa e traduziu vários salmos e outros hinos, para que fossem cantados pelos franceses exilados. Além disso, produziu a segunda edição das Institutas e veio a casar-se com Idelette de Bure, com quem viveu até que a morte a levou em 1549.

3.2 John Wesley e o Movimento Metodista

O movimento metodista tinha ampla visão filantrópica, e os evangélicos dela compartilhavam. O metodismo, sob a liderança de Wesley, procurou auxiliar financeiramente os seus pobres: conseguindo trabalho, remédios para os enfermos, estabelecendo escolas e dando instrução barata e procurando eliminar a grosseria e a brutalidade nas classes inferiores (Walker, p.222).

Levados por seus esforços religiosos, humanos e caridosos, evangélicos de vários tipos freqüentemente trabalhavam juntos em sociedades voluntárias. O movimento do reavivamento deu grande impulso à difusão da literatura cristã. Wesley constantemente publicou suas obras através da Sociedade Promotora do Conhecimento cristão, fundada em 1699. O pietismo deu o exemplo com a ampla e barata publicação da Bíblia. Em 1804 a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira foi fundada em Londres pelo empenho dos evangélicos. Por sua obra foi possível a grande difusão das Escrituras. (Walker, p.224).

Em sua origem, na Inglaterra, o metodismo havia assimilado três heranças que se amalgamaram, tomando feições próprias: o arminianismo, o puritanismo e o pietismo. Esses movimentos diferentes, entre si, mas com muita coisa em comum, moldaram a teologia do metodismo. Podemos resumir assim esse amoldamento: todos esses movimentos enfatizavam

a liberdade e a responsabilidade humanas na resposta ao chamado universal de Deus para a salvação através de Jesus Cristo. Essa resposta tinha conseqüências muito precisas tais como o afastamento da “mundanidade”, a busca da perfeição cristã e a responsabilidade evangelística: o metodismo, sob a influência do arminianismo, alterada pela laicidade teológica de seus pregadores, transforma a doutrina da salvação numa antropologia dominada pelo emocionalismo volitivo. (Mendonça, p.96).

A expansão do metodismo na América do Norte se dá na esteira da conquista e colonização do sudoeste americano e das áreas do sudoeste que, por compra ou conquista, foram sendo incorporadas ao território da nova nação. As demais denominações acompanharam essa expansão, mas os metodistas, por suas peculiaridades, conseguiam se adaptar melhor às condições sociais da “fronteira”. Os metodistas estavam habituados à prática religiosa informal, a realizar suas reuniões ao “ar livre”, com seus pregadores leigos e itinerantes e sua teologia simples e emotiva. Desse modo, a Igreja Metodista estava sempre na linha de frente, era a primeira a chegar, pois não exigia lugares sagrados, nem ministros formados e nem aparato litúrgico. Os acampamentos, nas clareiras na floresta, eram lugares para seus pastores cavaleiros realizarem cultos e prédicas. As outras denominações, como os presbiterianos por exemplo, mais formalistas, ajustavam-se com certa dificuldade a essas novas condições e por isso ficaram mais ou menos na esteira dos metodistas, que cresceram extraordinariamente. Fator importante, ainda, eram as diferenças teológicas entre os metodistas e os demais de origem calvinista. O primeiro grupo a ser observado refere-se ao período que Calvino permaneceu em Estrasburgo, nos anos de 1538 a 1541, quando ele trabalhou como pastor junto aos refugiados franceses. Havia naquela cidade, um forte contingente de franceses, exilados por motivos religiosos. (MENDONÇA, p.55,56).

3.3 John Knox e os Refugiados Ingleses em Genebra

Em seguida examinamos o trabalho pastoral de John Knox no período de 1555 a 1558 em Genebra, com os refugiados ingleses perseguidos durante o reinado de Maria I, também chamada de Maria Tudor. Após a morte de Eduardo VI, em 1554, assume o trono da Inglaterra Maria Tudor, filha de Henrique VIII e Catarina de Aragão, que reinou de 1554 a 1558. Ferrenha romanista, ela levanta uma intensa perseguição contra o protestantismo inglês, inicialmente desfazendo aquilo que tinha sido feitos pelo seu pai Henrique VIII e pelo seu meio-irmão Eduardo VI, em prol do protestantismo, obrigando os sacerdotes casados a separarem-se de suas esposas, ordenando que se guardassem todos os dias santos e demais datas tradicionais. Depois passou a repressão aberta. Durante o seu reinado, 288 pessoas foram queimadas por manter suas posições protestantes, além de muitos outros que morreram nos cárceres e no exílio. Diante de tamanha perseguição, John Knox deixa a Escócia em março de 1554, passando pela França um curto período em Frankfurt, Knox assumiu o pastorado de um grupo de refugiados ingleses em Genebra, por designação de Calvino, com quem trabalhou até a morte da rainha Tudor, em 1558. Luz¹⁶ faz referência a esses refugiados ingleses em Genebra: “No dia 10 de junho de 1555, o pouco numeroso, mas resolutivo grupo de emigrados anglos encaminhou a Calvino formal petição a que se lhes provesse um lugar de culto. O Reformador Genebrino aceitou de pronto e John Knox foi indicado pastor da incipiente congregação”. (LUZ, 2001, p.79). Como um modelo de protestantismo de exílio, deve ser ressaltado que nesse período é que foi confeccionada a Bíblia de Genebra.

¹⁶ LUZ, Waldyr Carvalho. *John Knox: Patriarca do Presbiterianismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

3.4 A Noite de São Bartolomeu e os Refugiados Huguenotes na Inglaterra

Também relatamos o movimento dos huguenotes, os refugiados franceses na Inglaterra, por causa da perseguição sofrida no massacre de São Bartolomeu. Os huguenotes sofreram pressão do clero católico romano, após um período de grande prosperidade do protestantismo francês e a partir de 1659 o governo tomou como medidas, a suspensão total dos direitos civis e a perseguição em grande escala, para obrigá-los a professar o catolicismo romano. Em 1681, Luiz XIV levou a efeito, um esforço para esmagar o protestantismo na França. Tal campanha atingiu o seu clímax quatro anos depois, com a revogação do Édito de Nantes onde toda natureza de opressão e crueldade foi usada contra eles. O resultado de tudo isto foi que milhares de cidadãos foram levados à morte, outros tantos se viram submetidos a horríveis torturas e prisões. Muitos outros fugiram do país.

Nesse período, cerca de quatrocentos mil huguenotes deixaram a França. Eles foram para toda parte, para a Inglaterra, Holanda, Alemanha protestante e América. Como modalidade de protestantismo de exílio, a marca deixada pelos huguenotes foi a qualidade dos seus componentes uma vez que, a grande massa de refugiados era formada por muitos líderes das várias profissões, no comércio e na indústria, e muitos dos melhores artífices e trabalhadores vários, de forma que exerceram uma grande influência principalmente no protestantismo inglês. Nichols relata que eles “eram franceses patriotas, de uma lealdade a toda prova. A França não possuía na sua população outro elemento tão valioso” (1997, p.217).

Cardoso destaca várias características do protestantismo francês, nesse período de perseguições, que estão presentes no modelo missionário de Kalley:

Era sua experiência de fé fundante que norteava as suas vidas, dando-lhes claro sentido de missão, característico, aliás, de movimentos minoritários submetidos à repressão e tentativa de extermínio (CARDOSO, 2005, p.38).

A prática do culto doméstica era utilizada como um recurso para o exercício da religião clandestina, diante das perseguições.

Para resistir às perseguições que sofria da Igreja oficial, o movimento utilizou o recurso do culto doméstico, algo próprio no exercício de uma religião clandestina (CARDOSO, 2005, p.38).

Uma característica importante está relacionada aos cânticos huguenotes. Extraídos dos Salmos, os cânticos huguenotes distinguiam suas reuniões e até as atuações nos campos de batalha.

O protestantismo francês possuía tradição musical não condicionada aos espaços cúlticos, que perpassavam pelos caminhos do cotidiano. Além dos Salmos metrificados, que foram inspiração para a confecção do Saltério de Genebra, os huguenotes eram um grupo com alta musicalidade, expressa em cânticos entoados nos mais diversos espaços sociais (casa, trabalho, rua). O saltério de Genebra foi inspirado através da coleção produzida por Clément Marot (1496-1544). [...] os Salmos eram cantados no campo de batalha e também quando os huguenotes eram submetidos às execuções (CARDOSO, 2005, p.38,39).

Outra característica presente no movimento huguenote foi o ministério de colportagem, distribuição de Bíblias e livros religiosos. Alguns dos colportores foram martirizados e queimados vivos.

3.5 John Robinson e os Refugiados Puritanos Ingleses em Plymouth

Outro grupo relatado refere-se aos Peregrinos na Colônia de Plymouth, os refugiados ingleses nos Estados Unidos. O puritanismo foi um movimento que se originou durante a Reforma Inglesa do século XVI. O nome surgiu dos esforços para “purificar” a igreja da Inglaterra realizados por aqueles que achavam que a Reforma ainda não tinha sido completada. Os puritanos haviam conseguido certa medida de aceitação pública nos primeiros anos do reinado da rainha Elizabeth. Depois, sofreram uma série de revezes que continuaram durante os reinados dos seus sucessores, Tiago I e Carlos I. Nos dias de Tiago I, alguns puritanos ficaram desanimados com seus esforços reformadores e separaram-se inteiramente da Igreja Anglicana. Dentro desse contingente estavam os “Peregrinos” que, depois de morarem na Holanda por algum tempo, estabeleceram a Colônia de Plymouth em 1620, na área que hoje é o sudeste do Estado de Massachusetts. Também representando um tipo de protestantismo de exílio, a marca característica dos peregrinos de Plymouth foi a questão litúrgica, simplificando de maneira profunda, o culto nas novas igrejas. “Cansados da pesada liturgia anglicana, continuadora da igreja medieval, o culto passou a ter uma simplicidade extrema, estando ausente praticamente toda a tradição litúrgica”. (MENDONÇA, 1995, p.52)

3.6 Zinzendorf e os Refugiados Moravianos na Saxônia

O outro grupo analisado refere-se ao movimento liderado por Zinzendorf junto aos refugiados da Boêmia na Alemanha, os irmãos moravianos. Zinzendorf recebeu em uma propriedade que havia comprado na Saxônia, refugiados da Boêmia, grupo religioso resultante da obra de João Huss, tendo sido perseguidos e expulsos de seus lares na Morávia, se

estabeleceram no território a ele pertencente, a partir de 1722 e começou a formação de uma comunidade que tomou o nome de “Hernhut”, que significa “Abrigo do Senhor”. Por causa desse grupo de moravianos exilados, o movimento tomou o nome de Irmandade dos Moravianos, embora houvesse entre eles, um número considerável de alemães provenientes daquela região. Também um tipo de protestantismo de exílio, a característica mais marcante desse movimento foi o trabalho missionário, que tornaram famosos os moravianos e começou em 1731. Nichols¹⁷ afirma que “em poucos anos a pequena Hernhut enviou mais missionários do que o protestantismo europeu o fizera em duzentos anos”. (1997, p.223)

¹⁷ NICHOLS, Robert Hastings. *História da Igreja Cristã*. 10.ed. São Paulo: CEP, 1997. p.223

4 A BIOGRAFIA DE ROBERT REID KALLEY

4.1 Seu Nascimento e Infância

Nascido em Mount Florida, subúrbio de Glasgow, na Escócia em 8 de setembro de 1809, Robert Reid Kalley, que será chamado neste trabalho apenas de *Kalley*, era filho de Robert Kalley, um rico e bem sucedido mercador. Este era viúvo ao casar-se com Jane Reid Kalley e tinha uma filha, chamada Jessie Macredie Kalley, nascida em 1805. Do casamento entre os seus pais, nasceu além de Kalley, Jane Dow Kalley, em 1808¹⁸.

João Gomes da Rocha, filho adotivo de Kalley¹⁹ descreve os pais de Kalley como cristãos piedosos e fervorosos ligados à antiga e tradicional Igreja da Escócia (Presbiteriana)²⁰. O batismo de Kalley deu-se no dia 16 de outubro de 1809, trinta e oito dias depois do seu nascimento, na mesma igreja de seus pais²¹. Aos dez meses de idade Kalley

¹⁸ CARDOSO, Douglas Nassif. *Robert Reid Kalley: Médico, Missionário e Profeta*. São Bernardo do Campo: edição do autor, 2001. p.60

¹⁹ João Gomes da Rocha nasceu no Rio de Janeiro em 14 de março de 1861, tendo como pais legítimos Antônio Gomes da Rocha e Maria do Carmo da Rocha. Foi adotado pelo casal Kalley em 1873. Formou-se em medicina em 1887, atuou como missionário entre judeus na Inglaterra e faleceu em 1947. Escreveu “Lembranças do Passado”, obra publicada em quatro volumes entre 1941 e 1957, relatando a vida e a obra de Kalley.

²⁰ ROCHA, João Gomes da. *Lembranças do Passado*. Rio de Janeiro:CPB, 1946. Vol III. P.90.

²¹ MATOS, Alderi Souza de. Robert Reid Kalley: Pioneiro do Protestantismo Missionário na Europa e nas Américas, in *Fides Reformata*, Revista do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, São Paulo: 2003. Vol VIII n.1p.11, a igreja da Escócia foi criada pelo Parlamento em 1560, devido aos esforços de Jonh Knox (1514-1572). Conhecida popularmente como “Kirk”, ela tem sido uma Igreja Presbiteriana, à exceção de dois períodos que aderiu ao episcopalismo modificado no período dos reis Stuart (século XVII). Na parte exterior da Igreja Presbiteriana do Funchal, na Ilha da Madeira, há uma inscrição antiga com a palavra “Kirk”, feita em metal, localizada no portão de entrada, em frente a praça central do Funchal.

perdeu seu pai, de quem recebeu uma considerável herança. Dois anos depois, a sua mãe casou-se com David Kay, também da Igreja da Escócia. Ele era viúvo e tinha quatro filhos: Mary, James, Ana e Macredie.

Kalley perdeu também sua mãe em 1815. Ele ia completar seis anos de idade e ficou aos cuidados de seu padrasto. Kalley se referiu a ele como um homem excelente e piedoso, que considerava ele e suas irmãs como seus próprios filhos, sempre demonstrando interesse e orando por eles.

4.2 Seus Estudos e Formação Acadêmica

A formação escolar de Kalley foi marcada por êxitos: teve a oportunidade de estudar nas melhores escolas escocesas da época, como o Rennie School, que correspondia ao ensino fundamental e o Glasgow Grammar School, correspondente ao ensino médio. Destacou-se no estudo do latim e de oratória. Sua dedicação e curiosidade às pesquisas científicas o fizeram dele, um aluno modelo. Com apenas 16 anos de idade ingressou na Universidade de Glasgow.

Para dar prosseguimento aos seus estudos, Kalley passou por grandes lutas internas, vindo a sofrer forte pressão por parte do seu padrasto e seu avô materno, que preferiam vê-lo preparando-se para o ministério da igreja. Em uma carta escrita em 1843, ele deixou claro que chegou a pensar em estudar teologia, mas abandonou a idéia por causa de sua incredulidade.

Sendo ateu, ao escolher a carreira, não me vi com coragem de pregar e ensinar aquilo que eu considerava ser uma porção de mentiras. Abandonei, pois toda idéia de estudar teologia e escolhi a medicina (ROCHA, 1946.p.91).

Matriculou-se na Faculdade de Medicina e Cirurgia da Universidade de Glasgow em 1825. Recebeu em 1º de setembro de 1827 do Hospital Real daquela cidade, onde havia ficado como residente do curso de farmácia, o atestado de trabalhos práticos, onde demonstrou brilhantismo e talento. Ao concluir seu curso de farmácia, prosseguiu a especialização em cirurgia. Demonstrando dedicação ao estudo científico e maturidade precoce, aos 20 anos de idade, diplomou-se em farmácia e cirurgia naquela instituição, obtendo a sua licença de cirurgião (CARDOSO, 2001. p.63).

Mais tarde, Kalley voltou aos estudos obtendo o grau de Doutor em Medicina, em 1838, pela mesma Universidade de Glasgow. Sua competência foi atestada ao exercer a medicina na Ilha de Malta, Palestina e Líbano e ao submeter-se a exames e revalidar seus diplomas em Portugal e no Brasil.

Alguns anos depois, Kalley relatou sobre a impossibilidade de ter seguido naquela época a carreira ministerial, para satisfazer ao desejo de seus familiares.

Eu tinha um coração corrompido pela incredulidade, e vivia em más companhias, que me compeliram para diante (na senda do mal); além disso, estava intimamente ligado às especulações da ciência de falso nome: tudo isto concorreu para transtornar e impedir os planos de meu avô e de meu padraсто) (ROCHA, 1946. p.92).

4.3 Suas Atividades Profissionais

Logo após receber a sua licença de cirurgião, Kalley passou a trabalhar como médico de bordo em um navio à vela, que se dirigia a Bombaim, na Índia, um lugar considerado exótico para um cidadão britânico, onde havia muita pobreza e miséria. Em sua segunda viagem nesta companhia de navegação teve a oportunidade de conhecer Funchal na Ilha da

Madeira em 1831. Visitando-a ficou bastante admirado com suas belezas naturais. Nessa viagem, ele percebeu, nas regiões costeiras dos países por onde passou, uma grande parcela da população vivendo em pobreza e ignorância, presa pelas correntes do analfabetismo, da miséria e do fanatismo religioso levou-o a confirmar o seu agnosticismo.

Kalley teve oportunidade de tocar em muitas cidades costeiras e ficou chocado com o alto grau de pobreza, miséria e fanatismo religioso do Oriente. A sua reação contra as aberrações sociais e religiosas da Índia e a convicção de que um Deus pessoal não devia ser indiferente e cego em face de tão geral sofrimento, degradação e necessidade humana, foram suficientes para confirmar o seu agnosticismo (TESTA, 1963, p.19).

É importante notar, que essas viagens fizeram com que Kalley assimilasse uma nova cosmovisão, suas fronteiras pessoais foram ampliadas e incluíam todo o mundo.(CARDOSO, 2001, p.65)

Em 1832, com 22 anos fixou residência e abriu seu consultório médico em Kilmarnock, a 30 km de Glasgow. Sua competência no exercício da medicina e personalidade cativante conquistaram a sociedade local tornando-o financeiramente próspero. No início de suas atividades médicas ele reunia interessantes condições: ele era um médico rico por herança paterna, próspero por competência, com experiências de viagem, pesquisador científico e generoso, demonstrado pelo fato de ter aberto espaço em sua clínica para atender gratuitamente a população mais pobre e menos favorecida. Dessa forma, Kalley transitava bem entre as classes mais abastadas e as menos favorecidas, exercendo sua atividade médica como verdadeira vocação, característica que o acompanhou ao longo de sua vida.

No entanto, ele mantinha-se ainda totalmente distante da vida religiosa, negando a existência de Deus. São dele estas afirmações: “A minha aversão e repugnância às leis do

Criador sugeriam-me o desejo ardente que não há Deus – tudo isso para que eu desse lugar ao pecado sem temer as conseqüências e penalidades”(PORTO FILHO, 1987, p.17).

4.4 A Natureza do Seu Ministério

4.4.1 *Um Ministério Autônomo e Independente*

Esta é uma marca bastante característica do ministério de Kalley. A partir da sua conversão, ele sempre assumiu uma postura autônoma, porque não consultava a ninguém e independente, porque ele nunca dependeu nem financeiramente, nem da decisão de alguma estrutura que porventura estivesse fazendo-lhe alguma cobertura ou dando-lhe algum suporte. Ele sempre manteve uma estrutura de amizades com quem compartilhava, algumas vezes, os seus planos.

Após ter se tornado membro ativo da Igreja da Escócia em 1833, tendo sido admitido para a comunhão, ele, toma a iniciativa de ajudar um grupo de rapazes, com ensino da bíblia, nas noites de domingo.

[...] não estando plenamente satisfeito em apenas pertencer a uma igreja, ele tomou a iniciativa de ajudar aqueles que mais necessitavam de auxílio. Reuniu um grupo de rapazes pobres de seu dispensário e os ensinava nas noites de domingo e quinta feira. (FORSYTH, 2006, p.19)

Kalley tomou conhecimento do trabalho missionário na China e da morte de Robert Morrison, que havia lançado as bases para o trabalho missionário naquele país, tendo traduzido a bíblia para o chinês e também produzido um dicionário. Lendo em uma revista

publicada pela Sociedade Missionária de Londres, um artigo que trazia um desafio solicitando médicos missionários, ele tomou como um apelo pessoal e um chamado missionário e enviou uma carta à Igreja da Escócia, se apresentando para ir para a China. No entanto, a Sociedade Missionária da Igreja da Escócia não aceitou, então ele se dirige à Sociedade Missionária de Londres, tudo por iniciativa própria.

O Dr. Kalley enviou um requerimento à Sociedade Missionária da Igreja da Escócia pedindo para servir na China. A Sociedade expressou seu pesar, informando que não lhes parecia certo entrar em qualquer campo de trabalho missionário que não fosse aqueles nos quais a Igreja da Escócia já estava envolvida. [...] ele fez um novo requerimento, desta vez para a Sociedade Missionária de Londres, em 1837. A SML precisava urgentemente de um médico missionário na China, tornando o seu pedido mais que bem-vindo. (FORSYTH, 2006, p.20)

Quando Kalley decidiu vir para o Brasil, também não consultou a ninguém a não ser o livro de Kidder sobre o seu trabalho de colportagem no Brasil, o qual deixou-o impressionado.

Enquanto esteve nos Estados Unidos, Dr. Kally leu o livro do Reverendo Daniel Kidner, *Sketches of Residence and Travels in Brazil*. Kidder, um missionário da Igreja Metodista Americana, narrou tão vívida e datadamente suas experiências como vendedor ambulante de livros religiosos no Brasil, de 1837 a 1842, que a leitura do livro deixou uma forte impressão na mente do doutor. Ele começou a imaginar-se o Brasil poderia ser seu próximo campo missionário. (2006, p.100)

Escrevendo da Inglaterra para Illinois, Kalley pede oração pelo seu novo projeto missionário. Embora ele não tenha feito referência ao Brasil, pela descrição do local onde desejava trabalhar, podemos deduzir que ele estava falando sobre o Brasil.

Em uma carta para Springfield, escrita de Nottingham, em janeiro de 1855, ele fez um pedido: “Por favor, orem para que Deus possa abrir as portas para o campo missionário no qual Ele quer que eu sirva. Sinceramente, espero que seja entre os povos de fala portuguesa, onde ainda não há nem bíblias nem pregadores do evangelho; e, se isto acontecer, talvez alguns de vocês sintam grande alegria em orar e servir para que a verdade de Deus possa ser conhecida entre aqueles que falam a língua de vocês. Contudo, nenhuma certeza há, por enquanto. (2006, p.100)

Quando decidiu se aposentar e deixar o Brasil para voltar à Escócia, Kalley contou com a participação apenas de sua esposa Sarah e mais uma vez, percebe-se o espírito de autonomia e independência, característicos do seu ministério.

Com a chegada do novo pastor, os Kalley decidiram que estava na hora de se aposentarem e voltarem à Grã-Bretanha. [...] A estação quente esta se aproximando, de forma que o doutor e sua esposa viajaram a Petrópolis para uma prolongada estada. De lá, escreveram para a igreja notificando sua intenção de voltarem para a Escócia. Durante a estada em Petrópolis, os Kalleys tiveram oportunidade de falar com o imperador e sua esposa e se despediram. Os preparativos para a viagem estavam sendo feitos. (2006, p.217)

4.4.2 *A Prática da Mentoria*

Kalley desenvolveu uma forma de acompanhamento das igrejas formadas a partir do seu trabalho missionário, através de mentoria. O dicionário²² define mentor como pessoa que encaminha outra; guia; conselheiro. Ele sempre manteve o interesse em saber como estavam as igrejas e procurava emitir a sua posição, como um mentor, de acordo com os problemas apresentados, o que era feito, principalmente através das cartas.

Envolvidos da forma como estavam na vida espiritual em Edimburgo, a preocupação principal dos Kalleys continuou a ser o trabalho que tinham estabelecido no exterior. Correspondências fluíam entre eles e as igrejas do Rio de Janeiro e Recife e, em menor quantidade, de Illinois, Madeira e Portugal. Os Kalley passavam boa parte do seu tempo escrevendo longas cartas pastorais às igrejas no Brasil. (2006, p.227)

Quando tomou conhecimento da controvérsia surgida nas igrejas do Brasil, acerca das doutrinas darbyistas e busca auxílio da pessoa de Spurgeon, de quem obteve literatura para dissuadir os membros das igrejas acerca daquelas heresias.

A vida da igreja foi seriamente afetada, muitos dos membros, seguidores de Richard Holden, aderiram às novas doutrinas e procuraram assiduamente “converter” aqueles ainda fiéis às verdades que haviam aprendido com o Dr. Kalley. Este escreveu oito longas epístolas alertando os crentes, no Rio e em Recife, sobre os perigos de aceitar o “darbyismo”, com seu preconceito anti-pastoral e sua ênfase no indivíduo, em detrimento do conceito de igreja. O Dr. Kalley considerava o assunto tão urgente que convidou seu amigo Spurgeon para vir em sua ajuda. O Sr. Spurgeon atendeu ao pedido prontamente e

²² Dicionário da Língua Portuguesa. 5.ed. Porto: Porto Editora.

enviou alguma literatura ao Reverendo Santos para ajudá-lo a remover a tendência à doutrina dos Irmãos de Plymouth, na Igreja Fluminense. (2006, p.227)

Kaley era constantemente consultado e acatado sobre questões doutrinárias que surgiam no seio das igrejas, principalmente aquelas relacionadas com as questões de ordem prática na ministração do batismo, da ceia e questões relacionados à liderança da igreja.

A morte do Sr. Bowers trouxe uma crise de liderança na Igreja Pernambucana, assunto que preocupou o Dr. Kalley intensamente. Algumas pessoas estavam insatisfeitas com a liderança de Vianna, e a situação se tornou tão tensa, que Vianna e sua família abandonaram a igreja por um período e se juntaram aos presbiterianos. {...} a situação gradualmente retornou ao normal, com Vianna voltando à sua posição. A igreja consultou o doutor sobre como um leigo poderia presidir a Ceia do Senhor. Esta e ainda outras dúvidas similares eram constantemente levadas ao doutor para sua decisão. (2006, p.230)

Kalley participava diretamente da escolha de pastores para as igrejas no Brasil, chegando inclusive a examinar os candidatos e emitir o seu parecer a esse respeito.

Quando as notícias da morte trágica de William Bowers chegaram à faculdade de treinamento, outro estudante se voluntariou para ocupar o lugar do colega – James Fanstone. [...] O Dr. Guinness recomendou grandemente James Fanstone por seu excelente caráter, vontade invencível e profunda espiritualidade. [...] O Dr. Kalley convidou o jovem homem para vir à sua casa, em Edimburgo, e ficou muito impressionado. Concluiu que ele preenchia todos os requisitos necessários para o trabalho no Nordeste brasileiro. (2006, p.230)

4.4.3 *A Prática do Culto Doméstico*

O culto doméstico é uma atividade que sempre acompanhou Kalley em toda a sua vida, ao longo dos anos e em todos os lugares por onde viveu. Cardoso²³ encontra os motivos que provavelmente levaram Kalley a adotar a prática do culto doméstico em sua experiência religiosa, fora do contexto da igreja, ao descrever a sua conversão. Após mostrar como foram abalados os alicerces da incredulidade, da racionalização que sustentava a existência de Deus ao perceber a fé e o espírito de gratidão de uma anciã, diante de situações tão desconfortáveis, ele adota uma visão diferenciada do espaço sagrado.

O espaço da fé cristã para ele não estava restrito, condicionado a liturgias e santuários. A casa da pobre anciã enferma, sua casa, seu consultório, foram locais da presença e atuação do divino. Com isso ficava-lhe patente uma nova visão de sacro e profano. Todos os espaços (casa, local de trabalho, local de lazer), tem a presença e atuação de Deus (CARDOSO, 2001, p.69).

Outra descoberta a ser observada foi a percepção da diferença entre fé e a instituição religiosa, adotando uma postura de irrelevância do poder da instituição eclesiástica e do corpo sacerdotal.

[...] fé é diferente e infinitamente superior à instituição religiosa, sua chave de acesso é o contato com a bíblia, minimizando o poder da instituição eclesiástica e do corpo sacerdotal. (2001, p.69).

²³ CARDOSO, Douglas Nassif. *Robert Reid Kalley: Médico, Missionário e Profeta*. São Bernardo do Campo: Ultimato, 2001.

Logo após a sua chegada à Ilha da Madeira, como um substituto para o culto formal da Igreja anglicana, passou a ser um instrumento importante no trabalho de evangelização.

No primeiro domingo em Funchal, o doutor foi ao culto na Igreja Anglicana, mas achou a adoração tão formal e tediosa para a alma que decidiu nunca mais voltar lá. No domingo seguinte, conduziu o culto em sua própria casa para sua família e os servos portugueses. Logo descobriu entre seus conterrâneos alguns que estavam desejosos de se encontrar para estudar a Bíblia e orar, e, como resultado disso, no início de dezembro, começaram a realizar cultos, ainda que informalmente, numa casa particular, de acordo com as tradições escocesas. (2006, p.30).

Quando esteve em Illinois, Kalley utilizou o culto doméstico para revitalizar a fé dos madeirenses e dar início ao ministério de Sarah.

O ministério conjunto de Sarah e Kalley, sob o ponto de vista eclesiástico, começou efetivamente na cidade de Springfield. Kalley iniciou uma classe de estudos bíblicos que se reunia duas vezes por semana. Sarah, em paralelo, iniciou uma classe de música que se reunia também durante a semana. [...] Como resultado desta ação conjunta de Sarah e Kalley, houve aumento significativo na frequência dos cultos e do número de membros da igreja [...](CARDOSO, 2005, p.117).

Quando chegou ao Brasil, Kalley residiu em uma casa em Petrópolis, chamada Gernheim, “amado lar”. Esta casa fora utilizada pelo embaixador americano e situava-se num terreno entre cabanas de trabalhadores alemães. Ao ocupar a casa, logo começou o culto doméstico.

[...] uma vez que os Kalleys tomaram posse de seu novo lar, foi seguido um padrão estabelecido. Primeiro, as crianças alemãs se encontravam às três horas; mais tarde, os alunos portugueses e brasileiros se reuniam; e finalmente, os ingleses e americanos. O Dr. Kalley reunia em sua casa um grupo de homens para um estudo bíblico, todo domingo à tarde [...] Em Gernheim, o culto doméstico acontecia todos os dias. Os três servos, duas criadas alemãs e um jardineiro português participavam destas orações diárias. (2006, p.130).

Após a sua saída do Brasil e o regresso à Escócia, Kalley continuou com a prática do culto doméstico, até o fim dos seus dias, tendo conduzido o culto em sua casa, por duas vezes no mesmo dia uma semana antes da sua morte.

No dia 1º de janeiro de 1888, um domingo, ele reuniu toda a família – sua esposa, Marianne Pitt e os empregados de sua casa – para celebrar a Ceia do senhor. [...] No domingo, dia 15, ele conduziu o culto doméstico tanto de manhã quanto à noite. [...] O funeral aconteceu no Dean Cemetery, em Edimburgo, em 24 de janeiro. (2006, p.237).

4.5 A sua Estratégia Missionária

Considerando a natureza autônoma e independente do ministério de Kalley, temos uma estratégia missionária estabelecida não através de planejamento feito por instituição religiosa ou agência missionária, mas uma forma prática e objetiva de alcançar as pessoas com a mensagem do evangelho de tal modo que, aqueles que aceitavam a mensagem pudessem exercer a sua fé de forma simples, num espaço em que o sagrado e o profano se misturam, de acordo com o contexto religioso e social em que se encontrava.

O professor Cardoso²⁴ conseguiu captar a “essência” da estratégia missionária de Kalley ou a sua filosofia de ministério, a qual ele chama de ministério “marginal”, que pode ser resumido da seguinte forma:

O ministério de Kalley era marginal eclesiasticamente falando, situava-se numa região fronteira, como era característico em sua experiência de fé, pouco importando-se com questões denominacionais. (CARDOSO, 2001, p.78).

Kalley aprendeu a explorar a região fronteira da fé, abandonando o centro da religiosidade, procurando converter os incrédulos.

Kalley aprendeu a explorar a zona fronteira da fé. [...] Visando alcançar o incrédulo, Kalley abandonou o centro da religiosidade e situou-se em uma região fronteira, tentando converter através da propagação do evangelho os incrédulos com quem se relacionava. (Ibid. p.78)

Preocupado com o aspecto conversionista, Kalley não levava em consideração normas ou padrões estabelecidas na perspectiva institucional.

Sua posição era própria do missionário evangelista, preocupado com o aspecto conversionista, que para conquistar adeptos tem que sair do centro da expressão de sua religiosidade, contatando com aqueles que pretende conquistar dentro de sua própria cultura. Não levava em consideração normas ou padrões previamente estabelecidos sob o ponto de vista institucional, agindo instintivamente, utilizando os recursos disponíveis diante das possibilidades e necessidades encontradas. (Ibid. p.78,79)

²⁴ CARDOSO, op. cit., p.78

4.5.1 *A Rede de Relacionamentos com Pessoas Influentes*

Desde o começo do seu ministério Kalley sempre estabeleceu uma rede de relacionamentos com pessoas influentes da sociedade por onde passava e isso se deve a alguns fatores: Primeiro ele era um cidadão britânico, uma vez que a Escócia fazia parte do Reino Unido e a Inglaterra, sede do Reino Unido era, na época, a nação mais rica e poderosa do mundo e isso influenciava as relações entre os vários países. Em segundo lugar, ele era filho de uma família rica da Escócia e ele mesmo tinha recursos, provavelmente acumulado durante os anos em que trabalhou como médico em Kilmarnock. Testa²⁵ afirma que “o seu pai, Robert Kalley, era um afortunado negociante em Glasgow e, tal como sua esposa, Jane Reid Kalley, era membro dedicado da Igreja da Escócia”.

Um terceiro fator foi o seu casamento com Sarah Poulton, que era oriunda de duas famílias influentes da aristocracia inglesa do século XIX, os Wilson e os Morley, que se destacaram no campo político, econômico e religioso. Sobre o aspecto político, Cardoso afirma que o pendor político dos Morley encontrou no filho mais jovem de John Morley, Samuel Morley, tio de Sarah, a sua expressão máxima.

Samuel Morley nasceu e cresceu como um liberal, participando, desde jovem, de encontros que tratavam de assuntos políticos, sociais e religiosos. Foi eleito para o parlamento inglês pela primeira vez por Nottingham, de 1865 a 1868. [...] Ele tornou-se um dos parlamentares mais dinâmicos do império britânico e talvez, um dos maiores filantropos de que se tem notícia no século XIX. (2005, p.63).

²⁵ TESTA, P. Michael. *O Apóstolo da Madeira*. Lisboa: Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal, 1963. p.18.

No campo econômico, a família Morley fez fortuna com a indústria têxtil, onde tiveram sucesso no mundo dos negócios e na filantropia.

Com a expansão dos negócios através do desenvolvimento da empresa têxtil, a família Morley desenvolveu uma prosperidade notável durante todo o século XIX. Seu campo de negócios excedeu as fronteiras da Inglaterra, atingindo o continente europeu e os Estados Unidos com suas exportações. (2005, p.64).

É importante observar que essa rede de relacionamento com a família de Sarah, foi muito importante no desenvolvimento do trabalho missionário de Kalley, porque, além de influentes, eles eram protestantes e praticavam a filantropia como um estilo de vida.

Todos os membros da família Morley e Wilson praticavam, como princípio de vida, a filantropia. Havia, dentro do consciente coletivo inglês, o princípio de que o sucesso dos negócios era fruto da aprovação e bênção divina. Aquele que prosperava procurava demonstrar gratidão a Deus pelos resultados obtidos em seus negócios, realizando obras caritativas. (2005, p.69)

Kalley usou da influência política e dos recursos da família de Sarah, no seu trabalho missionário. Quando ele trouxe de Illinois três famílias para trabalhar como colportores no Brasil, obteve ajuda para o sustento para os mesmos, através dos familiares de Sarah.

John Morley, tio de Sarah, encarregou-se de sustentar Francisco da Gama no Rio de Janeiro. [...] As cartas de Sarah serviam de estímulo aos amigos e cooperadores da Grã-Bretanha. Francisco de Souza Jardim e Francisco da Gama foram sustentados por mais de 30 anos por parentes de Sarah. (2005, p.196,201).

Outro fator que deve ser considerado é a própria personalidade de Kalley. Os biógrafos de Kalley de uma maneira geral, passa a imagem de um homem de caráter forte, vigoroso, expansivo, que gostava de conversar, fazer amizades, alguém que não perdia tempo para falar do evangelho e ele o fazia independente de classe social, uma vez que tinha acesso a todas elas. Na Madeira, ele se relacionava com a aristocracia inglesa que vivia na Ilha, com as autoridades de quem ganhou o reconhecimento pelo seu trabalho filantrópico com os pobres, com o bispo de Funchal, que era seu amigo e de quem era médico. Nos Estados Unidos, ele estendeu o seu círculo de amizades com líderes de igrejas, sociedades missionárias e principalmente de sociedades bíblicas, de onde buscava recursos e bíblias para o serviço de colportagem.

O roteiro seguido por kalley e Sarah iniciando sua estada nos Estados Unidos através das cidades de Boston, Nova York e Washington não foi acidental. Nestes centros mantiveram contatos com muitas igrejas e sociedades missionárias. Destes relacionamentos foi viabilizado o recurso necessário para fretar três navios que trouxeram madeirenses a Illinois. Ao efetuar esta campanha para arrecadar os fundos pró-madeirenses, Kalley ficou associado com o ministério de evangelização entre os povos de língua portuguesa. (2005, p.122).

No Brasil, Kalley manteve contatos com homens da corte, embaixadores e até mesmo o imperador D. Pedro II e até de católicos, de quem usou da influência na luta pelos direitos civis.

[...] Alguns dias depois Dom Pedro novamente visitou os Kalleys. Ostensivamente, ele disse que desejava conversar com o doutor sobre a Terra Santa, mas na verdade estava assegurando ao casal que defenderia a completa liberdade religiosa dentro do

império. [...] Embora o Dr. Kalley se opusesse à intolerância religiosa da Igreja Católica no Brasil, ele tinha certo grau de amizade com diversos católicos romanos individualmente. Um destes, Dr. José Luiz Malafaia, corrigiu as versões em português dos hinos de Kalley e todas as outras suas publicações. Ele era um convidado freqüente à mesa dos Kalleys [...] (2006, p.146,166).

Antes de deixar o Brasil, Kalley envia João dos Santos para o seu preparo teológico no Seminário fundado por Spurgeon em Londres, a quem escreve uma carta narrando sobre o sustento ao candidato ao ministério pastoral.

Dr. Kalley escreveu a Spurgeon: “Dezesseis anos se passaram, desde que comecei meu trabalho no Brasil, e a igreja tem crescido lentamente. [...] A respeito de João dos Santos, pagarei sua passagem de volta a Inglaterra, bem como a maior parte de sua manutenção e de seus estudos”. (2006, p.195)

4.5.2 *A Prática da Medicina como Ponte na Disseminação da Fé Protestante*

Após a sua conversão Kalley analisa o tempo em que era incrédulo, e desprezava toda religião e depois da satisfação que sentiu, quando descobriu que Deus existe, então ele chega a conclusão de que cada pessoa é chamada a servir a Deus de acordo com os seus talentos e quanto a ele, pensava de que modo, como médico, poderia servir ao Filho de Deus.

“Eu fui um infiel, acostumado a desprezar toda a religião, sentindo grande gozo na frieza, nas trevas e na exibição na infidelidade... Quando senti, satisfeito, que há um Deus, que este livro (apontando a Bíblia) é de Deus, então eu senti que cada cristão é

chamado a entrar naquele campo de atividade em que melhor possa usar para Deus, todos os talentos que Deus lhe deu. E quanto a mim, tenho pensado seriamente de que maneira, como médico cristão, posso melhor servir o Filho de Deus”. (TESTA, 1963, p.20,21).

Embora tenha trabalhado sempre de forma autônoma e independente da Igreja da Escócia e da Igreja local, Kalley sempre procurou fazer as coisas dentro da forma legal, de acordo com as leis do país onde ele se encontrava. Quando chegou à Madeira, certamente procurou informações sobre como poderia obter licença para trabalhar como médico naquela ilha. O que se sabe com certeza é que ele foi à Lisboa e requereu licença para trabalhar como médico, tendo que matricular-se na faculdade de medicina e cirurgia, Após ter sido aprovado no exame oficial, ele obteve licença para exercer medicina e cirurgia tanto em Portugal como em suas ilhas.

Resolveu estudar a língua portuguesa e requerer licença para praticar a sua profissão em terra portuguesa. Entretanto deslocou-se a Lisboa e matriculou-se na Faculdade de Medicina e Cirurgia. A 17 de junho de 1839, tendo passado no exame oficial, foi licenciado a exercer Medicina e Cirurgia em Portugal e nas Ilhas Adjacentes. Dirigiu-se então para Londres, onde a 8 de julho (de 1839), foi ordenado ministro do Evangelho pela Comissão de Exame da Sociedade Missionária de Londres ... (1963, p.26,27).

Quando retornou à Ilha, depois de um bom tempo ausente, Kalley estava qualificado como um médico em território português e havia sido ordenado ministro do evangelho. Ele percebeu que os pobres da Ilha não recebiam nenhuma assistência médica e ele decide usar a medicina não apenas para atender as suas necessidades na área de saúde, mas como uma estratégia para o seu trabalho missionário.

[...] então ele usaria o ministério médico não apenas para ir de encontro a esta necessidade, como também para servir de ponto de partida para seu objetivo principal – pregar sobre Cristo aos pobres. Ele iria tratar de suas feridas físicas, mas também iria cuidar das feridas da alma. (FORSYTH, 2006, p.38).

Kalley abriu uma clínica em Santa Luzia, distrito de Funchal, a qual mais tarde foi ampliada para um “hospital caseiro” com doze leitos. Ele ganhou fama como médico da ilha, tendo como paciente até o bispo da Igreja Católica Romana.

Tratava a todos, ricos e pobres. O preço cobrado dos pacientes ricos era muito alto, mas isto servia para dois propósitos: desencorajava os ricos de procurarem sua assistência profissional – havia outros dois médicos britânicos na cidade – de modo que ele tinha mais tempo para tratar dos pobres; e também o provia com fundos para que tivesse condições financeiras de tratar os pacientes mais pobres. Estes ele tratava gratuitamente: consultas gratuitas, remédios gratuitos, e, se fosse necessário, hospitalização gratuita. (2006, p.39,40).

O Dr. Kalley tratava em média cinquenta pacientes por dia, muitos dos quais eram trazidos até sua clínica em uma rede presa numa grande vara, na qual dois carregadores podiam segurar, um em cada ponta, e muitas vezes eles viajavam pelas trilhas rústicas e perigosas das montanhas. Ele era um médico capaz, mas era essencialmente um missionário e a medicina era na realidade, um meio de alcançar aquele povo, com a mensagem do evangelho.

Como havia planejado, sua habilidade médica provou ser um meio para o progresso do evangelho. Ele era firme e intrépido em seu testemunho, como é deixado bem

claro por seu costume de ajoelhar-se aos pés da cama de seus pacientes, quando chamado para tratar uma pessoa doente em sua casa, para pedir a Deus orientação durante o tratamento e suas bênçãos para todos os presentes. Ele colocava um versículo em todas as suas receitas e, na clínica, insistia que os pacientes participassem de um período devocional de manhã, o que incluía uma breve leitura e exposição de uma passagem bíblica e oração. (2006, p.40).

O resultado daquele ministério era imprevisível. Os pobres nunca tinham tido ninguém que se importasse com eles, e agora havia um que se “sentava com eles”, que descia até o nível deles, entrava em suas experiências de pobreza, opressão e privações, alguém para quem os madeirenses eram irmãos. Uma grande onda de gratidão para com o “santo inglês”, como ele passou a ser chamado pelos pobres, se espalhou por toda a ilha.

Ele era aclamado como o “bom doutor”. O interesse pelo evangelho havia sido despertado: as pessoas queriam saber mais sobre aquelas boas-novas. Elas viam o seu poder sendo testemunhado pela vida do “bom doutor”. (2006, p.40).

A partir da Ilha da Madeira, Kalley sempre usou a medicina como uma das suas estratégias missionárias. Ao fugir da Madeira, ele esteve na Irlanda, na Ilha de Malta, Em Safed, na Palestina e em Beirute, depois ele esteve em Trinidad, Illinois e no Brasil e em todos esse lugares, atuou como médico, na qualidade de médico-missionário.

4.5.3 *A Alfabetização com uso de Bíblias*

Kalley buscava alcançar as pessoas e levá-las à fé através do conhecimento das Escrituras. Por isso, a Bíblia ocupava um lugar central na estratégia missionária.

Seu ministério buscava alcançar um povo incrédulo e levá-lo a ser um povo de fé, através do conhecimento das Escrituras. Este era o modo de pensar Kalleyano que acreditava ser este conhecimento a maneira de obter a iluminação do interior do indivíduo propiciando-lhe um encontro com Deus. (CARDOSO, 2001, p.78).

Quando chegou na Madeira, Kalley começou a comunicar-se com os servos, madeirenses camponeses que trabalhavam em sua casa. Com o seu conhecimento de latim, por causa da semelhança da língua portuguesa, logo começou a se comunicar com eles e a entender suas necessidades.

Ele estava aterrorizado com a ignorância e superstição deles. Nenhum sabia ler ou escrever, e sua religião havia degenerado para um paganismo cristianizado [...] A situação dos madeirenses era desesperadora em todos os sentidos. [...] A pobreza era abundante, assim como os males associados a ela, tais como a ignorância e as doenças. Tal pobreza opressiva tocou o Dr. Kalley profundamente, porém o que mais o comoveu foi a completa ausência da genuína religião. A urgência desta necessidade constituía seu chamado missionário para o serviço em Madeira. (FORSYTH, 2006, p.37).

Motivado pelo desejo de ensinar adultos a lerem a Bíblia, Dr. Kalley abriu sua primeira escola antes do fim de 1839. A Bíblia tinha sido de central importância em sua conversão e era também central em sua vida pessoal e em seu testemunho.

Ela seria a pedra angular de seu método educacional, acreditando que assim como o Espírito Santo havia descoberto as verdades para ele, o mesmo Espírito faria algo idêntico pelos camponeses iletrados, à medida que aprendiam a ler as páginas sagradas. A rede de escolas se espalhava por todo o interior da ilha. [...] A Ilha da

Madeira nunca teve escolas gratuitas, de forma que apenas as classes sociais mais elevadas recebiam algum tipo de educação. O filho mais velho era geralmente mandado para a escola dos padres a fim de ser ensinado, e o restante da família limitava-se a assimilar qualquer conhecimento que conseguisse captar do favorecido irmão mais velho. (FORSYTH, 2006, p.43).

O Dr. Kalley abriu escola após escola para os pobres que haviam sido condenados à permanência na ignorância. Ele provia os professores, móveis e os outros materiais necessários para as aulas. A escola era gratuita para as crianças durante o dia, e para os adultos à noite. Os prédios eram bem primitivos, geralmente em um quarto, num chalé.

Os alunos chegavam das vizinhanças mais próximas, mas à noite os homens vinham após um duro dia de trabalho, no campo, e freqüentemente após andar grandes distâncias, todos ansiosos para aprender a ler. [...] a Bíblia era o livro-texto, e durante estes anos em torno de três mil cópias dela foram distribuídas nas escolas e entre a população em geral. (FORSYTH, 2006, p.44,45).

Kalley percebeu que o interesse em conhecer a mensagem bíblica havia aumentado, após o curso de alfabetização com o uso da Bíblia.

Em 1839 alguns demonstraram grande interesse em ler e escutar mais da Palavra de Deus. Em 1840, este interesse cresceu de forma que muitos adultos foram à escola porque queriam aprender a ler a Bíblia. Em 1841 o interesse cresceu ainda mais. No ano seguinte, especialmente durante o verão e o outono, as pessoas ajuntavam-se em grandes números para ouvir as Escrituras serem lidas e explicadas. (FORSYTH, 2006, p.45)

4.5.4 *A Utilização de Colportores*

O uso de colportores na obra de evangelização sempre foi uma estratégia importante para Kalley, mas foi no Brasil e em Portugal que este trabalho ganhou grande expansão. Em 1853 o missionário presbiteriano Fletcher, percebendo a necessidade de impactar o Brasil com a divulgação do evangelho, solicitou à Sociedade Bíblica Americana o envio de madeirenses para este trabalho.

Kalley não aceitou a proposta de divulgação das notícias das áreas de trabalho, colocando em risco a missão e, principalmente os missionários O missionário escocês não era contra a colportagem; pessoalmente a desenvolvera nos anos de 1838 a 1846 na Ilha da Madeira. Era contra a divulgação das notícias que municiam os inimigos da propagação do evangelho com relatórios e estatísticas minuciosas. (FORSYTH, 2006, p.194,195).

Kalley escreveu a três famílias de portugueses que moravam em Illinois que considerava possuírem as condições básicas para o trabalho de colportagem. Foram chamadas as famílias de Francisco da Gama, Francisco de Souza Jardim e Manoel Fernandes. Assim que chegaram ao Rio de Janeiro, Kalley recebeu-os e providenciou trabalho e moradia para todos.

Jardim encontrou trabalho imediatamente no estaleiro. Francisco da Gama que não tinha qualquer profissão, foi empregado pelo próprio Dr. Kalley como seu vendedor de livros ambulante, vendendo as Escrituras e também panfletos de porta em porta; enquanto Manoel Fernandes acompanhou o doutor de volta a Petrópolis e iniciou o trabalho como um vendedor de livros naquela cidade. (FORSYTH, 2006, p.136).

Dentro da sua estratégia missionária, Kalley não chamou missionários da Escócia ou da Inglaterra para esse trabalho, ele preferiu pessoas simples, com experiência e que conhecia bem a língua portuguesa.

Dr. Kalley não recorreu aos seus conterrâneos para serem enviados como missionários. Ao invés disso, escolheu três homens comuns, admiravelmente apropriados para a tarefa: portugueses de nacionalidade e cultura, convertidos do catolicismo, bem-experimentados nos estratagemas da Igreja Romana, homens que sofreram por sua fé – Francisco da Gama fora aprisionado em Funchal por muitos meses. O testemunho deles era atrativo, fosse durante as orações familiares em suas casas, no trabalho como vendedores ambulantes de livros ou até mesmo na ocupação diária no estaleiro. Eles eram extremamente desinibidos em seu testemunho do evangelho e destemidos também. (FORSYTH, 2006, p.136,137).

O trabalho de colportagem causou oposição e perseguição, mas logo começou a colher os seus primeiros frutos, mesmo entre pessoas da alta da Sociedade. A irmã do Marquês do Paraná e sua filha foram alcançadas através da venda de Bíblias.

Em Petrópolis a oposição também endurecia. O vendedor de livros, Manoel Fernandes, foi preso e acusado de vender livros sem a licença. [...] Foi detido e interrogado, especialmente no que diz respeito ao seu relacionamento com o Dr. Kalley [...] O que levou os problemas a um ponto de crise, no entanto, foi a conversão de duas mulheres às quais José Lauro vendera uma Bíblia. D. Gabriela Augusta Carneiro Leão, irmã do Marquês do Paraná e do Barão de Santa Maria, e sua filha Henriqueta leram a Bíblia diligentemente e, como consequência, foram convertidas. (FORSYTH, 2006, p.142,143).

Inicialmente, o controle das vendas e dos estoques da colportagem era efetuado por Kalley, mas depois, por causa de problemas de enfermidade com ele, Sarah passou a assumir aquele ministério.

Ocasionalmente, quando Kalley estava enfermo, Sarah escrevia e dirigia cartas pastorais à Igreja no Rio de Janeiro. Aparentemente, o envolvimento da missionária inglesa no ministério de colportagem ocorreu devido ao precário estado de saúde de seu marido. (CARDOSO, 2005, p.197)

Quando mudaram-se de Petrópolis para o Rio de Janeiro, Sarah assumiu o ministério de colportagem, recebendo os relatórios de cada colportar e dando orientações para cada situação enfrentada pelos mesmos.

Quando o casal de missionários deslocou-se para o Rio de Janeiro, em 1864, Sarah assumiu definitivamente o ministério de colportagem. [...] O número de colportores havia aumentado, havendo nesta ocasião cinco em atividade no Rio de Janeiro. Sarah reservava uma entrevista por dia, ocasião em que os colportores prestavam relatórios e suas contas, recebendo orientações de como proceder nas diversas circunstâncias enfrentadas. (CARDOSO, 2005, p.199)

Mesmo após a sua partida do Brasil e o seu regresso à Escócia, Kalley continuou em contato com os colportores através de cartas. Um dos objetivos da distribuição da Bíblia era a formação de núcleos, onde futuramente nasceriam as igrejas.

Os relatórios das extensivas viagens de Vianna para vender livros continuavam a chegar ao Dr. Kalley. Embora o tempo cobrasse o preço de sua saúde, seu zelo

continuava inabalável. Ele persistia em seus esforços para distribuir as Escrituras e, ao fazê-lo, formar o núcleo das futuras congregações. (FORSYTH, 2006, p.232,233).

4.6 A sua Postura Ética Diante das Questões Sociais

A postura ética de Kalley em relação a questões sociais, deve ser entendida como um enfrentamento diante de situações concretas que surgiam e que necessitavam de uma posição sua, como líder, para o procedimento da comunidade. Kalley tinha o costume de consultar a igreja sobre essas questões, e buscava, em conjunto, uma solução para os problemas, embora ele tivesse a palavra final, quando tratava de questões doutrinárias e de caráter teológico.

4.6.1 *A Luta pelos Direitos Civis*

Na questão dos direitos civis, uma das primeiras questões que a comunidade encontrou era em relação ao casamento, uma vez que, o único considerado pela lei era aquele realizado pelos padres. Nenhuma providência havia sido tomada em relação ao casamento de não-católicos. Após consultar a igreja, Kalley cria um solução temporária, mas inovadora: um contrato assinado que deveria ser legalizado posteriormente.

[...] um inglês, que vivia com uma brasileira e tinha filhos com ela, foi convertido e desejava casar. [...] O doutor consultou a igreja e, finalmente, juntos, eles planejaram uma forma de “casamento por contrato”. A cerimônia era realizada, e os documentos, assinados provisoriamente, a fim de serem legalizados tão logo vigorassem leis que acabassem com a dominação da Igreja Católica com relação a este assunto. (FORSYTH, 2006, p.160).

Utilizando-se da sua influência e do círculo de amizades que desenvolveu, com o imperador D. Pedro II e influentes políticos da corte, Kalley conseguiu preparar o ambiente político para que leis relativas a tolerância religiosa e a direitos civis fossem aprovadas mais tarde. Kalley recebeu a visita de D. Pedro por duas vezes em sua casa e isso abriu as portas para receber outras personalidades da época.

Os novos amigos do Dr. Kalley tiveram mais tarde um importante papel na luta pela liberdade religiosa. O Senador José Martins de Cruz Jobim propôs no Parlamento que a completa liberdade religiosa fosse garantida e que os oponentes fossem acusados de crime. [...] O Dr. Kalley teve muitas conversas com Jobim, e os resultados foram bastante aparentes quando ele professou suas crenças. (FORSYTH, 2006, p.147).

Após um período na Europa, por motivo de tratamento de ferimentos em uma perna e joelho, causado pela queda do seu cavalo, Kalley tomou conhecimento, ao retornar ao Brasil, que o governo brasileiro havia sancionado uma lei que autorizava os ministros protestantes a conduzirem cerimônias de casamento para não-católicos e também a registrarem tanto os nascimentos como os falecimentos.

Isto foi o resultado de uma batalha que perdurou por vários anos e na qual o Dr. Kalley esteve indiretamente envolvido. A Igreja Católica Romana Não tinha mais a exclusividade para realizar casamentos – agora ministros protestantes também tinham este direito. (FORSYTH, 2006, p.169)

O Próprio dr. Kalley teve a sua situação legalizada, como ministro protestante no país, após ter sido eleito como pastor da primeira igreja protestante a ser organizada no Brasil, a Igreja Evangélica Fluminense.

Alguns dias depois, o governo imperial emitiu um certificado dando ao Dr. Kalley direitos que até então eram exclusivos dos sacerdotes da Igreja Romana. Todos os casamentos “por contrato”, celebrados até aquela data, foram devidamente registrados e desta forma legalizados. No mesmo decreto foi também providenciado que uma porção de cada cemitério fosse reservada para os enterros protestantes e não-católicos em geral. (FORSYTH, 2006, p.170).

O método do Dr. Kalley de assegurar os direitos legais dos crentes, estimulando a interpretação da Constituição e promovendo a aprovação de projetos de leis mais liberais no Parlamento, estava se mostrando eficaz.

4.6.2 *A Questão da Escravatura*

Ao chegar ao Brasil, ele percebeu a situação degradante em que viviam os negros escravos, submetidos a toda sorte de violência.

Havia também constante trânsito de escravos realizando suas obrigações - transporte de água de fontes públicas, de pesados fardos, de liteiras, trabalho com o fétido esgoto, com coches – uma infinidade de tarefas, todas feitas sempre sob ameaça da chibata” (FORSYTH, 2006, p.176).

Kalley sempre procurou evangelizar os negros. Quando tomou posse da sua moradia em Petrópolis, ele tinha uma reunião exclusiva com os negros escravos para os cultos domésticos. Entre os membros da Igreja Fluminense, certamente havia uma quantidade de escravos de origem africana. ele enfrenta a questão da escravatura, quando surge uma situação de ordem prática na Igreja Fluminense com relação à escravatura. Um candidato à

membresia da igreja, Bernardino de Oliveira Rameiro, era dono de escravos e em uma das reuniões da igreja, ele levantou a seguinte questão: “Por acaso pode um crente no Senhor Jesus Cristo ser dono de escravos?” Conforme era o seu costume e a sua forma de agir, Kalley deixa a questão sem uma resposta imediata e apresenta a sua posição alguns dias depois.

Kalley deixou o assunto sobre a mesa, retornando ao mesmo em sessão no dia três de novembro do mesmo ano (1865), aproximadamente 45 dias depois. (CARDOSO, 2005, p.87).

Kalley costumava fazer longas exortações sobre tópicos relevantes, ele introduz o assunto através de perguntas. “Como um verdadeiro crente deveria tratar seus escravos? Qual é a vontade de Jesus a este respeito?”. Por meio de uma exortação ele mostrou que há que há três formas de servir:

por amor, como um filho a seu pai; por dinheiro, como servos, trabalhadores e por coerção, sem amor, sem contratos ou salários, como um escravo obrigado a fazer o que seu senhor ordena sob ameaças, pancadas e tortura, portanto sem a menor recompensa. Ele então tomou as três palavras gregas usadas no NT para expressar “serviço”, traduzidas “diácono”, “mercenário”, “escravo”, e citou a exortação de Paulo em Colossenses 4.1: “Senhores, tratai os servos com justiça e com equidade, certos de que também vós tendes Senhor no céu”, e Efésios 6.9: “...deixando as ameaças...”. (FORSYTH, 2006, p.177)

Então, demonstrou que há coisas pertencentes a cada pessoa (por exemplo, seu corpo com seus membros e funções) que não podem ser entregues a outras, e cada um tem o direito de usar o próprio corpo de uma maneira justa e honesta para benefício pessoal.

Se um homem exerce jurisdição sobre outro, de forma que este nada nusufri do que tem, aquele é ladrão e vilão. Cada um deve dar conta de suas ações ao Grande Juiz, ao fazer outro homem trabalhar para ele contra a sua vontade, sem receber salário, sob ameaças de punição e com constante sofrimento em tudo objetivando ganhar lucros materiais. Isto é um violento roubo dos dons que o Criador deu às pobres criaturas, que de maneira alguma diferem daquele que as comprou. (FORSYTH, 2006, p.177,178).

O resultado do debate não foi registrado, mas fica evidente que o pastor julgou o dono de escravos indigno de ser membro da igreja, e com esta decisão a igreja estava de completo acordo.

4.6.3 *A Filantropia diante de Surtos de Epidemia*

Filantropia era para Kalley como um estilo de vida, ele sempre a praticou. Certamente que as razões estão relacionadas à sua fé, ao seu caráter, como um reflexo do amor cristão pelo próximo e da sua solidariedade. O certo é que ele o fazia de forma espontânea e natural. Era algo que fazia parte do seu jeito de ser. Dois anos após ter chegado à Ilha da Madeira, ele recebeu o reconhecimento da Câmara Municipal do Funchal, por suas obras filantrópicas.

Esta Câmara, tendo sido informada pelo administrador do concelho, em documento oficial datado de hoje (25 de maio de 1841), de que Robert Reid Kalley, cidadão britânico e médico, se tem ocupado em obras filantrópicas: mantendo à sua custa escolas primárias em várias paróquias deste concelho e distrito; prescrevendo e ministrando gratuitamente atos médicos às pessoas que a ele acodem; mantendo

também, do seu bolso, próximo de sua casa, um hospital onde estão internados vários doentes [...] decide expressar ao Dr. Kalley pública gratidão.²⁶

Embora Kalley não tenha influenciado diretamente o processo de imigração dos madeirenses, de Trinidad e demais ilhas do Caribe aos Estados Unidos, mesmo estando à distância, da Ilha de Malta, ele escreveu em 22 de janeiro de 1849, enviando 50 libras para ajuda na compra de terras para assentamento de uma colônia portuguesa.

Recebi, há poucos dias, carta de uma de nossas irmãs da Madeira datada de agosto último e unicamente por esse meio fiquei informado a respeito do projeto de remover os emigrados da Trindade para os Estados Unidos. Pude entender que o objetivo é obter terra para eles a fim de formar uma pequena colônia protestante de portugueses. Sinto-me profundamente grato aos irmãos americanos por essa gentileza [...] poderia contar com cinquenta libras esterlinas como ajuda para a realização desse plano. (CARDOSO, 2001, p.96)

Quando chegou aos Estados Unidos, empreendeu contatos para levantar recursos para levar refugiados madeirenses para Illinóis. Ele mesmo ajudou com recursos próprios para conseguir levar mais três levadas de refugiados.

A iniciativa de busca de patrocínio para as viagens foi coroada de êxito, e naquele mesmo ano chegaram a Nova York três embarcações repletas de madeirenses, cujas despesas foram financiadas pelos Kalley e filantropos envolvidos com as diversas denominações e sociedades missionárias de Nova York. (CARDOSO, 2005, p.112)

²⁶ FERNANDES, Ferreira. *Madeirenses Errantes*. 1.ed. Lisboa: Oficina do Livro, 2004. p.34.

Logo após a chegada de Kalley ao Brasil, uma epidemia de cólera que varria todo o país, chegou a Petrópolis e tomou proporções alarmantes. Ele ofereceu os seus serviços de médico para ajudar aqueles que tinham contraído a doença.

O doutor, de sua parte, decidiu oferecer seus serviços às autoridades da área de saúde e foi devidamente autorizado para tratar aqueles que estavam sofrendo desta praga. Suas experiências médicas em Madeira estavam sendo revividas. Ele concentrou suas atenções nos mais pobres, naqueles que teriam morrido não somente pela doença, mas principalmente pela negligência. [...] No Brasil, tal como na Madeira, Dr. Kalley nunca tratava de um caso, sem antes orar e ministrar algum conforto e força por meio das Escrituras. (FORSYTH, 2006, p.134).

4.7 A sua Postura Teológica e Doutrinária

É preciso entender a postura teológica e doutrinária de Kalley, a partir da sua cosmovisão, da forma como entendia a fé, fruto da sua experiência de conversão, da sua personalidade e do seu estilo de ministério. Descrevendo a personalidade de Kalley, Forsyth apresenta de forma sintética, algumas características fundamentais da sua fé que era “franca e sóbria, forjada não nos corredores das faculdades teológicas, e sim nos problemas práticos da vida cotidiana. Seu professor havia sido o Espírito Santo, e seu livro-texto a Bíblia. E também era um ótimo aluno: tinha uma mente cuidadosa e disciplinada, o que o capacitava a compreender e a segurar firme as verdades reveladas. Seus artigos de fé, que se mantiveram fiéis através dos anos, testificam isto. Era um pragmático no sentido filosófico: as verdades nas quais ele ardentemente acreditava deveriam ser colocadas em teste através de seus contatos com os companheiros. Pela Palavra, o Cristo que está vivo tinha lhe garantido nova

vida e propósito; similarmente, ele esperava que outros também pudessem ter esta mesma experiência. Eles também tinham de nascer de novo” (2006, p.41,42).

Também em relação à postura teológica de Kalley, Mendonça conseguiu sintetizar o seu pensamento teológico, a partir da sua “teologia do amor de Deus, isto é, que Deus ama a todos os homens embora pecadores, e quer salvar a todos, pensamento que perpassa o puritanismo inglês e ganha grande importância no metodismo, está patente em Kalley. A correspondência a esse amor universalista de Deus, que se contrapõe à doutrina clássica da predestinação calvinista, é individual e voluntária. A salvação assim aceita não é definitiva como no calvinismo ortodoxo, mas sujeita à “recaída”, mediante as tentações do mundo. Daí a necessidade de uma ética rigorosa que mantenha bem nítida a linha divisória que separa o fiel do mundo, linha esta que tem de ser robustecida num constante esforço de purificação e santificação” (1995, p.176).

Mendonça apresenta de forma sintetizada o pensamento teológico de Kalley, através de sua produção literária e de seus hinos:

“Missionário por conta própria, Kalley é o representante legítimo do puritanismo escocês já mesclado de wesleyano-metodista. A melhor fonte de sua teologia são os seus hinos, assim como os de sua esposa, muitos traduzidos e adaptados e outros escritos por ele mesmo, mas todos tendo em vista a disseminação do protestantismo.

Kalley não estava ligado a nenhuma missão, não representava, portanto, nenhuma igreja. Não estava muito preocupado com a instituição, com sacramentos e ordenações e nem com uma teologia determinada. Seu ensino, porém, era o do especialista e chegava ao fiel como sendo o (ensino) da igreja” (MENDONÇA, 1995, p.176).

4.7.1 *Em Relação ao Batismo*

Kalley desenvolveu uma teologia e prática pastoral diferenciada dos modelos eclesiais de sua época, compatível com a visão que ele tinha do Reino de Deus e da Ação de Deus no mundo. A sua posição quanto ao batismo pode ser sintetizada da seguinte forma(CARDOSO, 2005, p.50,51):

1º.) Primeiro, quando Paulo declara em Efésios 4.5, que há um só batismo, é evidente que se trata de um batismo espiritual, o batismo que Deus reconhece como essencial;

2º.) Segundo, o batismo com água é mera sombra simbólica e não pode ser a realidade essencial, aceitável por Deus;

3º.) Terceiro, embora o batismo com água tenha sido observado por Jesus, praticado por Paulo e os demais apóstolos e não tenha sido anulado, todavia, ele não é essencial para a salvação do pecador;

4º.) Quarto, conforme 1 Coríntios 12.13, é pelo batismo do Espírito Santo que os pecadores salvos são unidos em um corpo em Jesus Cristo. O batismo com água não pode produzir tal união;

5º.) Quinto, a aplicação externa do batismo é um mero testemunho público, diante de testemunhas, de que se aprova uma aliança que tipifica a purificação, o refrigério, o conforto e o poder fortificante do Espírito Santo;

6º.) Sexto, acerca da obra do Espírito Santo, o Velho Testamento emprega termos como derramarei, descer como chuva, lavar, imergir, aspergir;

7º.) Sétimo, o Novo Testamento não estabelece nenhuma forma única e especial como obrigatória e universal;

8º.) Oitavo, portanto, o rito do batismo não está limitado, na Bíblia, a uma só forma: não há instruções a respeito do tempo, do local, da idade, do sexo, do celebrante e do que

recebe o batismo, da temperatura ou da quantidade da água. Se esses pontos fossem de importância, Deus teria, sem dúvida, fixado o que era essencial: logo, nenhum indivíduo tem autoridade para afirmar que o modo que ele emprega é o verdadeiro e todos os outros são falsos.

9º.) Nono, As condições essenciais para o batismo eram duas: a) entender claramente a mensagem; b) de coração aberto, aceita-la. Fé em exercício e alegria inteligente eram os pré-requisitos deste rito cristão – totalmente nulos nos recém-nascidos...

Portanto, Kalley considerava o batismo com água, uma prática que deveria ser realizada como testemunho público, como um ato simbólico, não essencial para a salvação e não possuindo forma obrigatória e universal. No entanto, ele era contrário ao pedobatismo, embora no início do seu ministério, ele o praticasse, evidenciando uma mudança de posição, após a sua saída da Madeira.

Os motivos que o levaram a essa mudança de posição referente ao batismo infantil, não se sabem com certeza, no entanto, pode-se deduzir duas razões que poderia ter levado a uma mudança frente a esse assunto: Primeira, a própria natureza do seu ministério, autônomo e independente. Kalley não era ligado a nenhuma denominação e ao longo dos anos, foi amadurecendo este pensamento. Um ministro ligado a uma denominação, geralmente procura defender a prática eclesiológica da sua denominação e dificilmente iria assumir uma posição diferente, ou por convicção ou por uma questão de compromisso ou lealdade com a sua denominação, coisa que Kalley não tinha, ele era livre e independente e dependia tão somente da sua compreensão das Escrituras. A segunda razão parece estar relacionada com o rebatismo de sua primeira esposa, Margareth Crawford em Beirute, oito meses e oito dias da sua morte, em 1851.

Estabeleceram-se nas colinas atrás da cidade, e ele se devotou completamente a cuidar de sua esposa, cuja condição estava piorando rapidamente. Por anos, ela teve o desejo de ser batizada como uma verdadeira crente, convencida de que seu batismo quando criança não possuía o mesmo sentido do apresentado no Novo Testamento. Ela pretendia ser batizada em um ato público, mas devido a seu péssimo estado de saúde teve de se contentar com uma cerimônia privada. Na terça-feira, 7 de janeiro de 1851, em uma simples mas tocante cerimônia em sua casa, o doutor batizou sua esposa por aspersão. Alguns meses depois, em 15 de setembro, ela faleceu e foi enterrada em Beirute (FORSYTH, 2006, p.94).

Em Illinois, Kalley entrou em controvérsia com Antônio de Matos, ministro presbiteriano, designado pela Igreja Livre da Escócia, para pastorear as igrejas dos madeirenses em Illinois, por causa do rebatismo. Trata-se de uma disputa teológica que começou um dia em 1854, quando Kalley e Sarah estavam visitando Antônio de Mattos e sua família em Jacksonville. De Mattos dizia que Kalley tinha um ponto de vista errado acerca da doutrina da Expição. De Mattos não concordava com o re-batismo e kalley dizia que aqueles que foram batizados na infância por um sacerdote católico, tinham que ser batizados outra vez ou batizados pela primeira vez, uma vez que aquele batismo não tinha valor. Kalley chegou a publicar um panfleto sobre o seu ponto de vista em relação ao re-batismo e, durante a sua permanência em Illinois, ele batizou mais de cem exilados madeirenses, na Igreja Presbiteriana de Springfield.

In May he published a pamphlet with his views on baptism and urged the Portuguese converts to be re-baptized. Thereafter he began the practice publicly in the Springfield church, and by the end of his stay in Illinois he had baptized approximately one hundred of the Madeira exiles (LANGUM, 2006, p.43).

Quando estava no Brasil, Kalley enfrentou essa questão do re-batismo, na Igreja Fluminense e ele tomou uma postura menos radical. Aceitou o batismo de dois filhos de Francisco da Gama, que ele mesmo havia feito, na Madeira quando ambos ainda eram crianças, mas exigiu, para serem recebidos como membros que fizessem uma declaração pública de fé.

Dois filhos de Francisco da Gama, batizados por Kalley quando crianças na Madeira passaram por este processo: Francisco da Gama Júnior e Maria Júlia da Gama. Kalley aceitava estes candidatos que haviam recebido o batismo infantil, exigindo que no ato da recepção como membros, professassem sua fé através de respostas a questionário doutrinário especialmente preparado para este fim (CARDOSO, 2005, p.52).

4.7.2 *Em Relação à Ceia*

O pensamento de Kalley quanto à Ceia do Senhor também sofreu mudança, após a sua saída da Madeira. Considerando a sua origem presbiteriana, inicialmente ele aceitava a presença real de Cristo, no entanto, no Brasil, ele adota uma postura diferente.

A declaração que Deus está verdadeiramente presente no sacramento e que a Ceia é poderoso e eficaz meio de graça contrasta com a prática Kalleyana desenvolvida no Brasil. A forma de Kalley e os madeirenses tratarem a Ceia era bem particular. Notamos isto na descrição realizada por Francisco da Gama na primeira Ceia celebrada na cidade do Rio de Janeiro, em 10 de agosto de 1856, quatro dias após sua chegada ao Brasil: “Tivemos um banquete festivo comemorando a morte de Jesus” (CARDOSO, 2005, p.58).

Para Kalley, a ênfase da Ceia deveria estar no campo simbólico e não na apropriação dela como um meio de graça em si mesmo. No seu pensamento, a Ceia deveria ser entendida no seu caráter de representação memorial, destituindo-a de qualquer elemento transcendental.

[...] Naquele momento, diante dos olhos dos discípulos não podiam dar outra interpretação às palavras de Cristo, senão a de que este lhes falara em sentido figurado, como representação – usando da mesma linguagem que empregamos diante da fotografia de uma pessoa ou de um objeto (ROCHA, 1944, 291).

Talvez o texto que mostre com maior clareza, a posição de Kalley quanto à Ceia, seja uma carta sua enviada a John Morley, tio de sua esposa Sarah, ao falar sobre comunhão, que pode ser resumida da seguinte forma (ROCHA, 1944, p.294):

1º.) A palavra comunhão significa naturalmente posse comum, participação simultânea; e, segundo I Coríntios 10.16, não há dúvida de que a participação do Corpo e do Sangue de Jesus Cristo: conseqüentemente todos os que tomam o pão e o vinho, na comunhão, devem ser aqueles que, depois de se examinarem publicamente que, em companhia de todo o povo de Deus, são possuidores simultâneos do Corpo e do Sangue do Salvador e participantes dos benefícios que daí promanam;

2º.) Assim, compreendendo este fato, os crentes percebem, ao mesmo tempo, a elevada posição de honra e bem-aventurança de que gozam em Cristo; e, sentando-se ao redor da Mesa do Senhor, onde Ele é lembrado de modo todo especial (e sem o qual tal comunhão seria impossível, pelos séculos dos séculos), o efeito em suas almas, deve ser poderoso e aproveitável;

3º.) E, quando os crentes aprenderem, com inteira sinceridade, o significado desta relação com Deus, a saber, que todos os remidos são participantes de

todas as riquezas gloriosas do Criador – então pouco ou mesmo nenhum lugar continuará a existir para as divisões!

4.8 A Sua Produção Literária

A produção literária de Kalley não pode ser considerada uma produção acadêmica. Como em todos os segmentos de seu ministério, também na produção literária, percebe-se o caráter prático e objetivo dos seus escritos. Ele escrevia sempre de acordo com uma necessidade prática que ia surgindo, relacionada com o seu ministério pastoral. Caso fosse necessário ele escrevia, desde panfletos para esclarecer dúvidas, para evangelismo, cartas respondendo questões, hinos, até edição de pequenas obras e traduções.

O Dr. Kalley era um escritor prolífico; sua atarefada caneta raramente descansava. Ele escrevia todos os seus sermões e, ao fazê-lo, revelava sua metódica mente, seu profundo entendimento das verdades bíblicas e sua facilidade em comunicação. Ele podia transmitir as mais profundas verdades espirituais numa linguagem simples, facilmente compreendida por seus ouvintes, até mesmo entre os que nem sequer sabiam ler ou escrever. Alguns de seus sermões são merecedores de publicação e são tão relevantes hoje quanto o eram na época em que foram pregados (FORSYTH, 2006, p.164,165).

4.8.1 A Produção de Hinos

Os hinos de Kalley testemunham a sua teologia, nos seus vários temas como o amor universalista de Deus, a necessidade da decisão pessoal, o temor da recaída, a vigilância dos atos da vida. Em suma, o pensamento teológico de Kalley, reflete o voluntarismo voltado

para a negação do mundo. Quando Kalley chegou ao Brasil, ele trazia a coleção de doze hinos que havia produzido na Ilha da Madeira. Cardoso faz uma análise teológica desses hinos, que pode ser sintetizado como segue (CARDOSO, 2005, p.68-71):

1º.) Encontramos nestes 12 hinos a síntese da visão de Kalley sobre Deus e o homem. Apresentando um Deus amoroso, bom, bendito, que supre todas as necessidades físico-espirituais dos que chama para acolher, perdoar e salvar. Mostra o Deus ferido por nós, que se sacrifica dando seu sangue por propiciação dos que crêem, tomando sua cruz para salvar através de suas chagas, o pecador. Deus salvador e libertador, rei e pai dos crentes, que alivia as dores dos pecadores, dando esperança nessa vida e na futura;

2º.) O homem apresentado é um pecador fragilizado, impotente, sofredor sem rumo, pobre descrente, presa fácil do destruidor. Este homem é chamado por Deus, que age em seu lugar e o salva, libertando-o do medo do além, transformando-o em filho através de Jesus, o antes vil pecador, é merecedor da felicidade do céu, sendo transformado em ovelha do divino pastor em servo obediente à lei, em adorador que louva a Deus preparando-se para ir à mansão celestial, à vida eterna de glória, graça, paz, alegria do céu;

3º.) A visão de Deus de Kalley era essencialmente missionária e evangelística, apresentando um Deus próximo, diferindo do “mysterium tremendum” descrito por Rudolf Otto. Otto descreve o numinoso, aquele que não pode ser desenvolvido conceitualmente, o mistério que faz tremer. O adorador, ao aproximar-se de Deus, ciente de sua pecaminosidade, não pode olhar para Deus sem tremor;

4º.) Kalley apresenta um Deus pessoal, bom, supridor, amoroso, que age, que chama, que perdoa, que salva, que liberta.

Junto com esses hinos, outros foram sendo acrescentados, através de tradução de hinos utilizados na igreja da Escócia e da produção de sua esposa Sarah, sendo editado em um hinário que recebeu o nome de Salmos e Hinos, tendo sua primeira realização sido realizada em 17 de novembro de 1861, na Igreja Evangélica Fluminense.

4.8.2 *As Cartas Enviadas*

Considerando que não havia telefone, telégrafo, e-mail e outros meios de comunicação que temos em nossos dias, o único meio de comunicação existente naquele tempo, era a carta, e, naturalmente, Kalley utilizou desse meio de forma abundante e intensa.

Ele manteve um fluxo contínuo de correspondências com pessoas na Inglaterra, Estados Unidos, Índias Ocidentais, Portugal e Madeira, e as cartas que escreveu apresentavam respostas bíblicas para os problemas da igreja. A questão do batismo por imersão, em oposição ao batismo por aspersão, devastou as igrejas de Illinois; um vendedor ambulante de livros, membro da Igreja Fluminense, estava definhando na prisão em Portugal; John Morley, parente de sua esposa, estava em dúvida e confusão como resultado dos ensinamentos de J. N. Darby; em Lisboa, a falta de uma firme liderança e de um ministério de ensino causavam sérios problemas; seus investimentos pessoais nas ferrovias americanas preocupavam seu consultor financeiro em Londres. Todos esses assuntos e muitos mais emergiram e foram parar sobre a mesa do doutor. Ele não tinha uma secretária, mas, apesar disso, respondia cada carta pessoalmente (FORSYTH, 2006, p.165).

4.8.3 *A Edição e Tradução de Livros*

Quando chegou ao Brasil Kalley traduziu e publicou, em série, no *Correio Mercantil*, “O Peregrino” de John Bunyan. Segundo Mendonça, a ideologia religiosa deste famoso livro,

reflete o universalismo do amor de Deus, o individualismo e a peregrinação do pecador, em meio a dúvidas e tentações que possam fazê-lo perder a rota, até a gloriosa Cidade de Deus. Por certo Kalley assumia a teologia de Bunyan, caso contrário não teria tido o trabalho de traduzi-lo e publicá-lo. Mais tarde, outra não menos famosa obra, o sugestivo quadro intitulado “os dois caminhos”, de certo modo, reproduz pictoricamente a teologia de Bunyan, veio a se tornar comum nas casas de protestantes brasileiros.

Dos artigos publicados na imprensa, os seguintes títulos indicam os mais variados assuntos com os quais ele lidou: “A Regra de Nossa Fé”, “Uma Importante Confissão”, “Jesuitismo no Parlamento”, “O que é o Mundo?”, “Império Brasiliense e Império Eclesiástico”, “As Sagradas Escrituras”, “A Punição da Excomunhão”. Ele usava um pseudônimo, “O Crítico” ou, às vezes, “O Católico-Protestante”, e escreveu um total de trinta e cinco artigos para o *Correio Mercantil*.

De Bunyan, também traduziu Guerra Santa e mais tarde Kalley compilou alguns livros devocionais: *Cleon e Maia, Felicidade do Lar e Orações Curtas e O Ladrão na Cruz*.

4.9 As Perseguições Sofridas

As perseguições sofridas por Kalley tiveram início na Madeira, após ele ter recebido uma moção de agradecimento pelo Concelho de Funchal, pelo seu trabalho filantrópico a favor dos pobres, doentes e analfabetos da Ilha. Primeiro começou como um protesto das autoridades eclesiásticas contra o crescimento dos seus seguidores. O bispo de Madeira que era seu amigo alertou-o que havia recebido uma carta de Lisboa advertindo que deveriam interromper todas as suas atividades médicas e educacionais que pusessem em risco a lei e a ordem.

O bispo apelou ao doutor para que fechasse sua clínica e suas escolas, mas ele se recusou. O doutor afirmava estar cumprindo a missão que deus lhe confiara e recebendo bênçãos. Pelo constrangimento divino, ele deveria continuar seus trabalhos como o mesmo zelo de sempre. Ele não estava infringindo a Constituição Portuguesa com estas atividades (FORSYTH, 2006, p.52).

Kalley apelou ao juiz da suprema corte em Madeira, pedindo uma decisão a respeito da legalidade do tratamento hostil e arbitrário ao qual ele estava sendo sujeito.

Após a devida consideração, o juiz emitiu seu parecer oficial em 31 de março de 1843: Primeiramente, não existia lei alguma que condenasse o ensino educacional e religioso exercido pelo doutor, uma vez que ele não estava infringindo nenhuma cláusula do Tratado de 1842, assinado pela Grã-Bretanha e Portugal. Em segundo lugar, o doutor não se opôs à religião oficial em encontros públicos, até mesmo porque as únicas reuniões que ele mantinha eram aquelas em sua própria residência, ou aquelas para os simpatizantes do protestantismo que vivem nas adjacências (FORSYTH, 2006, p.52).

Aqui pode-se verificar como Kalley sempre agiu diante da intolerância e da perseguição: ele buscava respaldo na própria legislação do país onde se encontrava, para acionar as autoridades e exigir o cumprimento da lei. No caso específico da Madeira, ele buscava a proteção das autoridades sobre a vida de um cidadão de um país que tinha relações diplomáticas e de amizade com Portugal, tentando provar que não tinha infringido nenhuma de suas leis. Com o crescimento das escolas primárias na Ilha, cresceu também a oposição por parte da Igreja Católica, que passou a atacar os madeirenses convertidos e a nova “seita”, através do púlpito e através de panfletos contra os leitores da Bíblia, que passaram a ser

chamados de “hereges calvinistas”. Os esforços eram feitos no sentido de incitar a população a se levantar e expulsar o “intruso”, o “lobo” e as heresias que ele proclamava.

O clero se enfurecia cada vez mais. A oposição tornou-se vociferante e abusiva sob a liderança do cônego da catedral, Carlos de Menezes. Do púlpito, ele e outros que pensavam da mesma forma, atacavam violentamente a “nova Seita”. Na escola dos padres era ensinado às crianças como ridicularizar e escarnecer dos “calvinistas” (FORSYTH, 2006, p.53).

Um aspecto importante a ser observado nas perseguições sofridas por kalley é a sua determinação e a sua coragem em enfrentar e lutar, assumindo os riscos a que estivesse sujeito. Em hipótese alguma ele admitia fugir e abandonar o seu rebanho, ainda que fosse advertido para isso. A Igreja da Escócia recomendou que ele deixasse a Ilha, mas ele não aceitou e decidiu continuar o seu trabalho.

A Igreja Livre da Escócia escreveu para o Dr. Kalley recomendando que ele deixasse a ilha, dando como justificativa o texto de Marcos 6.11: “Se nalgum lugar não vos receberem nem vos ouvirem, ao sairdes dali, sacudi o pó dos pés, em testemunho contra eles”. O doutor replicou: “Lembre-se, no entanto, que também está escrito em João 10. 12-13: ‘O mercenário, que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, vê vir o lobo, abandona as ovelhas e foge; então o lobo as arrebatava e dispersa. O mercenário foge, porque é mercenário e não tem cuidado com as ovelhas’. Se eu sair daqui, as pobres ovelhas do rebanho de Cristo sofrerão um terrível golpe, e o lobo as devorará. O Senhor pode me salvar das presas do leão e do urso. [...] nem sempre devemos fugir quando ouvimos o rugido do leão (FORSYTH, 2006, p.53,54).

A firmeza de Kalley ao enfrentar as perseguições, levaram os convertidos a assumirem também, atitudes de firmeza, diante das ameaças e do sofrimento. Certamente que o ensino e o exemplo de Kalley, produziu maturidade de fé a ponto de enfrentar as autoridades e as prisões, sem abrir mão das suas convicções.

Em 11 de janeiro de 1843, um professor, sua esposa e filho foram detidos, acusados de desobediência civil e condenados a quatro meses de prisão por lecionarem sem possuir diploma oficial. No mesmo dia, um crente também foi condenado à prisão por ter sido pego lendo e expondo a Palavra de Deus. Em abril, dois madeirenses convertidos do catolicismo romano, foram recebidos como membros da Igreja Escocesa e participaram da Ceia do Senhor com a congregação. Ambos eram renomados cidadãos e muito respeitados. Foram sumariamente excomungados pela Igreja Católica com todas as formalidades e publicidade. Estes dois homens sofreram tanto nas mãos de seus perseguidores que foram obrigados a se esconderem numa caverna nas montanhas por mais de um ano. Em torno de vinte e seis “hereges” foram aprisionados, e um deles, rico fazendeiro, foi deportado para a África Ocidental Portuguesa, por causa de Cristo. Na prisão, junto aos delinqüentes, assassinos e outros tipos de criminosos, os crentes deram um bom testemunho de sua inabalável fé em Cristo. Receberam grande conforto da Palavra de Deus e dos hinos preparados pelo Dr. Kalley para eles (FORSYTH, 2006, p.54-56).

Percebe-se que aqueles convertidos haviam adquirido um nível de maturidade na sua fé, ao assumirem posturas que demonstrava mudanças na sua maneira de viver, que os identificava como crentes em Cristo. Um exemplo dessa postura foi o caso de uma mulher que foi presa e dada a oportunidade para ela retratar-se, mas ela decidiu confirmar a sua fé, mesmo sob pena de perder a própria vida.

Maria Joaquina Alves, mãe de sete filhos, foi presa e acusada de apostasia, heresia e blasfêmia. Após dezesseis meses, foi levada a julgamento para responder às acusações feitas contra ela. “Você acredita”, eles perguntaram, “que a hóstia consagrada é o verdadeiro corpo, o verdadeiro sangue, a alma humana e divindade de Cristo?” Sua vida dependia da resposta que ela desse, mas firme e claramente respondeu: “Eu não acredito nisto”. O juiz a sentenciou à morte (FORSYTH, 2006, p.56,57).

A corte de Lisboa anulou esta sentença um ano depois. No dia seguinte à sua libertação, Maria Joaquina foi ao culto na igreja fundada por Kalley e pediu para ser aceita como membro. Ela se tornou um exemplo vivo de quando um crente for chamado para sofrer pela causa do evangelho e, no sofrimento, manterem-se firmes e leais a Cristo. Um fato curioso a respeito desta mulher é que anos depois, ela acabou sendo uma das refugiadas da Madeira em Illinois e um de seus filhos teve contato com Abraão Lincoln, em 1856, quando ele era advogado em Springfield.

Aos poucos, o ministério de Kalley foi tornando-se cada vez mais reduzido: ele não podia mais tratar dos pobres, suas escolas foram interditadas e finalmente, ele foi proibido de continuar pregando. O tribunal de Lisboa promulgou uma ordem oficial que declarava como ato criminoso um cidadão britânico ensinar doutrinas contrárias à religião oficial do Estado, com a participação de portugueses. Diante de uma lei ou uma norma específica, Kalley sempre acatou as leis ou normas específicas, a não ser que pudesse derrubá-la por força da própria lei ou de uma constituição, que estivesse acima daquela lei.

Após receber uma cópia desta ordem, não me senti livre para continuar meus encontros com os irmãos portugueses e cessei de ministrar para eles publicamente”(FORSYTH, 2006, p.57).

As autoridades civis invadiram a sua casa durante os encontros que ele fazia, e com base numa lei sancionada pela Inquisição, em 1603, contra todas as heresias, ele foi preso, onde passou seis meses, desde julho de 1843.

A vida na prisão era severa, Ele tinha sua própria cela, e, uma vez estabelecido relacionamento amigável com o carcereiro – a porta de sua cela não era trancada. Também lhe era permitida a liberdade do pátio da prisão. As refeições do doutor eram preparadas em sua própria casa e trazidas por um de seus servos. Todos os prisioneiros e até mesmo o carcereiro, tiveram o evangelho explicado em calmas e amigáveis. Dr. Kalley recebeu alguns privilégios, incluindo o direito de visitas. A cada domingo os crentes, seus filhos espirituais, se enfileiravam do lado de fora da prisão para uma breve visita (FORSYTH, 2006, p.58).

O governo britânico interveio a favor de Kalley através do embaixador britânico em Lisboa. A Corte de Apelação do reino de Portugal resolveu que a recusa em aceitar fiança foi ilegal, assim como a sua prisão e detenção. Os britânicos alegaram que, sendo um cidadão britânico residente em Funchal, Kalley não havia de forma alguma infringido qualquer artigo do Tratado de 1842. Uma vez que sua prisão havia sido considerada ilegal e não havia recebido acusação alguma, ele retornou a suas atividades normais.

Fui liberto em janeiro de 1844 e retomei o trabalho que havia interrompido. Fiz isto porque o único juiz autorizado a dar um veredicto declarou que não ocorrera quebra de lei, nem da constituição do país. A polícia continuou a seguir os meus passos, mas, apesar de todas as dificuldades, em torno de seiscentas pessoas se juntavam todos os domingos, durante os meses de verão para o culto de adoração em Santo Antônio da Serra (FORSYTH, 2006, p.61).

O que se percebe é que a prisão de Kalley, serviu para fortalecer o movimento e os laços entre os convertidos, apenas, talvez por uma questão de estratégia, as reuniões deixaram de ocorrer no Funchal, e passaram para o interior, em Santo Antônio da Serra, a 24 km de distância, que tornou-se um dos mais importantes centros do movimento protestante ou da fé evangélica da ilha.

Em janeiro de 1845, acompanhado de sua esposa Margareth, Kalley foi à Lisboa e encontra-se com Rev. William Hepburn Hewitson e toma conhecimento de que ele tinha sido comissionado pela Igreja Livre da Escócia para cuidar dos convertidos madeirenses, organizá-los em uma igreja, dentro da estrutura presbiteriana, ampliar e desenvolver o trabalho educacional e isso foi uma surpresa para Kalley que não havia sido consultado a respeito daquela nomeação. Após algumas semanas em Lisboa, Kalley volta à Madeira e torna a ser preso pela segunda vez, mas desta vez, ele paga fiança e é solta em seguida.

Logo após a chegada deles, outra crise se formou. O Dr. Kalley foi mais uma vez preso, sob a acusação de que, em sua casa, mantinha reuniões nas quais cidadãos portugueses estavam presentes e ensinava doutrinas contrárias à religião oficial do Estado. Desta vez, no entanto, ele pôde pagar fiança (FORSYTH, 2006, p.63).

Pensando na difícil situação em que se encontrava, sob o risco de ser expulso da ilha e as conseqüências que isso traria aos madeirenses convertidos, Kalley vê no Rev. Hewitson, uma possibilidade de um líder capacitado para dar continuidade ao seu trabalho e resolveu passar para ele os cuidados pastorais dos seus seguidores. Hewitson assumiu os trabalhos e organizou a igreja em 8 de maio de 1845, com a eleição de seis presbíteros e cinco diáconos.

Estando os trabalhos sob a responsabilidade de Hewitson, Kalley e sua esposa deixaram a ilha em agosto de 1845 e foram para a Escócia, onde passaram cerca de dois meses para descanso e recuperação, retornando outra vez à Madeira em outubro do mesmo ano. Durante a sua ausência, o ritmo da perseguição aumentou consideravelmente levando o Rev. Hewitson a deixar a ilha em maio de 1846, sob recomendação de Kalley. Com a saída de Hewitson da ilha, surgiu rumores de que havia um plano para tirar a vida de Kalley e saquear a sua casa e hospital. Como era o seu costume, Kalley apelou para as autoridades constituídas: o chefe da polícia e o governador civil da ilha polícia.

O doutor apelou para o chefe de polícia, mas seu mensageiro foi severamente espancado pela multidão. O governador civil, maior autoridade em Madeira, ao receber o apelo, só mostrou hostilidade. Ele acusou o doutor de ser a causa de todos os distúrbios (FORSYTH, 2006, p.74).

Percebendo que não poderia contar com qualquer tipo de proteção policial, na madrugada do dia 8 de agosto de 1846, Kalley disfarçou de camponês e com ajuda de alguns amigos, ele fuge pelos fundos da sua casa e encontra abrigo em uma casa.

Às duas horas da madrugada, ferrolhos e barras foram verificadas, e o doutor se disfarçou de camponês. Seus amigos insistiram em que ele deveria escapar imediatamente. Ele escalou um muro nos fundos, desceu num vinhedo e subiu a colina para uma casa segura. Seus amigos o seguiram pelo muro e depois se dispersaram (FORSYTH, 2006, p.75).

O dia 9 de agosto de 1846 foi considerado o dia D, nas perseguições sofridas por Kalley e pelos convertidos na ilha da Madeira, chamado pelos católicos de “o dia de São Bartolomeu”. Por trás de tudo isso estava o Cônego Telles e outros clérigos incitando o ódio e a violência.

O Cônego Telles fez um discurso bombástico para uma congregação apinhada na catedral: “Defendam sua santa padroeira, Nossa Senhora do Monte; defendam a Santa Madre Igreja Católica; os métodos pacíficos de impedir que a heresia se espalhasse falharam; então, os métodos violentos terão de ser usados agora; mostrem seu zelo pela religião de seus antepassados, expulsando violentamente os ‘calvinistas’ e devastando suas propriedades. Suas armas são agora a espada e o fogo” (FORSYTH, 2006, p.75).

Diante destas palavras, vindas da liderança religiosa católica, a violência explodiu na ilha. O sinal dado do lado de fora da catedral, foi o som de dois fogos de artifício que riscou o ar e a multidão atacou as casas e as chácaras dos crentes e as famílias foram expulsas de suas propriedades, muitos foram presos, outros espancados. Eles foram abandonados sem casa e privados de qualquer outro recurso.

Aqueles dias foram dias de agonia [...] Os madeirenses que conseguiram escapar das mãos dos perseguidores fugiam para se esconderem nas florestas e cavernas das montanhas, até nestes lugares não estavam seguros. Seus inimigos os perseguiam implacavelmente. As autoridades civis tinham perdido completamente o controle da situação (FORSYTH, 2006, p.76).

A multidão invadiu a casa e o hospital de Kalley, pretendendo linchá-lo, mas ele não foi encontrado. A sua esposa já estava sob proteção do consulado britânico e ele havia encontrado refúgio na casa de dois irmãos, seus convertidos, na Quinta da Boa Vista.

Como não conseguiu achar o doutor, a multidão deu vazão ao seu ódio e destruiu os pertences dele. Toda a mobília da casa e do hospital, assim como uma valiosa coleção de livros, foram levados para o meio da rua e queimados numa grande fogueira, e nenhum esforço foi feito para acalmar o tumulto (FOSYTH, 2006, p.77).

Havia um navio britânico ancorado no porto com destino às Ilhas Ocidentais, o *Forth* e Kalley se disfarçou de mulher doente e foi carregado em uma rede pendurada em uma vara até a praia onde foi levado por um barco até o navio. Depois a sua esposa foi levada para encontrar-se com ele. Naquela mesma noite, ele partiu para as Índias Ocidentais.

Uma rede foi obtida e com extrema dificuldade conseguiram contratar os carregadores. Dr. Kalley foi disfarçado como uma mulher velha e doente [...] os carregadores foram capazes de chegar à praia, antes que a multidão saísse em perseguição a eles. O barco que levava até o navio estava esperando, e a rede foi colocada nele. [...] Mais tarde, a Sra. Kalley se juntou a seu marido a bordo do navio. [...] À noite, o *Forth* levantou âncora e partiu para as Índias Ocidentais (FORSYTH, 2006, p.78,79).

Quando estava no Brasil, Kalley passou por perseguição tanto no Rio de Janeiro como no Recife e a sua postura sempre foi de buscar proteção das autoridades civis e militares. Quando ele passava por uma situação de violência, buscava a proteção das autoridades para coibir a violência e acabou dando certo.

Em agosto de 1861, uma multidão enfurecida, instigada por fanáticos, juntou-se do lado de fora da casa onde as reuniões aconteciam. A polícia apareceu, mas não fez nenhuma tentativa para deter a violência. Pedras choveram no telhado e foram

atiradas nas janelas. A certa altura, a multidão tentou invadir a casa.. [...] Um inspetor de polícia apareceu, silenciou a multidão e pediu, de modo cortês, para falar com o Dr. Kalley pessoalmente, O pedido foi atendido e como resultado dois policiais foram deixados de guarda na porta e a multidão foi dispersa. [...] Mais tarde, em Niterói, em 1864, a multidão se tornou tão violenta que somente a intervenção direta da polícia, com as espadas desembainhadas, impediu que o Dr. E a Sra. Kalley fossem linchados (FORSYTH, 2006, p.154,155).

Estes incidentes serviram como exemplos para a violência das multidões contra os protestantes evangélicos nos anos seguintes. Os fanáticos incitavam a população à violência,até que o Estado era pressionado para intervir.

O Dr. Kalley fez uma reclamação com o chefe de polícia e também conversou pessoalmente com o governador do Estado, o que resultou na implementação de uma política de repreensão severa de tais distúrbios. A ordem foi restaurada e os encontros passaram a ocorrer sem mais nenhuma outra perturbação (FORSYTH, 2006, p.155).

5 OS REFUGIADOS DA ILHA DA MADEIRA EM ILLINOIS

5.1 Os Elementos Essenciais da Cultura Portuguesa

Estabelecer as bases culturais permanentes dum povo estratificado e com oito séculos de história demanda um longo trabalho de análise e boas qualidades de observação, interpretação e síntese.

A herança cultural de um povo é fatalmente afetada por influências do exterior (aculturação) e por transformações de estrutura determinadas pela sua própria evolução.

É importante notar a diversidade cultural das várias regiões naturais da nação portuguesa, agravada ainda pelas diferenças culturais próprias dos extratos sociais que a formam.

Dias²⁷, um estudioso da antropologia cultural, desenvolve um estudo sobre a cultura portuguesa, que pode ser resumida da seguinte forma: “Quando nos referimos à cultura de um povo civilizado, formado por um conjunto de áreas culturais distintas e de classes estratificadas, não nos podemos necessariamente deter nas formas e instituições, e temos antes de lhe procurar o conteúdo espiritual. Só ele deixa compreender a evolução cultural do povo, porque só esse conteúdo espiritual pode ter caráter de permanência

²⁷ DIAS, Jorge. *O Essencial sobre os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004.

através das transformações morfológicas e ideológicas que vão sucedendo no tempo. A única constante de um povo é o seu fundo temperamental, e não os múltiplos aspectos que a cultura reveste, porque é ele que os seleciona e transforma de acordo com a sua sensibilidade específica”(p.7).

A cultura portuguesa tem caráter essencialmente expansivo, determinado em parte por uma situação geográfica que lhe conferiu a missão de estreitar os laços entre os continentes e os homens. “A força atrativa do Atlântico, esse grande mar povoado de tempestades e de mistérios , foi a alma da nação e foi com ele que se escreveu a história de Portugal” (p.16).

A personalidade psicossocial do povo português é complexa e envolve antinomias profundas, que se podem talvez explicar pelas diferentes tendências das populações que formaram o país. Apesar da relativa homogeneidade da sua população, no norte do país abundam elementos da Europa setentrional e central (celtas e germanos), enquanto no sul predominam os elementos do sul da Europa e do norte da África (mediterrâneo e berberes).

Os lusitanos, que resultaram desta fusão, eram um povo rude, sóbrio e espantosamente resistente e aguerrido. Durante o século VI, os Visigodos acabam por assenhorear de toda a Península, formando um grande reino cristão. Porém, logo no início do século VIII, os árabes, movidos por um vivo impulso religioso, lançam-se na Península e conquistam-na com rapidez vertiginosa. Todavia, à medida que ganham em extensão, vão perdendo em ímpeto e, ao fim de alguns anos, o núcleo de resistência cristã, formado nas Astúrias, começa a repelir o inimigo. Vão-se assim formando novos reinos cristãos, entre os quais Portugal.

“Portugal nasce desta luta contra os mouros. É uma guerra política e religiosa. Enquanto se reconquista o solo da pátria expulsa-se o inimigo da fé. Atrás do

conquistador vai logo o lavrador e constrói-se o templo. A espada que luta precisa de se apoiar no pão dos campos e na fé em Deus. Em 1415 os portugueses conquistam Ceuta. Era o começo da fase de expansão marítima. Em 1418 descobre-se a Ilha da Madeira, a seguir os Açores, depois vai-se explorando a costa africana com o propósito de chegar à Índia pelo mar, ao mesmo tempo que se mandam exploradores por terra. Desde então, toda a cultura portuguesa está impregnada de influências marítimas e ultramarinas”(p.22).

Ao tentar definir as constantes culturais do povo português, comparando as características culturais com aquelas fornecidas pela história em função da sua personalidade-base, temos o seguinte:

“O português é um misto de sonhador e de homem de ação, ou, melhor, é um sonhador ativo, a que não falta certo fundo prático e realista. A atividade portuguesa não tem raízes na vontade fria, mas alimenta-se da imaginação, do sonho, porque o português é mais idealista, emotivo e imaginativo do que homem de reflexão. O português é, sobretudo, profundamente humano, sensível, amoroso e bondoso, sem ser fraco. Não gosta de fazer sofrer e evita conflitos, mas, ferido no seu orgulho, pode ser violento e cruel. A religiosidade apresenta o fundo humano peculiar ao português. Possui uma forte crença no milagre e nas soluções milagrosas”(p.24).

“Há no português uma enorme capacidade de adaptação a todas as coisas, idéias e seres, sem que isso implique perda de caráter. Foi essa faceta que lhe permitiu manter sempre a atitude de tolerância e que imprimiu à colonização portuguesa um caráter especial inconfundível: assimilação por adaptação” (p.25).

“Outra constante da cultura portuguesa é o profundo sentimento humano, que assenta ao temperamento afetivo, amoroso e bondoso. Para o português o coração é a medida de todas as coisas. Contudo, o português não é fraco nem covarde. Detesta as

soluções trágicas e não é vingativo, mas o seu temperamento brioso leva-o com excessiva freqüência a terríveis lutas sangrentas. Quando o ferem na sua sensibilidade e se sente ultrajado, ou perante um ponto de honra, é capaz de reações de extraordinária violência” (p.37).

“O português detesta o impessoal e o abstrato e põe acima de tudo as relações humanas. O seu fundo humano torna-o extraordinariamente solidário com os vizinhos, e em poucas regiões da Europa existe como em Portugal o espírito comunitário e de auxílio mútuo. Mas qualquer organização geral que limite as liberdades individuais produz imediatamente um movimento de reação em que todos são solidários”(p.48).

É importante observar que, além de todas essas características culturais, percebidas por um estudioso da etnografia, Kalley tem uma percepção bastante objetiva sobre o povo português, olhando do ponto de vista religioso, na perspectiva do catolicismo romano, com ênfase na Ilha da Madeira, que, assim como os Açores, era inabitada quando os portugueses a descobriram. Eles a colonizaram e levaram consigo seu próprio tipo de catolicismo romano.

Os mouros, durante os séculos em que dominaram a Península Ibérica, introduziram um elemento de fatalismo na religião do povo. Em tempo de crise, os portugueses simplesmente encolheriam seus ombros e se resignariam ao destino, com a atitude: “Deus quer assim”. O catolicismo romano reivindicava Madeira como seu domínio exclusivo. Todos os outros ramos do cristianismo eram considerados hereges e conseqüentemente banidos. Para confirmar tal reivindicação, em 1554, imediatamente após a ocupação portuguesa, a catedral em Funchal foi construída, a primeira catedral a ser erguida fora do território português propriamente dito (FORSYTH, 2006, p.37,38).

Em termos práticos, os pontos principais da religião não eram a missa e a confissão, importantes como geralmente são no catolicismo, mas sim os dias dos santos. Em tais dias, o clima era como o de carnaval: o santo era carregado acima dos ombros das pessoas durante a procissão, as casas eram decoradas para a ocasião, flores eram jogadas no caminho, todos com as melhores roupas e festejando.

Um agradecimento superficial era dado ao santo através de uma missa, com as mulheres se apinhando dentro da igreja e os homens todos do lado de fora. A missa terminava, e as festividades começavam de fato. O santo era esquecido e a sensualidade prevalecia. O cristianismo bíblico era desconhecido (FORSYTH, 2006, p.38).

5.2 A Teoria da Aculturação

A teoria da aculturação surgida em 1930 foi sistematizada pelos antropólogos M. Herkovits, R. Redfeld e R. Linton, procura explicar o processo do encontro entre duas ou mais culturas, através do contato direto e contínuo.

Segundo Willems²⁸, aculturação “designa mudanças na cultura de dois ou mais grupos quando postos em contato direto e contínuo. Contatos dessa natureza implicam geralmente a transmissão de certos elementos da cultura material e não material de uma sociedade a outra. Todavia, a transmissão vai precedida por uma seleção que implica a aceitação de alguns e a rejeição de outros elementos culturais (v.i.). Muito comum também é a modificação de elementos aceitos. É freqüente a desintegração (v.i.) de uma ou várias culturas, sob a influência dos contatos que se estabelecem entre os seus portadores. Após uma fase de desintegração e conflitos (v.i.), acompanhada de desorganização (v.i.) social, ocorre a

²⁸ WILLEMS, Emílio. *Dicionário de Sociologia*. São Paulo: Editora Globo. P.2.

reintegração que pode envolver o desaparecimento, total ou parcial, das configurações anteriores e a fusão de certa parte de seus elementos numa configuração nova. É óbvio que os processos aculturativos afetam as pessoas afetam as pessoas que representam o substrato humano das culturas em contato. No que diz respeito às mudanças das personalidades atingidas, é preferível o termo *assimilação*.

A hipótese básica constrói-se a partir da experiência religiosa de um povo pobre, iletrado, simples, de tradição católica, formada em sua grande maioria por trabalhadores rurais e domésticas, vivendo em uma ilha na primeira metade do século XIX, e das mudanças sociais que esse grupo experimenta, ao estabelecer contato com um médico estrangeiro que oferece a eles duas coisas as quais eles não tinham acesso, pela própria condição social em que viviam: Saúde e Educação.

Vivendo em um pequeno país, uma vez que a Ilha da Madeira representava para a grande maioria daquele povo a sua nação, porque dificilmente eles teriam condições financeiras para viajar para o continente ou para conhecer outras nações, certamente que a cosmovisão daquele povo era também bastante limitada. De repente surge diante deles um profeta, diferente daquele sacerdote que eles conheciam havia muitos anos, mas que não trazia uma perspectiva de melhoria de vida ou de mudança. Pelo contrário, o catolicismo representava para eles, a manutenção dos mesmos padrões em que viverem os seus pais e avós.

Um dos desafios que temos ao trabalhar com a questão da identidade social, qual é a identidade do povo português, dentro desse contexto, que os torna diferentes ou singulares não apenas na questão étnica, da raça, mas da fé e do tipo de protestantismo que praticam, nesse painel onde eles se encontram, marcados pela diversidade cultural, numa nação com ideal de liberdade, mas marcada pelo individualismo, essas identidades precisariam ser reelaboradas? aquele povo queria manter ou recuperar as suas tradições culturais, afirmar-se

como grupo especial em sua singularidade, ocupar espaços sociais, políticos e simbólicos nessa nova terra, ou preferiam ser absorvidos pela cultura local?

Os registros históricos mostram que os portugueses se desenvolveram na nova terra, alguns foram prefeitos, professores, administradores do Estado. Houve um caso de uma indicação, pelos portugueses de Illinois ao governo federal, do cargo de cônsul americano em Portugal, para um dos seus filhos, nascido em solo americano. Três questões parecem estar relacionadas ao conceito de aculturação, que serve de ajuda ou suporte para uma compreensão mais abrangente. A primeira tem a ver com identidade. Pereira in (Identidade Protestante no Brasil ontem e hoje), afirma que mais que um conceito, a identidade é uma teoria explicativa dos fenômenos sociais e culturais. Pode-se destacar dois pontos na teoria, indispensável para pensarmos no tema identidade:

1. “A identidade é um fenômeno relacional em termos de estrutura social. Isto significa que ela se configura, ganha sentido, na relação social entre nós e o outro. Por que? Porque nós, como grupo, construímos a nossa identidade a partir de nossos elementos endógenos, porém, o outro grupo com o qual convivemos, constrói nossa identidade também. Portanto, a identidade de um grupo é o resultado do que esse grupo imagina sobre si mesmo e do que os outros pensam dele. Ele se rotula e é rotulado. É o que se pode chamar de identidade reflexa: o grupo se vê pelos olhos do outro. É desse jogo, social e simbólico, que nascem os graus de auto-estima dos grupos em contato”.

2. “A identidade não é um dado da natureza, ela é constituída socialmente. A identidade é construída historicamente, isto é, a identidade de um grupo pode variar ao longo da história. Há momentos históricos específicos em que a identidade é redefinida em termos positivos ou negativos, isto é, beneficiando ou prejudicando a imagem do grupo.”

Uma segunda questão importante a ser destacado, relacionado com o conceito de aculturação, é definir grupo étnico. Pontgnat, in (Teorias da Etnicidade), afirma que o termo

grupo étnico, na bibliografia antropológica, é geralmente entendido para designar uma população que:

1. Perpetua-se biologicamente de modo amplo;
2. Compartilha valores culturais fundamentais, realizados em patente unidade nas formas culturais;
3. Constitui um campo de comunicação e de interação;
4. Possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferencial de outras categorias do mesmo tipo.

A manutenção das fronteiras não é problemática e decorre do isolamento implicado pelas características itemizadas acima: diferença social, diferença cultural, separação social e barreiras linguísticas, hostilidade espontânea e organizada.

Isso limita o âmbito dos fatores utilizados para explicar a diversidade cultural: somos levados a imaginar cada grupo desenvolvendo sua forma cultural e social em isolamento relativo, essencialmente, reagindo a fatores ecológicos locais, ao longo de uma história de adaptação por invenção e empréstimos seletivos.

Esta história produziu um mundo de povos separados, cada um com sua cultura própria e organizado numa sociedade que podemos legitimamente isolar para descrevê-la como se fosse uma ilha, “A Ilha da Madeira”.

Um terceiro aspecto a ser observado refere-se ao *hibridismo cultural*. Peter Burke, levanta uma questão: a troca é uma consequência dos encontros, mas quais são as consequências da troca?

Pode ser útil distinguir quatro estratégias, modelos ou cenários possíveis de reação a “importações” ou “invasões” culturais. Estas reações são aceitação, rejeição, segregação e adaptação. Aceitação é a primeira estratégia possível, é a acolhida. A tendência é assumir que a troca cultural é sempre um reflexo de tolerância. A resistência mostra que o contraste

entre tradições abertas e fechadas levanta um problema intrigante, o de explicar as diferenças de receptividade. Na segregação cultural é uma reação consciente a uma “invasão” cultural. Neste caso, a linha divisória é traçada não entre ela mesma e a outra, mas no interior da cultura doméstica, desistindo da idéia de defender o território inteiro e se concentrar ou manter parte dele livre de contaminação por influências estrangeiras. a adaptação é uma troca da vantagem. adapta-se às circunstâncias e situações, enquanto isso for vantajoso para mim. Quando o grupo chegou em Illinois, havia uma necessidade de mão-de-obra, para trabalhar nas fábricas de manufatura. O Estado estava sendo desbravado e aqueles portugueses recém-chegados e ainda protestantes, era muito bem vindo, mas até quando?

Prof. Dr. João Baptista Borges Pereira

5.3 Definição de Termos Relacionados a Refugiados

Embora a ONU seja uma instituição contemporânea (1947), necessário se faz o conhecimento da sua estrutura, relacionada a assuntos relacionados a exilados e refugiados. A importância disso prende-se ao fato de que existe um órgão que trata da proteção e apoio aos refugiados e a busca de solução dos seus problemas. A definição de termos visa buscar um entendimento desta problemática.

Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados - Órgão das Nações Unidas, criado pela Assembléia Geral da ONU, em 1950. Tem sede em Genebra, Suíça, e possui Missões de Representação em 115 países. Seus objetivos fundamentais são o de garantir a proteção jurídica internacional dos refugiados e a busca de soluções duradouras, mediante a viabilização da repatriação voluntária, e a atuação, em conjunto com o Governo, para a

integração dos refugiados no país de acolhida ou reassentamento em outro país. As atividades do ACNUR têm caráter humanitário, social e apolítico. A proteção é a essência de sua atividade, procurando garantir que aos refugiados se conceda o amparo o legal de que necessitam para não serem devolvidos, expulsos ou forçados a retornar a um país onde se exponham à perseguição ou a outras ameaças contra sua vida, liberdade ou segurança.

Deslocados Internos - Entende-se por deslocados internos os que são forçados a migrar dentro do próprio país por motivos de violência interna, luta armada, violação generalizada e sistemática dos direitos humanos, grave desordem pública, incapacidade dos governos de garantir segurança a seus cidadãos. Vivem situação semelhante à dos refugiados, mas permanecem no território do próprio país.

Emigração - Movimento de saída de pessoas ou grupos humanos de uma região, de um país, para estabelecer-se em outro, em caráter definitivo ou por período de tempo relativamente longo. Além das causas econômicas, outras podem influenciar no desencadeamento de movimentos emigratórios, tais como questões políticas, religiosas, raciais ou ambientais. Emigrar significa, pois, deixar um país para ir estabelecer-se em outro.

Por **emigrante** entende-se a pessoa que deixa sua pátria e passa a residir em outro país. As regiões ou países fortemente marcados por emigração são também chamados países ou regiões de países de origem dos migrantes e, em certas circunstâncias, países de expulsão de migrantes.

Imigração - Movimento de pessoas ou de grupos humanos, provenientes de outras áreas, que entram em determinado país, com o intuito de permanecer definitivamente ou por período de tempo relativamente longo. Se o fator econômico é preponderante na definição do país de

destino, não devem ser esquecidos outros elementos que têm influência importante, quando não decisiva, na escolha do país em que pretende residir. Quando o fator de expulsão é criado por pressões políticas, perseguições religiosas, discriminações raciais, violação de direitos, torna-se importante ao imigrante encontrar o necessário clima de liberdade, segurança, de ausência de preconceitos e de melhores condições de vida. Literalmente, imigrar significa entrar num país estrangeiro para nele viver.

Imigrante é o indivíduo que, deslocando-se de onde residia, **ingressou** em outra região, cidade ou país diferente do de sua nacionalidade, ali estabelecendo sua residência habitual, em definitivo ou por período relativamente longo.

Migração - Movimento de pessoas, grupos ou povos de um lugar para outro. Se optarmos por uma definição de dicionário, verificaremos que migrar é mudar, passar de uma região a outra, de um país para outro. A migração é um fenômeno antigo e que se repete, com variada frequência e intensidade, ao longo da história. Os grandes movimentos migratórios ocorridos em outras épocas tiveram sua causa nas invasões, conquistas, êxodos, mudanças sazonais, fome, superpopulação de determinadas regiões, entre outras.

Migrante é, pois, toda a pessoa de migra, que se transfere de seu lugar habitual, de sua residência comum para outro lugar, região ou país. É um termo que, na língua portuguesa, refere-se às migrações em geral, tanto de entrada quanto de saída de um país, região ou lugar. É comum, também, falar em "migrações internas", referindo-se aos migrantes que se movem dentro do país, e "migrações internacionais", referindo-se aos movimentos de migrantes entre países, além de suas fronteiras.

Refugiados - É assim chamado o que migra para um país que não o de sua nacionalidade ou residência por causas alheias à sua vontade. A origem destas causas pode ser econômica,

política, social, desastres naturais, busca de sobrevivência. A Igreja denomina a estes migrantes de "refugiados de fato" que pode ser definido como: "toda a pessoa que, devido a fundados temores de ser perseguido por motivos de raça, religião, nacionalidade, pertença a determinado grupo social ou opiniões políticas, se encontre fora do país de sua nacionalidade e não possa ou, por causa de ditos temores, não queira valer-se da proteção de tal país".

(Convenção de Genebra sobre o Estatuto dos Refugiados, de 1951 e seu protocolo de 1967 e legislação brasileira sobre violação de direitos humanos e refugiados, Lei 9474/97).

5.4 O Conceito de Intolerância Religiosa²⁹

Historicamente, a intolerância está presente na esfera das relações humanas fundadas em sentimentos e crenças religiosas. É uma prática que se autojustifica *em nome de Deus*; adquire o status de uma guerra de deuses encarnados em homens e mulheres que se odeiam e não se suportam. Heinrich Mann (1993:11), em *A Juventude do Rei Henrique IV*, fornece uma descrição que nos permite visualizar os efeitos da intolerância religiosa:

Mas no país inteiro também se incendiava e matava em nome das crenças inimigas. A diferença das crenças religiosas era levada profundamente a sério, e transformava as pessoas que normalmente nada separava em inimigos extremados. Algumas palavras, especialmente a palavra missa, tinham efeito tão terrível que um irmão tornava-se incompreensível e de sangue estranho para outro”.³⁰^[1]

²⁹ SILVA, Antônio Ozaí da. *Reflexões sobre a Intolerância*: artigo científico. 2001-2004. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/>. Acesso em: 26 mai. 2006.

A história das grandes religiões monoteístas – o cristianismo, islamismo e o judaísmo – indica momentos de convivência respeitosa, mas também períodos de intolerância entre as diversas religiões e a intra-religião.³¹^[2] Os diversos fundamentalismos, cristão, judaico e islâmico, comprovam-no. O *fundamentalismo* se caracteriza pela resistência aos processos de modernização das sociedades, em todas as épocas. Os primeiros a utilizar este termo foram os protestantes americanos, os quais passaram a se autodenominar “fundamentalistas” com o objetivo de se diferenciarem do protestantismo considerado “liberal”. Para os “fundamentalistas” os protestantes liberais “distorciam inteiramente a fé cristã. Eles queriam voltar às raízes e ressaltar o “fundamental” da tradição cristã, que identificavam como a interpretação literal das Escrituras e aceitação de certas doutrinas básicas”. (ARMSTRONG, 2001: 10)

Na Idade Média, a intolerância religiosa se intensificou contra os judeus e os heréticos em geral. “Os inquisidores caçavam dissidentes e os obrigavam a abjurar sua “heresia”, palavra que em grego significa “escolha”, escreve Armstrong. (Id.: 24) A Inquisição na Espanha oprimiu os judeus, forçou-os à conversão ao cristianismo e, finalmente, expulsou-os da península. Esta se tornaria uma prática comum em outras épocas e outras nações. Com a identificação entre religião e política, entre as diferentes facções do cristianismo (católicos, protestantes, anglicanos etc.) e os respectivos governos representativos dos Estados-Nações, a perseguição aos dissidentes é intensificada e também motivada pelos interesses políticos em disputa. A inquisição espanhola, por exemplo, foi usada para “forjar a unidade nacional”. Mas a utilização deste recurso não se restringiu ao catolicismo romano. Como relata Armstrong: “Em países como a Inglaterra seus colegas protestantes também foram implacáveis com os “dissidentes” católicos, tidos igualmente como inimigos do Estado”. (Id.)

Com a formação e consolidação dos Estados nacionais modernos, a intolerância vincula religião e política, identificando uma à outra. O herege religioso é visto como um desafiante da ordem política monárquica; o dissidente político é encarado como um desafiador do dogma religioso adotado pelo Estado-nação. Dessa forma,

“a intolerância religiosa assumiu formas especialmente virulentas, porque se julgava que a solidez do poder absoluto do rei dependia da aplicação do princípio de que a religião do povo deveria ser a religião do príncipe. Desencadeadas por um massacre de protestantes ocorrido em 1562, as guerras de religião da França se caracterizaram por atrocidades sem precedentes, como a matança de São Bartolomeu (25 de agosto de 1572), e só terminaram mais de 20 anos depois, quando Henrique 4º assinou o Edito de Nantes, concedendo liberdade de culto aos protestantes (1598). Mas a longa história da perseguição à religião reformada ainda não havia terminado, pois em 1685 Luís 14 revogou o Edito de Nantes, o que levou à demolição dos templos, à proibição das assembléias e à emigração forçada de cerca de 300 mil protestantes. Mas estes eram tão intolerantes quanto os católicos”. (ROUANET, 2003)

No caso dos madeirenses, a intolerância sofrida por aqueles que adotaram a fé protestante como prática de vida diante da religião oficial do Estado, certamente foi motivada pelos riscos que uma outra fé diferente pudesse provocar uma desintegração cultural e política de um povo que já tinha a sua fé estabelecida e hegemonia política e religiosa, uma vez que, para o português, o catolicismo era a única fé aceitável, as demais formas de manifestação religiosa era considerada “heresia”.

5.5 O Surgimento de uma Igreja Protestante na Ilha da Madeira

Apesar de todo o progresso alcançado pelo trabalho missionário na Ilha, com a adesão de uma grande massa de pessoas que foram alcançadas tanto pelo seu trabalho filantrópico no atendimento de pessoas enfermas e nas escolas fundamentais como pela mensagem do evangelho, Kalley ainda não havia organizado uma igreja como uma instituição eclesiástica, nos moldes das igrejas protestantes da Escócia. Havia um pastor, um povo, eles se reuniam, eles cantavam hinos, havia pregação bíblica, oração, mas não havia uma igreja organizada.

As razões porque kalley não havia organizado a igreja na Madeira, não é difícil de entender: avesso a questões de denominação, ele se considerava independente e não achava que isso era o mais importante. Apesar da sua origem presbiteriana ele dizia que não era presbiteriano. Ele considerava as denominações como uma espécie de divisão do protestantismo, algo “fechado”, coisa que não concordava, pois, no seu pensamento, a igreja deveria ser “aberta”, para receber e integrar pessoas de todas as raças e culturas, a sua ênfase era na *unidade da igreja*. Fazendo uma leitura do Novo Testamento, de onde ele fundamentava a sua fé e o seu ensino, ele dizia que “há uma só fé”, “um só batismo”, “um só Senhor”. Escrevendo para o Sr. Reginald S. Smith, ele disse: *“eu não sou presbiteriano nem estou em contato com qualquer tipo de igreja – sou irmão de qualquer cristão independente de sua denominação”* (FORSYTH, 2006, p.65,66).

Diante das perseguições o grupo de convertidos continuou firme na sua fé e mesmo durante o período em que Kalley esteve preso, o movimento protestante não arrefeceu e não diminuiu o seu fervor. Contudo, diante da iminência em ser expulso da Ilha, kalley entendeu que o melhor era ceder seu lugar ao Rev. Hewitson, deixando sob sua liderança o cuidado pastoral e a administração do trabalho. O que estava em jogo era que os convertidos madeirenses poderiam ficar sem uma liderança espiritual e os seus esforços missionários poderiam ser frustrados. Ele escreveu: *“Se não houvesse ninguém para continuar meu*

trabalho, eu ficaria extremamente pesaroso, mas graças a Deus, temos aqui alguém melhor do que eu para lapidar estes diamantes” (FORSYTH, 2006, p. 54).

O Rev. Hewitson foi ordenado em novembro de 1844, pelo Presbitério de Edimburgo, da Igreja Livre da Escócia e designado para assumir jurisdição do trabalho missionário na Madeira. Ele foi a Lisboa onde permaneceu por três meses, a fim de aprender português e lá encontrou-se com Kalley. Embora não tenha sido consultado sobre a decisão da Igreja da Escócia e mesmo sem estar sob a sua jurisdição, mais tarde ele descreveu como o Rev. Hewitson iniciou o seu ministério na ilha: *“começou com grande zelo e amor o trabalho para o qual Deus graciosamente, e de maneira tão extraordinária, o havia preparado. Sua presença foi providencial. Que o Senhor da colheita mande muitos trabalhadores como ele para o seu campo”* (FORSYTH, 2006, p.64,65).

O Rev. Hewitson preferiu realizar o seu trabalho de forma mais discreta. Ele juntou o rebanho perseguido de maneira similar à da Grã-Bretanha, quando se marcavam cultos secretos nos difíceis dias que seguiram o Ato de Uniformidade de 1662.

Ele celebrou a Ceia do Senhor em português pela primeira vez em 25 de março de 1845. Trinta e quatro madeirenses sentaram-se à Mesa do Senhor. Duas semanas antes, na casa de uma mulher inglesa, Srta. Dennison, ele realizou batismos da forma mais secreta possível. Apesar das ameaças de prisão, um crescente número de convertidos solicitava membresia à Assembléia da Igreja Escocesa e admissão à Mesa do Senhor. No mês seguinte, sessenta e uma pessoas foram recebidas na comunhão da igreja (FORSYTH, 2006, p.65)

A igreja foi oficialmente organizada em 8 de maio de 1845, e presbíteros e diáconos foram devidamente empossados. Foi a primeira igreja protestante estabelecida em solo português para súditos portugueses.

A comunidade crescente de crentes evangélicos foi organizada como igreja a 8 de maio de 1845 e foram eleitos e ordenados para constituir o Consistório da primeira Igreja Presbiteriana Portuguesa, os seguintes presbíteros: Arsênio Nicos da Silva, João de Freitas, João Carreira, Martinho José de Souza, João de Gouveia e Manoel Joaquim de Andrade. Foram também eleitos e ordenados os seguintes diáconos: Antônio de Matos, Antônio Carreira, José Marques, Joaquim Vieira e Manoel Pires (TESTA, 1963, p.50,51).

O Rev. Hewitson foi absorvido pelo seu ministério que exigia muito dos seus esforços para dar conta das suas dispersas congregações. Isto o envolveu em árduas e contínuas jornadas por trilhas perigosas nas montanhas. No entanto, apesar de todas as dificuldades e perseguições, a igreja continuou a crescer.

Os madeirenses da zona rural viviam isolados, o terreno montanhoso tornava quase impossível a formação de vilas ou aldeias. Apesar dos problemas de saúde, resultado de uma tuberculose, ele visitava os grupos de crentes em todas as partes da ilha. [...] Ameaças e perseguição não detiveram aqueles desejosos de saber mais sobre o evangelho; o número de convertidos continuava a crescer. [...] No fim do ano, havia 105 nomes no rol de membros da igreja (FORSYTH, 2006, p.66).

5.6 A Perseguição na Ilha

As autoridades apreciaram, ao princípio, as contribuições filantrópicas no campo da medicina e da educação, pela ajuda prestada aos pobres ao nível da saúde e da alfabetização.

Mais tarde, porém, quando a sua pregação a milhares de pessoas, ricas ou pobres, levou a conversão de vários madeirenses à fé evangélica, «o bom doutor inglês» e «o santo inglês» acabou por ser apelidado «Aquele Lobo da Escócia». Não foram só a explicação e a exposição das Escrituras e o cântico dos hinos evangélicos que atraíram tanta gente de tantas proveniências, mas «igualmente aquele homem cuja maneira de viver dava autoridade à sua mensagem e testemunhava do poder de uma vida dedicada. Mas a conversão de fiéis também viria a provocar a ira da hierarquia e dos guardiões da tradição.

Em 1843, cinco anos depois da chegada dos Kalley, começaram as detenções. Nesta ilha católica, os adeptos madeirenses de Kalley encontraram muita hostilidade e intolerância. Não podiam possuir nem ler a Bíblia Sagrada, a mesma edição aprovada pela Rainha D^a. Maria II para uso nos Açores - era um «crime de heresia», punível com a excomunhão e/ou a deportação. Os «hereges calvinistas» ou «os bíblias» «eram fugitivos numa terra que era a sua própria terra, e perseguidos na sua ilha natal.» Kalley foi preso por um período de seis meses durante o qual o Rev. William Hepburn Hewitson chegou à ilha para uma estadia de um ano (sem ter tido qualquer contacto anterior com Kalley), possibilitando assim continuar o trabalho de Kalley onde este o havia largado; o seu trabalho foi «limitado por decreto» (só um farmacêutico podia exercer farmacologia) e o seu ensino foi «proibido por lei»; a sua pregação também foi banida, vários recém-convertidos foram forçados a pedir asilo no estrangeiro, após repetidos episódios de violência e provocação.

5.7 A Saída da Ilha e a Chegada dos Exilados da Madeira em Illinois

5.7.1 A Saída dos Exilados da Ilha da Madeira

No dia 23 de agosto de 1846³², o navio britânico “William” de Glasgow partia da baía do Funchal em direção a Trinidad e Tobago. Levava a bordo 211 refugiados religiosos, sem bagagem e muitos deles vestindo roupas oferecidas pela tripulação. Michael Testa descreve como foi a partida dessa primeira leva de madeirenses da sua terra natal.

Secretamente, durante a noite ou às primeiras horas da madrugada, despediam-se das matas, nas faldas das montanhas, e dirigiam-se às praias mais isoladas, onde eram recebidos em barcos que os conduziam às pontes do navio britânico. (1963, p.63)

Dias depois a mesma operação é feita onde cerca de 500 refugiados embarcam no navio “Lord Seaton” que também segue em direção a Trinidad. Nos meses seguintes muitos outros refugiados abandonam a Ilha, em busca de liberdade de culto em outras terras. Os primeiros emigrantes estabeleceram-se em Trinidad, Antígua, St. Kitts, Demerara e na Jamaica. Testa descreve como reagiu as autoridades diante da partida dos protestantes da sua ilha.

As autoridades, nessa altura, permitiram a sua emigração, num esforço de limpar da ilha os calvinistas e de restaurar a ordem. (1963, p.64)

Calcula-se que o número de refugiados religiosos que deixaram a Ilha da Madeira, como resultado das perseguições de 1846, foram entre 1.200 a 2.000 pessoas.

5.7.2 *A Permanência dos Exilados em Trinidad*

Os exilados permaneceram em Trinidad por um período de mais de dois anos. Após chegarem às ilhas espalhadas das Antilhas Menores, os madeirenses conseguiram trabalho nas

³² TESTA, Michael P. O Apóstolo da Madeira. Lisboa: Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal, 1963. p.63

plantações de açúcar, onde havia falta de mão-de-obra. Por causa do calor e da humidade, muitos tiveram febre e diarreia, vindo a ser grande o número de óbitos.

O governador de Trinidad ordenou a mudança dos portugueses para regiões mais salubres da ilha e foram transferidos para plantações de cacau e café, cultivados à sombra de árvores, sem a exposição ao sol, como na cana-de-açúcar. Testa afirma que em Trinidad os madeirenses foram tratados com respeito e consideração.

Grandes manifestações de bondade eram dispensadas aos refugiados religiosos portugueses pelos residentes da ilha [...] Os crentes portugueses caracterizavam-se como puritanos e pietistas, em contraste com os ingleses, mais mundanos, ou com os franceses e espanhóis, seus vizinhos nas ilhas, que eram menos dados à religião.
(1963, p.68)

A atitude religiosa dos madeirenses, combinada com as barreiras étnicas e lingüísticas, acabaram por separá-los em pequenas comunidades nas ilhas onde se estabeleceram. Cada comunidade tinha o seu lugar e a sua hora de culto, Escola Dominical para as crianças e grupos de Estudo Bíblico durante a semana.

Nesse período, os oficiais (presbíteros e diáconos) eleitos na primeira igreja organizada por Kalley na Madeira, assumiram a liderança sobre as novas comunidades espalhadas nas diversas ilhas. O presbítero Arsênio Nicos da Silva, foi ordenado ao ministério e indicado pela Igreja Livre da Escócia como pastor da congregação de Trindade. Testa afirma que em 1847 muitos portugueses se reuniam para os cultos.

Em Port of Spain, durante o ano de 1847, era normal ver para cima de 300 crentes nos cultos de domingo, e muitas presenças nos estudos bíblicos e reuniões de oração.
(1963, p.69)

A direção espiritual da comunidade protestante portuguesa na ilha de St. Kitts foi confiada ao presbítero Martinho José de Souza, e, em Antigua, ao diácono José Marques. Em 28 de janeiro de 1847 chega a Port of Spain, em Trinidad, o Rev. William H. Hewitson enviado pela Comissão Colonial da Igreja Livre da Escócia com a missão não somente de administrar consolo aos exilados, mas reorganizá-los ordenadamente em uma igreja. Hewitson foi recebido com alegria, lágrimas e boas vindas. Ele mesmo registra esse encontro com os exilados.

O encontro foi de ambos os lados, pleno de alegrias, em vista dos afetuosos laços que já nos uniam, desde a Madeira, laços esses que foram estreitados em circunstâncias de perigo e dificuldade, que eram mais do que suficientes para colocar o momento acima duma ternura vulgar. (1963, p.71)

O Rev. Hewitson deu ao presbítero Martinho de Souza o encargo de professor das crianças portuguesas, confiando-lhe também classes noturnas para os adultos. Organizou também classe de catecúmenos e, durante os dois primeiros meses, foram preparados dezoito crentes para o exame que os tornaria membros da igreja. Rev. Hewitson empenhou-se num ministério itinerante que o levou a outras ilhas em demanda da diáspora madeirense. Em maio de 1847 ele despede-se dos exilados e volta para a Escócia, onde assume o pastorado da Igreja Livre da Escócia em Dirleton, a cerca de 20 milhas de Edimburgo, onde vem a falecer três anos depois, em 7 de agosto de 1850.

De tempos em tempos chegavam novos imigrantes da Madeira com as últimas novidades da terra natal. Testa afirma que as dificuldades financeiras e os problemas a atender com a reinstalação dos que iam chegando, estava além das suas capacidades de pastores e além dos recursos e provisões das igrejas portuguesas.

[...] as condições econômicas da grande maioria dos madeirenses exilados nas Antilhas Menores foram sérias desde o princípio. E isto atingiu proporções alarmantes com a falência do Banco das Antilhas, a baixa de preço nos mercados mundiais e com a bancarrota das principais firmas comerciais de Trinidad. A situação agravou-se ainda mais pela cassação dos projetos de construção do Governo, onde muitos madeirenses estavam empregados. (1963, p.73).

5.7.3 *A Chegada dos Exilados aos Estados Unidos*

Diante desse quadro difícil, cartas foram enviadas à Sociedade Protestante Americana e à União Cristã Americana solicitando uma porção de terra para plantar e viver nos Estados Unidos.

Com a aquiescência da Igreja Livre da Escócia, foram dirigidos apelos [...] em março de 1848, solicitando “uma porção de terra para cultivar nos Estados Unidos, onde possam viver perto uns dos outros, construir igreja e escolas para as crianças, e onde possam ganhar honestamente o pão de cada dia e prestar culto ao Senhor Deus de Israel em espírito e em verdade.” (1963, p.74)

O Rev. Norton e o Sr. N. Demotte, secretário da Sociedade Protestante Americana, responderam a 9 de maio, assegurando-lhes que poderiam obter terra e que lhes seria prestada assistência financeira.

A Sociedade Protestante Americana enviou o Rev. Manuel G. Gonçalves à Trindade para estudar o caso e as condições dos madeirenses ali e recomendar um plano para a sua emigração. O Rev. Gonçalves que havia nascido na Madeira, emigrou para os Estados Unidos quando ainda era criança, era agora um ministro batista a serviço da Sociedade como

evangelista entre 600 pescadores portugueses provenientes dos Açores, que viviam nos portos de pesca da Nova Inglaterra.

Em novembro de 1848 um grupo de mais de uma centena chegou a Baltimore, num domingo de manhã. Foram recebidos de forma calorosa, tratados com generosidade e presenteados com roupas indispensáveis. O presbítero Francisco Souza Jardim, comovido pela forma carinhosa em que foram recebidos, escreveu o seguinte:

Somente pela perseguição do Nosso Bondoso Deus, depois das perseguições sofridas por causa do Evangelho, na nossa terra natal, e por causa desse mesmo Evangelho, nós pudemos ser recebidos agora, de braços abertos numa terra estranha e ser atendidos em todas as nossas necessidades” (1963, p.75)

Os novos grupos foram recebidos na “Casa dos Marinheiros”, de Nova York, a qual foi usada para este fim pela Sociedade Protestante Americana desde agosto de 1848 até março de 1849. Em maio de 1849 o Rev. Manuel Gonçalves fez uma grande viagem à Trinidad a fim de dirigir a fase final do plano de emigração. Três barcos americanos foram contratados para transportar os restantes madeirenses, em número aproximado de quinhentos.

5.7.4 A Chegada dos Exilados a Illinois

No princípio de 1849, a American Hemp Company ofereceu possibilidades e garantias satisfatórias para a instalação e colocação dos madeirenses em Nova Berlim, situada entre Jacksonville e Springfield, em Illinois. No entanto a companhia faliu, deixando cerca setecentos exilados em Nova York, aos cuidados da Sociedade Protestante Americana. Testa afirma que as igrejas protestantes assumiram a responsabilidade em encontrar casas e empregos para os exilados.

As igrejas protestantes de Jacksonville e Springfield tiveram conhecimento [...] e tomaram a seu cargo a responsabilidade de encontrar casas e empregos para os madeirenses. A oferta foi gratamente aceita pela colônia inditosa. (1963, p.77)

Os exilados embarcaram para Jacksonville e Springfield, através do Rio Hudson, Eric Canal, Grandes Lagos e Rio Illinois. A única parte da viagem feita por terra foi a distância de vinte milhas que separa o Rio Illinois, em Nápoles, de Jacksonville, onde o primeiro grupo de duzentos e oitenta pessoas chegou em 15 de novembro de 1849, sob orientação do Rev. Manuel G. Gonçalves. Metade do grupo seguiu até Springfield, trinta milhas adiante.

Testa diz que até o Governador do Estado de Illinois esteve pessoalmente envolvido nos preparativos para receber os exilados antes do inverno.

A comissão designada para os preparativos necessários à recepção de tão grande colônia de refugiados, antes que o inverno chegasse, trabalhava sob a direção do Governador de Illinois, Sr. Charles French, Rev. M. Stewart, presidente do Illinois College, em Jacksonville e Rev. Albert Halle, de Springfield. Todos receberam hospitalidade em casa dos membros da igreja até que fosse possível arranjar melhores e mais permanentes acomodações. (1963, p.78)

O segundo grupo de refugiados, também acompanhados pelo Rev. Manuel Gonçalves, instalou-se em Waverly, a meio caminho de Jacksonville e Springfield. No terceiro grupo foram todos os que restavam em Nova York. Dirigidos pelo presbítero João Dias dos Santos, este último grupo fez a mesma jornada e acomodou-se, em números iguais, por Jacksonville e Springfield.

Estado de Illinois



[Bandeira de Illinois](#)



[Selo de Illinois](#)

Nickname: Terra de Lincoln, o estado da pradaria

Motto: Sovereignty do estado, união nacional



5.8 O Estabelecimento de Comunidades Portuguesas em Illinois

5.8.1 *As Dificuldades na Chegada e a Adaptação dos Primeiros Grupos*

Dagama³³, que estava no primeiro grupo que chegou em Springfield, narra como foi o começo de vida para aqueles refugiados, indicando que a maior dificuldade do grupo foi com o inverno rigoroso que se fazia ali, bem diferente do tempo quente de Trinidad e da Madeira.

³³ DAGAMA, João Fernandes. Perseguição dos Calvinistas da Madeira. São José do Rio Claro, 1896. p.174

Nossa chegada ao Estado de Illinois teve lugar a 15³⁴ de novembro de 1840. O primeiro inverno foi severo para todos os refugiados da Madeira, pois tinham vindo das Antilhas, onde o clima é muito quente e no Estado de Illinois o frio era intenso e não tínhamos os preparos para agasalharmos. [...] O frio, porém, é tão rigoroso que a terra gela em alguns lugares até 40 e 50 centímetros de profundidade (DAGAMA, 1896, p.174).

Ele faz menção da ajuda que o grupo recebeu por parte dos moradores da região, num período em que não era possível plantar e nem colher, por causa do inverno.

A bondade e a caridade dos habitantes para conosco não podiam ser maiores, mas como éramos muitos e chegávamos na entrada do frio, sofremos muitas faltas, porque ali, no inverno, é necessária abundância de roupa apropriada para aquele clima e muita lenha para aquecer todos os compartimentos das casas com fogões apropriados para aquecer, e desde a nossa chegada em novembro, tivemos de ser sustentados com a colheita que os habitantes tinham feito (DAGAMA, 1896, p.175).

Fernandes narra como foi a chegada dos madeirenses em Jacksonville e como se arranjaram nesse momento inicial, enfatizando o acolhimento e os arranjos feitos para abrigá-los, nesse início de inverno.

O primeiro grande grupo que chegou a Jacksonville, em novembro de 1849, teve um acolhimento de que não há testemunho escrito [...] o *Illinois Journal*, da vizinha Springfield, conta a campanha que o comitê de recepção organizou na capital.

³⁴ Dagama afirma que a chegada do 1º. grupo de madeirenses foi no dia 15 de novembro, mas o jornal local (*Illinois Journal*) em sua publicação do dia 14 de novembro, apresenta um artigo, informando que a chegada dos madeirenses tinha sido no dia anterior (13 de novembro de 1849). Parece que Dagama equivocou-se com a data, escrevendo do Rio de Janeiro, 47 anos depois do evento, uma vez que um jornal, com a sua publicação diária e diante da importância que o evento representou para a cidade naquele momento, certamente não se equivocaria a esse respeito.

Arranjaram-se quatro casas, apelou-se em grandes títulos às “Ladies of Springfield”, para trazerem comida cozinhada, e como os Exilados carecem de tudo para o seu conforto”, recolheram-se roupas, comida enlatada, mesas, cadeiras e camas para “130 pessoas” (FERNANDES, 2004, p.182,183)

Após o primeiro inverno, o próximo desafio era empregar todo aquele contingente para que eles pudessem cuidar, cada um, da sua própria vida. Dagama informa que eles ocuparam-se nos trabalhos do seu ofício e logo eles já tinham autonomia sobre o seu sustento

Passado o primeiro inverno os refugiados puderam ocupar-se nos trabalhos da sua profissão e dali em diante (de posse da terra da promessa) deus abençoou em seus trabalhos e culturas, de modo que, no mês de agosto de 1850, as famílias não dependiam mais da caridade dos filhos de Deus, mas do seu trabalho (DAGAMA, 1896, p.176,177).

Novas levas de madeirenses foram chegando, vindos de Trinidad. Eles eram acolhidos pelo grupo pioneiro e o número de refugiados ia crescendo cada vez mais.

Os refugiados madeirenses continuavam a chegar das Antilhas por conta própria, porque a Sociedade Protestante Americana tinha de atender ao seu trabalho e não podia auxiliar o transporte deles (DAGAMA, 1896, p.176)

5.8.2 O Início do Ministério Pastoral de Antônio de Mattos

O Rev. Antônio de Matos, que havia sido diácono da igreja do Funchal e tinha ido estudar no Divinity Hall da Universidade de Glasgow, foi enviado a pedido das igrejas do illinois, como pastor das igrejas portuguesas de Jacksonville e Springfield e o seu salário era enviado

pela Igreja da Escócia durante os três primeiros anos de ministério. Dagama informa como foi a sua chegada e a reestruturação das novas igrejas.

O Rev. sr. Antônio de Mattos chegou ao meio de nós no ano de 1851³⁵. Já neste tempo, à sua chegada, encontrou nas duas cidades e na vila de Waverly mil e tantos crentes dos refugiados madeirenses, aos quais o sr. Mattos vinha apascentar no temor de Deus. Foi necessário reorganizar os crentes em duas igrejas uma em Jacksonville e outra em Springfield. Os crentes de Waverly mudariam-se para as duas cidades logo que lhes fosse conveniente. Forma então feitas novas eleições para presbíteros e diáconos (DAGAMA, 1896, p.176).

Langum³⁶ afirma que a pequena comunidade portuguesa pastoreada por Antônio de Mattos cresceu, após a sua chegada em Springfield em 15 de março de 1849.

A colônia original era de cerca de 350 exilados na chegada em Illinois em 1849; em 1851 chegou outro grupo de 211 e um terceiro em 1853 com 273 madeirenses. Este terceiro grupo chegou em quatro etapas: a primeira, com um pequeno grupo de 36, que veio de Nova York, direto da Madeira com data incerta, a segunda, com um grupo de 53 exilados que chegou em Baltimore em julho de 1853. Kalley ajudou com a despesa de passagem deste grupo, a terceira, com um grupo de 75 que chegou em Nova Yorka da Madeira e a quarta etapa, com maior grupo de 109 abordo de um navio vindo direto

³⁵ Aqui também temos um problema de data. Dagama diz que Antônio de Mattos chegou em Springfield em 1851, mas, tanto Testa quanto Fernandes afirmam que ele chegou em 1850, a única diferença é que Testa diz que foi na “primavera” de 1850 e Fernandes, em “maio” de 1850. Langum afirma que Mattos chegou em 15 de março de 1849.

³⁶ LANGUM, David J. Antônio de Mattos e a Comunidade da Madeira em Illinois. 2006. Obra não publicada. O Sr. Langum é bisneto do Rev. Antônio De Mattos. Ele é pesquisador, professor da Escola de Leis Cumberland da Universidade Samford em Birmingham, Alabama. Ele é diretor de uma Fundação que tem o seu nome. Essa Fundação ajuda com bolsas aos estudantes que realizam pesquisas relacionadas com os Exilados da Madeira. Ele ajudou o autor deste trabalho custeando viagem de Chicago a Birmingham, e despesas de hospedagem, alimentação e despesas com cópias de documentos, com uma despesa aproximada no valor de US\$ 1,000 (mil dólares).

da Madeira para Nova York. As despesas dos exilados da Madeira foram pagas por vários grupos religiosos suplantadas por doações de Kalley e vários outros cavalheiros filantrópicos de Nova York (LANGUM, 2006, p.1, *tradução do autor*).

No começo do trabalho entre os madeirenses, eles ocuparam templos emprestadas de várias igrejas protestantes da região, até construírem o seu próprio templo.

Dez dias depois da chegada dos portugueses em Jacksonville, eles organizaram uma escola dominical para reunirem-se temporariamente. Depois que Mattos reorganizou a igreja, eles reuniram-se por algum tempo em vários locais: Igreja Batista, Igreja Presbiteriana Americana e em uma área (hall) atrás de um armazém. Mas os portugueses sempre planejaram construir seu próprio templo e em setembro de 1852, com um montante de U\$ 250.00 (duzentos e cinquenta dólares) eles iniciaram a construção do templo, numa esquina entre as ruas Kosciusko e Jordan, a duas quadras do local onde os madeirenses moravam e a uma quadra onde está localizado hoje a Igreja Presbiteriana Northminster. Este templo foi dedicado em 1853 por Kalley (LANGUM, 2006, p.15,16 - *t. a.*).

Segundo Langum, O pastor Mattos dedicou-se com muito empenho para a construção de dois templos em pouco tempo, buscando recursos em outras comunidades.

A comunidade presbiteriana de Springfield construiu um templo menor na Avenida Madison, entre a 4^a. e a 5^a. Avenidas. Mattos também pastoreou esta comunidade. Em 1852 Mattos tinha ido a Nova York, New Haven e St John, New Brunswick e levantou U\$ 1,500 (mil e quinhentos dólares), passando U\$ 400.00 (quatrocentos dólares) deste total para Springfield.. Muitas diferentes denominações contribuíram. O custo total do

templo foi de US\$ 2,700 (dois mil e setecentos dólares) (LANGUM, 2006, p.16,17 – *t.a.*).

5.8.3 *O Trabalho Pastoral de Kalley em Illinois*

Após a chegada dos madeirenses em Illinois, vários deles escreviam cartas a Kalley solicitando uma vista prolongada e uma petição assinada por 114 membros da comunidade no outono de 1853, dizia que o trabalho requerido em Illinois era muito para um pastor sozinho, que era Mattos. Kalley e sua esposa resolvem permanecer em Illinois durante o verão.

Eles chegaram em Boston em abril de 1853 e em Springfield em 13 de junho de 1853. Durante esse período, eles estiveram em Boston, Washington e Nova York. O objetivo deste roteiro era de conhecer essas cidades e levantar patrocínio para os madeirenses.

Além de conhecer várias cidades como Boston, Washington e Nova York, o roteiro seguido possibilitou o contato com lideranças de diversas denominações e grupos de missões, visando encontrar patrocinadores para os refugiados madeirenses (CARDOSO, 2005, p.112)

Ao chegarem em Springfield a recepção dos madeirenses foi excepcional. Foi decretado feriado entre a comunidade portuguesa, com muitas manifestações de alegria, saudades e cânticos de hinos de ações de graças. O mesmo ocorreu quando chegaram a Jacksonville e Waverly. Após pouco mais de um mês em que haviam chegado eles deixaram Illinois para Nova Inglaterra e Nova York.

Eles deixaram Illinois em 21 de julho de 1853 para Nova Inglaterra e Nova York retornando para Illinois em novembro de 1853. Após o retorno, eles tornaram-se

vizinhos de Abraão Lincoln e a sua esposa e a esposa de Lincoln trocaram visitas uma com a outra (LANGUM, 2006, p.23,24 – *t.a.*).

Kalley desenvolveu um trabalho pastoral semelhante ao que havia desenvolvido na Madeira, embora a igreja tivesse um pastor, ele era muito amado e considerado pelo povo que o conheceu e que tinha sido evangelizado por ele. Eles não conheciam a Sra. Kalley, mas logo desenvolveram com ela um bom relacionamento, principalmente por causa das suas habilidades na área de música e ensino bíblico na escola dominical. Na realidade o ministério de Kalley em Illinois foi um ministério duplo: dele e da esposa.

Eles conduziam escolas bíblicas, separadas por homens, mulheres, moças e rapazes. Sarah lecionou em sala de adultos em inglês. Ela percebeu que muitos dos jovens de 20 anos não tinham inglês suficiente para seguir sua instrução. [...] adicionalmente a Sra. Kalley lecionava musica, especialmente hinódia, enquanto seu marido, com sua capacidade como médico, freqüentemente visitava os doentes entre os portugueses (LANGUM, 2006, p.24,25).

A diferença entre Illinois e Madeira é que ali não havia perseguição por parte da Igreja Católica, no entanto, não demorou para surgir uma disputa entre ele e Mattos, por causa de re-batismo de adultos batizados pela igreja católica.

5.8.4 A Controvérsia Teológica entre Antônio de Mattos e Kalley acerca do Batismo

Mattos era da opinião que a passagem do catolicismo para o presbiterianismo não exigia novo batismo. Kalley era o batismo católico não tinha validade e isso exigia um novo batismo. Disputa que trouxe conseqüências para a vida da igreja. Langum descreve essa

disputa, mostrando que as razões eram de ordem teológica, porque ambos partiam de pontos de vistas diferentes. (LANGUM, 2006, p.32-37)

Mattos era um calvinista fechado, um termo usado para calvinista era tradicionalista. Calvinistas criam na predestinação, com a noção, que é a noção que Deus tinha pré-ordenado certas pessoas, o eleito, para receber salvação no céu enquanto o restante da humanidade estava destinado o inferno. Esta designação não está sujeita à vontade humana, mas são posições pré-designadas, excetuando que muitos calvinistas poderiam acrescentar que um membro eleito após ouvir o evangelho tem tranqüilidade para confessar a sua fé. O verdadeiro eleito, após ouvir o evangelho e confessar sua fé, pode vir a ter uma vida regenerada e o controle sobre o pecado torna-se humanamente possível (p.32,33).

A posição “arminiana”, nome dado após a teologia de Jacobus Arminius (1560-1609), que dizia que a crucificação de Jesus foi realizada para “pagar o preço” ou ser a expiação para os pecados do mundo. A vida eterna é para qualquer um e para todos que voltam a Jesus com fé (geralmente a posição protestante não-calvinista) ou tem fé e também utiliza os sacramentos da igreja, especialmente a eucaristia (geralmente as posições luterana, anglicana e católico-romana). Para o calvinista uma pessoa não terá fé se não for um eleito de Deus, e que só o verdadeiro eleito poderia ser regenerado e ter fé. (p.35)

A posição calvinista da absoluta predestinação é a doutrina da soberania de Deus. Esta doutrina insiste que Deus é o autor de todo fenômeno; Deus está totalmente no controle de nossas vidas. Somente Deus, agindo com o Espírito Santo, pode trazer o pecador para a convicção que ele é um pecador. A humanidade é totalmente depravada e nenhum ato de vontade ser feito para começar o processo de transformação do pecador em filho de Deus. O

próprio Mattos colocou isso em uma carta a Kalley, “o homem não sabe o que é ser livre não for convencido de pecado pelo Espírito Santo. (p.36)

Kalley cria em uma eleição que os céu é oferecido somente. Os elementos da redenção de acordo com a visão de expiação de Kalley, era estendida a toda a humanidade e não era limitada aos eleitos. Um pastor poderia e deveria chamar pecadores geralmente para repensar e buscar uma vida mais reta. Mattos, por outro lado, interpretava o princípio da soberania de Deus para chamar eficazmente o pecador para arrepender-se. (p. 37)

Diante de toda essa questão teológica, surge o problema do re-batismo novos participantes da igreja portuguesa em Illinois que tinham sido batizados na infância pelos sacerdotes católicos na Madeira: Deveriam os novos protestantes portugueses serem re-batizados ou seus batismos católico-romanos eram válidos? E aqui surgem duas posições.

A primeira é a de Kalley que pode ser resumido da seguinte forma: O breve catecismo de Westminster estabelece que “o batismo não pode ser administrado por alguém que está fora da igreja visível, que professam sua fé em Cristo e o obedece”. Desde que o papa é o anti-Cristo, Kalley com muitos presbiterianos arrazoava que “os sacerdotes de Roma sendo ministros do anti-Cristo não são ministros de Jesus Cristo” Dessa forma, os portugueses convertidos que nunca tinham sido batizados pela “igreja visível”, sua ministração católica romana era nula e eles deveria ser re-batizados em Illinois, ou mais estritamente falando, batizados pela primeira vez.

A segunda posição é a de Mattos é de que a forma do batismo católico-romano poderia ser nula,mas é muito mais problemático que isto requeria um novo batismo. Deus estava completamente no controle e sua ordenança predestinada, não a um formalismo humano de batismo, pois ele já tinha dado tudo o que era necessário para a salvação. Aqueles

convertidos que tem participado em sua vida da igreja visível, que é a igreja presbiteriana portuguesa, tendo tomado outro sacramento da igreja, “como sendo o batismo um ato essencial para completar a salvação. A sua preocupação era que entre os membros da igreja presbiteriana poderia ser transformado como esforço humano para garantir a salvação, e isso viria a ofender a Soberania de Deus. O ponto de vista do ministério de Mattos era de que re-batizando “poderia estar revertendo a ordem das coisas e causando nos portugueses convertidos a idéia de que o batismo era essencial à salvação. A grande questão e o cuidado que Mattos tinha era de que qualquer coisa que ocupasse a mente em lugar do Senhor vivo, seria um objeto de idolatria, e da forma mais rígida possível, deveria ser descartada.

Então, muitos exilados não seguiram o arrazoado sobre a soberania de Deus e sentiram uma necessidade por re-batismo, talvez pela autoridade e prestígio que Kalley representava e surgiu um clamor por re-batismo, e os exilados colocaram a questão para Kalley decidir se ele ministraria ou não um novo batismo e ele disse sim. Então o problema passou para a igreja.

Kalley batizou uma mulher portuguesa em 20 de abril de 1854. Em maio ele publicou um panfleto com sua visão sobre o batismo desafiando os portugueses convertidos para serem re-batizados. Na igreja de Springfield, ele batizou aproximadamente cem pessoas, durante a sua permanência em Illinois (p.43).

Kalley partiu de Illinois em 27 de julho de 1854. Ele passou um total de 14 meses nos Estados Unidos e 9 meses em Springfield.

5.8.5 As Igrejas de Springfield no Século XIX

Considerando a grande quantidade de material informativo sobre as igrejas dos exilados portugueses no Illinois, separamos duas igrejas de Illinois para apresentar a evolução histórica das suas famílias. Pesquisamos um resumo das atas dessas Igrejas no período de

1858 a 1878 e como são muitas informações, separamos as principais famílias, examinamos o rol de membros, profissões de fé, batismos, cartas de transferência, enfim, toda a vida eclesiástica da igreja.

Apresentamos três famílias da segunda igreja e seis famílias da quarta igreja. Todos são membros pioneiros e forma líderes dessas igrejas: presbíteros, diáconos, e até alguns que se tornaram pastores, como o Rev. Pires. A maioria nasceu na Madeira e fizeram parte do primeiro grupo a chegar em Illinois. É possível perceber como as gerações foram aos poucos se misturando com americanos. A partir da segunda geração quase todos já haviam nascido em solo americano. A primeira mudança que se verifica é a mudança de nome para o inglês e isso traz um pouco de dificuldade, para identificar alguns nomes. Existe dois livros de atas: o livro 1 escrito em português e o livro 2 escrito em inglês, inclusive os nomes.

A primeira igreja a ser apresentada é a Segunda Igreja Presbiteriana Portuguesa de Illinois. Esta igreja foi formada a partir de uma divisão da primeira igreja causada pela controvérsia entre a “Velha Escola” e a “Nova Escola”, o que se deu em 1858. O primeiro conselho era constituído pelos presbíteros José Rodrigues, Manuel Fernandes e Antônio José Correia. Os três primeiros pastores foram os Reverendos Antônio de Matos (1858-1862), Hugo W. McKee (1870-1872) e Henrique Vieira (1872-1877). O rol inicial aparece com uma relação de 76 nomes, como membros fundadores, logo a seguir aparecem admissão de 33 membros por carta de transferência, 7 por profissão de fé e 49 crianças foram recebidas por batismo de 1863 a 1870.

A quarta igreja foi originalmente organizada como uma igreja independente, em 1849 pelos exilados madeirenses. Em 23 de agosto de 1855 a congregação passou a fazer parte da Igreja Livre da Escócia, Mais tarde, a 4 de abril de 1856, foi recebida pelo presbitério de Springfield, do Sínodo de Illinois. Em 1897 essa Igreja veio a se unir com a segunda igreja

formando a igreja presbiteriana portuguesa, mudando o nome para Quarta Igreja Presbiteriana Portuguesa em Springfield, em 1908.

6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A expressão “Protestantismo de Exílio” é utilizada pelo Rev. Manuel P. Cardoso, Ministro da Igreja Presbiteriana de Portugal, em seu livro “Por Vilas e Cidades: Notas para a História do Protestantismo em Portugal” – Edição do Seminário Evangélico de Teologia – Lisboa, 1998, para se referir aos portugueses convertidos no exterior, que exerceram ministérios entre comunidades portuguesas nas áreas de trabalho pastoral e tradução das Escrituras Sagradas, como foi o caso de João Ferreira de Almeida³⁷ (1628-1691),

³⁷ CARDOSO, P. Cardoso. Por Vilas e Cidades. Lisboa: Seminário Evangélico de Teologia, 1998. p.25.

nascido em Portugal e convertido ao Evangelho aos 14 anos de idade na Ilha de Java. Ele entrou no ministério pastoral da Igreja Reformada Holandesa em 16 de outubro de 1658 e depois faz a primeira tradução das Escrituras para a língua portuguesa.

Outro português convertido ao protestantismo já no século XVIII foi Francisco Xavier de Oliveira³⁸ (1702-1783), fidalgo, conhecido como o “Cavaleiro de Oliveira”, escritor e diplomata que publicou em Londres vários trabalhos em francês, do exílio, escrevendo opúsculos e textos que eram lidos em Portugal sobre a fé protestante.

Manuel Cardoso procura diferenciar “Protestantismo de Exílio” como o protestantismo destes portugueses que viviam no exterior e se convertiam ao protestantismo e trabalhavam para levar a mensagem protestante a Portugal através de textos escritos ou do trabalho pastoral entre portugueses que viviam no exterior e “Protestantismo de Missão” para se referir ao protestantismo que vai deixar raízes no solo português.

As características do ministério de Kalley e da experiência de fé dos Exilados da Madeira já foram delineados. Partindo do nosso objeto de estudo, estabelecido pela seguinte questão:

A prática pastoral e o estilo de trabalho missionário exercido por Kalley e pelos exilados madeirenses configuram um tipo particular de protestantismo denominado de protestantismo de exílio?

E, como podemos caracterizar o protestantismo de exílio, dentro da configuração do protestantismo mundial?

³⁸ CARDOSO, P. Cardoso. Por Vilas e Cidades. Lisboa: Seminário Evangélico de Teologia, 1998. p.26.

Considerando a natureza da nossa pesquisa, utilizamo-nos do método fenomenológico, que estabelece que o fenômeno é o próprio objeto de estudo ou de pesquisa, sendo definida como “*aquilo que se manifesta ou que se revela por si mesmo*”.

A tarefa da fenomenologia é a de estudar a significação das vivências da consciência. A apreensão, análise e descrição do fenômeno que assim se dá à nossa consciência é o objeto próprio da fenomenologia. Segundo Husserl, o fenômeno inclui todas as formas de estar conscientes de algo, aí incluídos sentimentos pensamentos, desejos e vontades.

O objetivo de Husserl era descobrir as estruturas essenciais e relacionamentos do fenômeno,, bem como os atos da consciência nos quais os fenômenos apareciam. Essas tarefas deveriam ser conduzidas através de uma exploração tão isenta quanto for passível de pressuposições científicas ou culturais.

O Método – Método é um procedimento de investigação organizado, que garante a obtenção de resultados válidos. Para isso, deve-se observar os seguintes aspectos:

1º) *Essência* – as essências, referem-se ao sentido ideal ou verdadeiro de alguma coisa, dando um entendimento comum ao fenômeno sob investigação;

2º) *Intencionalidade* – Toda consciência é consciência de algo. A consciência é intencional e só pode ser analisada em termos de sentido. É a consciência intencional que faz o mundo aparecer como fenômeno, como significação;

3º) *Percepção intuitiva* – A análise fenomenológica procura identificar os elementos e as estruturas dos fenômenos obtidos por meio da indução.

Dentro do método fenomenológico, adotamos o *interacionismo simbólico*, que estuda os modos pela quais as pessoas enxergam os sentidos, nas situações que vivem e dos modos segundo os quais eles conduzem suas atividades, em contatos com outras pessoas, numa base cotidiana.

O *interacionismo* simbólico é uma abordagem que insiste em vincular a visão de *como* a vida humana é vivida nas práticas e experiências rotineiras das pessoas cujas vidas queremos estudar. Uma noção central para o *interacionismo* simbólico é que a vida humana é vida comunitária: em sua essência, a vida humana é básica e profundamente intersubjetiva. Os seres humanos não podem ser entendidos fora do contexto comunitário em que vivem.

As pessoas não apenas pensam, agem, interagem, avaliam e ajustam, mas também fazem isso invocando linguagens derivadas da intersubjetividade e operam mais fundamentalmente dentro de realidades simbólicas sustentadas intersubjetivamente. O interacionismo simbólico repousa sobre três premissas:

5. Os seres humanos agem com relação às coisas na base dos *sentidos* que essas coisas têm para eles;
6. O sentido de tais coisas aparece a partir da *interação social* que cada um tem com seus semelhantes;
7. Esses sentidos são gerenciados e modificados por meio de um processo *interpretativo* usado pela pessoa ao lidar com as coisas que encontra.

Sendo assim, olhando para o nosso objeto de estudo, podemos extrair características comuns, que apresentam certas semelhanças com a vivência de fé de outros grupos de protestantes refugiados ao longo da história da igreja.

A partir dessa observação, procuramos aglutinar esses diversos elementos em seis categorias ou eixos que podem delinear o tipo de protestantismo que eles praticaram e identificá-los como protestantismo de exílio. Essas categorias são: Perseguição; Dispersão; Difusão; Adesão; Oposição; Dissensão ou Acomodação. Sendo que, estes elementos estão condicionados de tal forma que, a categoria precedente produz ou provoca a categoria conseqüente, formando um círculo vicioso, com exceção da categoria *acomodação*, pois quando isso acontece, o protestantismo de exílio é descaracterizado.

Assim, temos: *perseguição* --- PRODUZ --- *dispersão* --- PRODUZ --- *difusão* --- PRODUZ --- *adesão* --- PRODUZ --- *oposição* --- PRODUZ --- *dissensão* --- PRODUZ --- **nova *perseguição***. Então, inicia-se um novo ciclo, podendo ser representado graficamente por uma figura hexagonal.



Quando, se ao invés da categoria *dissensão*, tivermos a categoria *assimilação*, não ocorre uma nova *perseguição* o grupo acaba sendo absorvido e acomodado pela cultura dominante.

Assim, temos: *perseguição* --- PRODUZ --- *dispersão* --- PRODUZ --- *difusão* --- PRODUZ --- *adesão* --- PRODUZ --- *oposição* --- PRODUZ --- *acomodação*. E o processo é interrompido, não acontecendo uma nova *perseguição*. Essa estrutura pode ser representada graficamente por uma figura linear.



Em outras palavras, um grupo protestante é *perseguido* por causa da sua fé e é *disperso*, esse grupo disperso vai *difundindo* a sua fé e essa difusão leva a conversão e *adesão* à nova fé e essa adesão de novos grupos, produz *oposição* e intolerância à nova fé, surge então, duas opções: *divergência* da opinião do grupo dominante e enfrentamento, que provoca *nova perseguição*, ou *conformação* com o grupo dominante, que provoca *assimilação*, onde o grupo é absorvido ou fundido em outro grupo.

Encontramos esse modelo, no relato bíblico do movimento missionário da igreja primitiva, no livro de Atos dos Apóstolos. Considerando que o Protestantismo é um movimento que considera como referencial para o exercício da fé, com a máxima *sola scriptura*, indicando submissão à autoridade dos seus ensinamentos, acima de qualquer tradição humana. Sendo um símbolo do protestantismo em todas as épocas, resolvemos utilizá-la

como referencial teórico, além dos demais relatos dos grupos de refugiados no decorrer da história da igreja.

É importante notar o seguinte: No primeiro século não havia protestantismo, uma vez que este surgiu historicamente, somente no século XVI, mas havia cristianismo, cuja mensagem, na sua essência, é a mesma que o protestantismo prega. A diferença do contexto do primeiro século com os demais séculos é evidente, mas buscamos as suas semelhanças em meio a contextos diferentes, através de um paralelo entre a prática de fé dos cristãos do primeiro século e a prática de fé de Kalley , dos exilados madeirenses e dos demais grupos de refugiados.

A nossa busca, através texto bíblico, é uma busca histórica, por isso, pesquisamos um livro histórico. A introdução de Atos deixa claro que esse é o segundo livro escrito por Lucas., sendo o primeiro, o “Evangelho Segundo Lucas”. Lucas afirma escrever uma história precisa, com base em depoimentos de testemunhas oculares; os historiadores romanos sempre procederam assim. Lucas tinha boa qualificação para escrever história como um médico treinado e companheiro de viagem de Paulo e o grego escrito por Lucas revela uma pessoa culta.

Os dois volumes de Lucas foram escritos para Teófilo, um oficial romano que tinha ouvido difamação anticristã. Lucas forma repetidamente uma defesa da fé com caráter político para mostrar que o cristianismo era inofensivo, porque alguns oficiais romanos o tinham abraçado, inocente, porque juízes romanos não conseguiam encontrar base para processos e legal, porque era o verdadeiro cumprimento do judaísmo.

Primeira categoria do Protestantismo de Exílio: *Perseguição*.

Em Atos 8.1, temos o relato da 1ª. perseguição da história da igreja:

.....Naquele dia, levantou-se grande perseguição contra a igreja em Jerusalém [...]

Esta perseguição ocorreu após o martírio de Estevão. A mensagem que Estevão e o restante da igreja pregava, gerou oposição por parte dos judeus, que representava naquela época, a igreja institucional. A perseguição vem acompanhada de intolerância. O grupo perseguidor sente-se ameaçado com a presença de uma nova mensagem que pode comprometer o sistema ou o *status quo*. Os motivos que levam à perseguição de grupos, no decorrer da história, continuam sendo a intolerância e a ameaça que o grupo representa para o poder estabelecido.

A igreja católica sentia-se ameaçada com a presença de Kalley na Ilha da Madeira, não por causa da sua obra filantrópica, mas, por causa da mensagem que pregava. César, identifica como causa da perseguição contra o primeiro grupo protestante que chegou ao Brasil, os huguenotes, na Baía da Guanabara, que veio fundar aqui, a França Antártida, a consciência missionária de Portugal.

Naturalmente, como aconteceu com outras nações católicas e protestantes, essa consciência missionária tinha relação com a expansão territorial, com o colonialismo e com o aumento do poder político (CESAR, p.20).

Segunda categoria do Protestantismo de Exílio: *Dispersão*.

Em Atos 8.1 temos ainda, o relato da primeira dispersão da igreja.

[...] e todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judéia e Samaria”.

Atos 11.19 mostra o alcance que a dispersão tinha chegado.

Então, os que foram dispersos por causa da tribulação que sobreveio a Estevão se espalhou a te a fenícia, Chipre e Antioquia.

Se observarmos a história, podemos ver semelhanças em todo tipo de perseguição. Calvino saiu da França por perseguição religiosa e se tornou um exilado francês em Genebra. Assim foi também com os exilados franceses que ele pastoreou em Estrasburgo, com John Knox, que fugiu da Escócia, com os peregrinos e com os madeirenses, também era por motivo de intolerância religiosa.

Terceira categoria do Protestantismo de Exílio: *Difusão*.

Em Atos 8.4, temos o relato do que faziam aqueles que foram dispersos.

.....Entrementes, os que foram dispersos iam por toda parte pregando a palavra.

Após o relato genérico, o historiador Lucas passa a exemplificar essa difusão da mensagem cristã. Ele mostra Filipe, um daqueles refugiados, pregando em Samaria.

.....Filipe, descendo à cidade de Samaria, anunciava-lhes a Cristo (Atos 8.5).

Muitos exilados madeirenses quando foram dispersos, tornaram-se verdadeiros missionários. De Illinois, saiu madeirense para pregar a mensagem do evangelho no Brasil,

na Madeira, em Portugal e mesmo dentro dos Estados Unidos, na Califórnia e no Hawaii. Os moravianos foram pregar em vários países do mundo, os pais peregrinos, saíram da Inglaterra, passaram pela Holanda e foram para os Estados Unidos e por onde passavam, anunciavam a mensagem do evangelho.

Quarta categoria do Protestantismo de Exílio : *Adesão*.

Lucas relata o resultado da pregação ao longo de todo o livro de Atos.

.....A mão do Senhor estava com eles, e muitos, crendo, se converteram ao Senhor (Atos 11.21).

Logo depois, vemos um eunuco recebendo a mensagem e sendo batizado. É interessante que este eunuco era uma personalidade nos seus dias. Ele era tesoureiro real da rainha Candace, da Etiópia.

Então, mandou parar o carro, ambos desceram à água, e Filipe batizou o eunuco (Atos 8.38).

Quando Paulo e Barnabé anunciam o Evangelho em Antioquia, muitas pessoas aderiram à fé.

No sábado seguinte, afluiu quase toda a cidade para ouvir a palavra de Deus (Atos 13.44).

A experiência missionária de Kalley foi excepcional neste aspecto, como resultado da sua mensagem. Estima-se que 2 mil madeirenses que deixaram a Ilha, após 1846, foram pessoas que aceitaram o evangelho através da pregação de Kalley. O movimento metodista

experimentou um crescimento espantoso, tanto na Inglaterra, como nos estados Unidos, nos dias de Wesley.

Quinta categoria do Protestantismo de Exílio: *Oposição*.

Em Atos 13.45 percebemos os motivos que levam um grupo à oposição.

Mas os judeus vendo as multidões, tomaram-se de inveja e, blasfemando, contradiziam o que Paulo falava.

Dentro dessa estrutura de categoria, existem dois tipos de oposição: A oposição por parte daqueles que não aceitam a mensagem e os conflitos que surgem entre os que aceitam a mensagem, por diferenças de ponto de vista, sobre determinada questão de caráter religioso. Atos 18.12-13 mostra como o poder religioso busca ajuda no poder civil, para legitimar os seus atos.

Quando, porém, Gálio era procônsul da Acaia, levantaram-se os judeus concordemente, contra Paulo e o levaram ao tribunal, dizendo: Este persuade aos homens a adorar a Deus por modo contrário a lei.

Gálio era uma autoridade, e os judeus tentaram, através de uma acusação, ganhar o seu apoio. Isso aconteceu na Madeira, quando a igreja católica procurava fazer o mesmo com Kalley e só não conseguiu porque o Imperador D. Pedro II, tinha uma posição liberal em relação à religião oficial e pela rede de relacionamento que Kalley mantinha na corte. Também é importante verificar que existem motivos reais para a oposição e existem motivos alegados pa buscava mobilizar as autoridades civis, contra os hereges calvinistas e no Brasil,

quando a igreja católica procurava fazer dele ganhar o apoio visando caracterizar o protestantismo de exílio.

Por esse tempo, houve grande alvoroço acerca do caminho. Pois um ourives, chamado Demétrio que fazia, de prata, nichos de Diana e que dava muito lucro aos artífices, considerava-os juntamente com os outros da mesma profissão, disse-lhes: senhores, sabeis que deste ofício vem a nossa prosperidade (Atos 19.23-25).

Percebe-se que o real motivo daquela oposição era a ameaça de terem prejuízo, por causa da conversão de muitos moradores de Éfeso e isso poderia trazer prejuízo para os seus negócios, pois, os convertidos não comprariam mais os nichos de um ídolo. Prosseguindo o texto bíblico diz:

[...] e estais vendo e ouvindo que não só em Éfeso, mas em quase toda a Ásia, este Paulo tem persuadido e desencaminhado muita gente, afirmando não serem deuses os que são feitos por mãos humanas. Não somente há o perigo de a nossa profissão cair em descrédito, como também o de o próprio templo da grande deusa, Diana, ser estimado em nada, e ser mesmo destruída a majestade daquela que toda a Ásia e o mundo adoram (Atos 19.26-27).

Aqui temos a razão alegada para a oposição. Eles afirmaram que Paulo tinha persuadido e desencaminhado muita gente. Kalley também era acusado de herege e que as bíblias que ele distribuía eram adulteradas. Em Éfeso, a multidão encheu-se de furor e começaram a gritar palavras de ordem, aclamando a deusa Diana.

.... Ouvindo isto, encheram-se de furor e clamavam: "grande é a Diana dos Efésios!" (Atos 19.28).

A população católica na Madeira foi incitada pelos padres contra os protestantes, e no dia 9 de agosto de 1846, o “dia de São Bartolomeu” da Ilha eles também diziam palavras de ordem, parecidas com essas dos efésios. Era uma missa à padroeira, Nossa Senhora do Monte. Eles diziam “longa vida à Nossa Senhora do Monte”; “morte aos calvinistas” “Longa vida à Santa Madre Igreja”; “Morte aos leitores da Bíblia”; “morte a Kalley – o lobo da Escócia”. O desfecho de Éfeso foi diferente da Madeira, porque o escrivão da cidade de Éfeso apazigou a multidão, dizendo que se alguém tivesse alguma acusação contra Paulo, deveria fazê-lo dentro da lei e a multidão foi desfeita. Quanto à Madeira, acabou com a perseguição violenta resultando na saída de Kalley e o exílio de mais de 2 mil madeirenses.

Também fazendo parte da categoria *oposição*, mas entre os que aceitam a mensagem e aderem à fé, temos os *conflitos*, marcados por posições diferentes sobre determinado assunto. O conflito não solucionado enfraquece o movimento e provoca divisões no grupo. Na igreja primitiva, temos uma questão étnica. A nova igreja era formada por pessoas de raças diferentes. Judeus e gentios. Os judeus cristãos ensinavam aos gentios que, para alcançar o favor de Deus, eles deveriam praticar o rito judaico da circuncisão.

Alguns indivíduos que desceram da Judéia ensinavam aos irmãos: “se não vos circuncidardes segundo o costume de Moisés, não poderei ser salvos” (Atos 15.1).

Isso gerou um conflito, porque Paulo e Barnabé não concordavam com aquela posição dos judeus, embora, eles também fossem judeus.

Tendo havido da parte de Paulo e Barnabé, contenda e não pequena discussão com eles, resolveram que esses dois e alguns outros dentre eles subissem a Jerusalém, aos apóstolos e presbíteros, com respeito a esta questão (Atos 15.2).

Os apóstolos e os presbíteros se reuniram para examinar a matéria e discutiram o assunto. Houve debate, Pedro fez as considerações e no final, a decisão foi dada por intermédio de Tiago.

Pelo que, julgo eu, não devemos perturbar aqueles que, dentre os gentios, se convertem a Deus (Atos 15.19).

Ou seja, resolveu-se que os gentios não precisavam passar pela circuncisão para serem verdadeiros cristãos. As igrejas de Illinois enfrentaram conflitos envolvendo questão de batismo e de casamento. E isso levou a divisão das igrejas, tanto em Springfield, como em Jacksonville. O próprio Kalley entrou em controvérsia com o pastor Antônio de Mattos acerca do re-batismo. O conflito entre ambos era marcado por diferentes posições teológicas. Na igreja do Rio de Janeiro, Kalley tinha o costume de reunir os membros, discutir os assuntos e deliberar. SE ele tivesse alguma dúvida, deixava a matéria sem decisão, certamente que iria ponderar ou estudar melhor, e depois decidir.

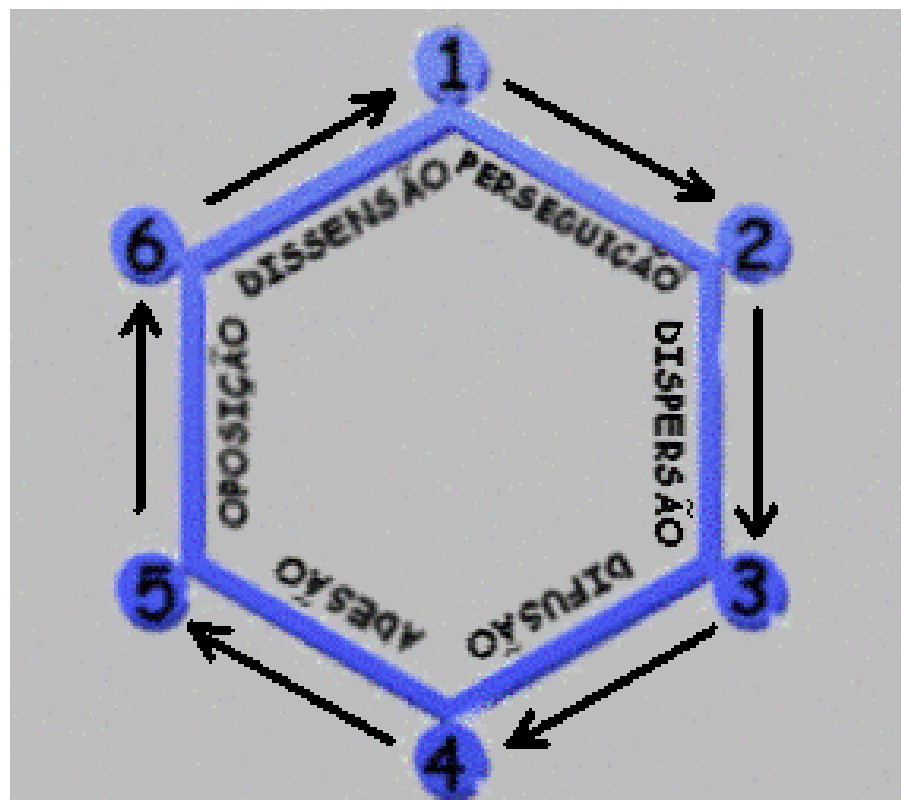
Sexta categoria do Protestantismo de Exílio: *Dissensão*.

A *dissensão* é o enfrentamento, em relação à *oposição*. Quando Paulo foi açoitado por varas e preso em Filipos, em sua segunda viagem missionária, ele exigiu que as autoridades fossem pessoalmente para soltá-lo da prisão, porque os pretores haviam enviado oficiais de justiça. Ele alega que era um cidadão romano e havia sido açoitado sem ter um processo formal contra ele. Os pretores, quando souberam que ele era um cidadão romano, ficaram com medo, porque fizeram algo ilegal e foram pessoalmente na prisão e pediram desculpas a ele, mas pediram que ele deixasse a cidade. (Atos 16.35-39). Kalley sempre buscou, nas autoridades civis e militares, auxílio para que eles viessem a protegê-lo a ele e a comunidade

protestante, contra as ameaças e violências causadas pela intolerância. Ele procurava argumentar em sua defesa, utilizando-se das leis do próprio país onde se encontrava.

A partir desta fase, começa a perseguição ou não, quando ocorre a *assimilação* ou a acomodação, que constitui em uma forma de aceitação da Religião Oficial, e com o tempo, aquele grupo é descaracterizado e desaparece, fundindo-se em novos grupos.

Representação Simbólica do Protestantismo de Exílio



Representação Hexagonal
(Representa o Protestantismo de Exílio)



Representação Linear
(Representa o Protestantismo Histórico)

7 CONCLUSÃO

Ao tentar caracterizar o protestantismo de exílio, deixamos de considerar as características marcantes do ministério de Kalley, como a sua autonomia e independência, as suas estratégias missionárias, como culto doméstico, a prática da medicina e da alfabetização e o trabalho de colportagem, o culto mais aberto com ênfase na pregação evangelística no uso de hinos que apresentam a mensagem do evangelho, a sua luta pelos direitos civis, enfim tudo aquilo que era característico na sua forma de ser e de pensar, que refletia na sua práxis pastoral.

Todos esse elementos estão inseridos nas categorias do protestantismo de exílio, de forma bem particular, diferenciando-o de outros modelos ou tipos de protestantismo. Assim, ao tratarmos de difusão, não podemos deixar de ressaltar que o mais importante não é quanto ao tipo de mensagem que deve ser apresentada, porque todo tipo de protestantismo deve ser rigoroso em relação a este aspecto. A única mensagem é o evangelho na sua pureza e integridade, mas a ênfase está na forma como essa mensagem se dá e esse é um dos aspectos que faz a diferença neste tipo de protestantismo.

O protestantismo de exílio é marcado pela mobilidade e expansão, é um protestantismo renovado, alegre, jovial, marcado pelo entusiasmo, pelo vigor, ausente muitas vezes, no protestantismo histórico. É um protestantismo marcado por lutas, por sacrifícios e por sofrimentos, mas existe convicção, ousadia e prontidão para servir. A difusão do

evangelho é feito de forma simples natural e informal, cuja ênfase não está em estruturas, mas, em pessoas e em reuniões alegres e festivas, cheias de sentido e de vida.

Falando sobre as comemorações do 30º. aniversário da chegada dos madeirenses em Illinois, Ferreira Fernandes falando da festa de confraternização em que se reuniram em Jacksonville, em 1879 todas as igrejas portuguesas da região e dá para sentir, junto com eles aquele momento de alegria e fraternidade. Vale a pena lembrar desse evento histórico que caracteriza bem essa vivência de um povo que praticou um protestantismo de exílio:

“Apesar da divisão religiosa, os exilados madeirenses sentiam-se o povo de Deus que tinham chegado à Terra Prometida. Em 1879, as comemorações da partida do Funchal foram grandiosas. Jacksonville juntou milhares de pessoas no seu terreno de feira. De Springfield veio um comboio com treze carruagens. Um coro de três igrejas portuguesas de Jacksonville e das duas de Springfield cantou canções portuguesas. O Jacksonville Daily Journal fez algum esforço para não se enganar nos títulos que ouviu: “Avante! Avante!”, “Oh Como é Agradável”. As boas-vindas foram dadas por Julian sturtevant, o presidente do Illinois College que recebera os primeiros portugueses, trinta anos antes. Cantou-se Um Doce Adeus.

E no fim, falou o Reverendo Emanuel N. Pires: Uma grande convulsão moral aconteceu na Madeira há uma geração, o que atirou este povo para as praias da América. Eles cresceram com Jacksojville e estão fortemente ligados a ela, amam-na, é a sua casa. De trinta anos de contato com as influências e instituições americanas, eles tornaram-se diferentes dos portugueses da Europa. Devem guardar os elementos próprios do caráter português, como serem trabalhadores e humanos, respeitando todos os homens, brancos ou negros, defender a família, não aceitando o divórcio, a mulher escolhida é para a vida toda. Mas também devem cultivar as qualidades dos americanos: ter mais, pensar mais, dar atenção à nação e ao mundo. O melhor perfil que retrata Kalley em toda a sua integridade talvez seja do professor Braga, a quem faço minhas as suas palavras: Um Kalley reformador e profeta, independente de

denominacionalismos e afeito aos diálogos ecumênicos, aberto quanto a questões secundárias e firme nas essenciais como o batismo e aceia, tolerante e não dogmático, contundente ante às questões sociais de seu tempo como o escravismo, dependente e acolhedor das lideranças chamadas “leigas” e femininas e não clericalista. Sua ação profética incidia nos limites políticos e culturais da época, afetava as instituições que sustentavam o seu mundo, colocava o Evangelho nas brechas e nas contradições dos arranjos humanos e sociais. Apesar de ser um homem sujeito aos mesmos sentimentos que todos nós e encontrar-se inserido inteiramente em seu tempo, Kalley foi um inconformado com aquele seu século. Pensamos que, tanto Kalley como os exilados madeirenses em Illinois, viveram uma fé nos moldes de um protestantismo de exílio.

7 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Joãozinho Thomaz de. *Calvino e sua Herança*. Vitória: Gráfica Ita, 1996.

BAILLIE, The Rev John. *Memoir of the Rev W. H. Heeiton*. New York : Robert Carter & Brothers, 1851.

BERGER, Peter L.. *O Dossel Sagrado: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião*. São Paulo: Paulus, 4^a. ed. 2003.

BLACKBURN, Rev. W. M. *The Exiles of Madeira*. Philadelphia: Presbyterian Board of Publication, 1880.

BOISSET, Jean. *História do Protestantismo*. Tradução Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

CARDOSO, Douglas Nassif. *Robert Reid Kalley: Médico, Missionário e Profeta*. São Bernardo do Campo: Ultimato, 2001.

CARDOSO, Douglas Nassif. *Práticas Pastorais: Do Pioneiro na Evangelização do Brasil*. 2.ed. São Bernardo do Campo: Gráfica Potyguara, 2005.

CARDOSO, Douglas Nassif. *Sarah Kalley: Missionária Pioneira na Evangelização do Brasil*. São Bernardo do Campo: Gráfica Potyguara, 2005.

CARDOSO, Manuel P. *Por Vilas e Cidades: Notas para a História do Protestantismo em Portugal*. Lisboa: Seminário Evangélico de Teologia, 1998.

CÉSAR, Elben M. Lenz. *História da Evangelização do Brasil: Dos Jesuítas aos Neopentecostais*. Viçosa: Ultimato, 2000.

COSTA, Hermisten Maia Pereira. *Raízes da Teologia Contemporânea*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

DAGAMA, João Fernandes. *Perseguição dos Calvinistas da Madeira*. São João do Rio Claro: Typografia a Vapor de Magalhães & Gerlach, 1896.

DARTIGUES, André. *O Que é a Fenomenologia?* São Paulo: Centauro, 2002.

D'AUBIGNÉ, J. H. Merle. *História da Reforma do Décimo-Sexto Século*. Vol. 1 a 6. São Paulo: CEP, 1996.

DIAS, Jorge. *O Essencial sobre os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004.

ELWELL, Walter A (Ed.). *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. Vol 1 a 3. São Paulo: Vida Nova, 1988.

FERNANDES, Ferreira. *Madeirenses Errantes*. Lisboa: Oficina do Livro, 2004.

FORSYTH, William B. *The Wolf from Scotland: The story of Robert Reid Kalley – pioneer missionary*. England: Evangelical Press, 1988.

FORSITH, William B. *Jornada no Império: Vida e Obra do Dr. Kalley no Brasil*. São José dos Campos: Fiel, 2006.

GONZALEZ, Justo L. *A Era dos Reformadores: Uma História Ilustrada do Cristianismo*. Vol 6. Tradução Itamir N. de Souza. São Paulo: Vida Nova, 1995.

HILLERBRAND, Hans J. (Ed.). *The Oxford Encyclopedia of the Reformation*. Vol 1 a 4. New York: Oxford University Press, 1996.

LANGUM, David J. *De Mattos and The Madeira Community In Illinois*. Sanford: Birmingham, 2005.

LESSA, Vicente Themudo. *Calvino Sua Vida e Obra*. São Paulo: Gráfica Cruzeiro do Sul, 1934.

LUZ, Waldyr Carvalho. *John Knox: O Patriarca do Presbiterianismo*. 1.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

MATOS, Alderi S. *Os Pioneiros Presbiterianos do Brasil (1859 – 1900): Missionários, Pastores e Leigos do Século 19*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O Celeste Porvir: A Inserção do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Aste, 1995.

MCGRATH, Alister. *A Vida de João Calvino*. Tradução Maria Lopes, 1.ed. em português. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

MOREIRA, Eduardo. *Crisóstomo Português: Elementos para a História do Púlpito*. Carcavelos: Junta Presbiteriana de Cooperação em Portugal, 1957.

MOREIRA, Eduardo. *Vidas Convergentes*. Carcavelos: Junta Presbiteriana de Cooperação em Portugal, 1958.

NICHOLS, Robert Hastings. *História da Igreja Cristã*. 10.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 1997.

NORTON, Rev Herman. *Record Of Facts Concerning the Persecutions at Madeira*. New York: The American and Foreign Christian Union, 1849.

ROMERO, Emílio. *Neogênese—O desenvolvimento pessoal mediante a psicoterapia*. São Paulo: N. Horizontes, 2001.

TESTA, P. MICHAEL. *O Apóstolo da Madeira (Dr. Robert Reid Kalley)*. Lisboa: Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal, 1963.

8 APÊNDICE

DOCUMENTOS MOSTRANDO OS LOCAIS DA PESQUISA

Folha 01 – Carta de Apresentação ao prof. Dimas de Almeida, da Univ. Lusófona - Portugal

Folha 02 – Carta do prof. Dimas de Almeida à Coord do curso de Ciências da Religião

Folha 03 – Carta Declaração do prof. Paulo Mendes Pinto da Universidade Lusófona

Folha 04 – Carta da Torre do Tombo à Coordenação do curso de Ciências da Religião

Folha 05 – Carta de Apresentação ao Consulado Americano em São Paulo

- Folha 06 – Carta de Apresentação às Comunidades Presbiterianas de Springfield
- Folha 07 – Carta de Apresentação à Igreja Presbiteriana Northminster em Jacksonville
- Folha 08 – Carta de Apresentação à Faculdade Illinois em Jacksonville
- Folha 09 – Carta da Biblioteca JKM da Universidade de Chicago - Illinois
- Folha 10 – Carta da Biblioteca Pública Lincoln, de Springfield- Illinois
- Folha 11 – Carta da Biblioteca Presidencial Abraão Lincoln, de Springfield - Illinois
- Folha 12 – Carta da Biblioteca Pública de Jacksonville - Illinois
- Folha 13 - Carta da Biblioteca da Faculdade Illinois, de Jacksonville - Illinois
- Folha 14 – Carta da Universidade Samford, de Birmingham- Alabama
- Folha 15 – Igreja Presbiteriana na Ilha da Madeira - Portugal